



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N°. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

## **Maternidade em Contexto de Cárcere: Trajetória de Vida, Experiências Adversas na Infância, Forças de Caráter e Crescimento Pós-Traumático**

Alice Fernandes dos Santos Sousa

Belém – Pará  
2026



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias Nº. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

## **Maternidade em Contexto de Cárcere: Trajetória de Vida, Experiências Adversas na Infância, Forças de Caráter e Crescimento Pós-Traumático**

Alice Fernandes dos Santos Sousa

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Castro dos Reis

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celina Maria Colino de Magalhães

Belém – Pará  
2026

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**UFPA/Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento - BIBLIOTECA**

---

S725m      Sousa, Alice Fernandes dos Santos, 2000-  
              Maternidade em contexto de cárcere: trajetória de vida, experiências adversas na infância, forças de caráter e crescimento pós-traumático / Alice Fernandes dos Santos Sousa. — 2026.  
              144f.: il.

              Orientadora: Daniela Castro dos Reis  
              Coorientadora: Celina Maria Colino Magalhães  
              Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2026.

              1. Análise do comportamento. 2. Desenvolvimento humano. 3. Maternidade no cárcere (trajetória de vida). 4. Maternidade (Sistema prisional). I. Título.

CDD - 23. ed. 365.6

---

Catálogo na fonte: Maria Célia Santana da Silva – CRB-2/780

**O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de  
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)  
- Código de Financiamento 001.**

**This study was financed in part by the Coordenação de  
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)  
- Finance Code 001.**

**Alice Fernandes dos Santos Sousa, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do  
Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil.**

**Contato: Alice Fernandes dos Santos Sousa**

**Mail: [alice.psi.profissional@gmail.com](mailto:alice.psi.profissional@gmail.com)**



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N°. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

## **Defesa de Mestrado**

**“Maternidade em Contexto de Cárcere: trajetória de vida, experiências adversas na infância, forças de caráter e crescimento pós-traumático.”**

**Aluna: Alice Fernandes dos Santos Sousa.**

**Data da Defesa: 26 de março de 2026.**

**Resultado: Aprovada.**

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Daniela Castro dos Reis (orientadora – UFPA).

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Celina Maria Colino Magalhães (coorientadora – UFPA).

---

Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup> Marck de Souza Torres (membro 1 – UFAM).

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Natália Fernandes (membro 2 – UMinho).

**Termo de Autorização e Declaração de Distribuição não exclusiva para Publicação Digital no Repositório Institucional da UFPA**

**IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA**

Autor\*: Alice Fernandes dos Santos Sousa

Vínculo com a UFPA: ( ) Servidor; ( X ) Discente  
Comportamento

Unidade: Núcleo de Teoria e Pesquisa do

Sub Unidade: Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Tipo do documento: ( ) Tese; (X) Dissertação; ( ) Livro; ( ) Capítulo de Livro; ( ) Artigo de Periódico; ( ) Trabalho de Evento; ( ) Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

Título do Trabalho: Maternidade em Contexto de Cárcere: trajetória de vida, experiências adversas na infância, forças de caráter e crescimento pós-traumático."

Data da Defesa: 26/ 03/ 2026 Área do Conhecimento: Desenvolvimento Humano

Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Superior- Brasil (CAPES)

\*Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada.

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA**

O referido autor:

- Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal do Pará os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros, está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal do Pará, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPA a disponibilizar de acordo com a licença pública *Creative Commons* Licença 3.0 *Unported*, e de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra citada, conforme permissões abaixo por mim assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a partir desta data.

Permitir o uso comercial da obra?

(X) Sim

( ) Não

Permitir modificações em sua obra?

(X) Sim, contanto que compartilhem pela mesma licença

( ) Não

O documento está sujeito ao registro de patente?

( ) Sim

(X) Não

A obra continua protegida conforme a Lei Direito Autoral.

Belém(PA), 12/06/2026

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos do Autor

Documento assinado digitalmente  
 ALICE FERNANDES DOS SANTOS SOUSA  
Data: 12/06/2026 15:58:06-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Sousa, A. F. dos S. (2026). Maternidade em Contexto de Cárcere: Trajetória de Vida, Experiências Adversas na Infância, Forças de Caráter e Crescimento Pós-Traumático. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil. 144 p.

## RESUMO

As pesquisas relacionadas a temática do cárcere, sejam a nível nacional ou internacional, são pouco voltadas para as características da população feminina encarcerada, especialmente se tratando das mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos presentes nesse contexto e de suas características psicológicas. O sistema carcerário foi criado inicialmente para atender as necessidades de uma população predominantemente masculina, porém, a população feminina encarcerada está aumentando exponencialmente na última década, com o Brasil ocupando o terceiro lugar no ranking de países que mais encarceram mulheres. Com esse aumento do encarceramento feminino, fica cada vez mais evidente que as necessidades particulares dessa população estão sendo negligenciadas e que as mulheres que vivenciam a maternidade em contexto de cárcere sofrem com as violações de direitos e com condições precárias. Dessa forma, para melhor compreensão e melhor gestão desse público dentro do sistema, se faz necessário identificar suas características com foco em suas trajetórias de vida. Essa pesquisa faz parte do projeto Mães e Crianças em Contexto de Cárcere: Trajetórias de Vida, Práticas de Cuidados e Rede de Apoio, que acontece no Brasil e em Portugal. O objetivo desta pesquisa é analisar a Trajetória de Vida, por meio das Experiências Adversas na Infância e das características psicológicas (Forças de Caráter e Crescimento Pós-Traumático), em mulheres grávidas ou que se encontram no cárcere acompanhadas de seus filhos. O estudo é transversal, descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa e qualitativa. Os dados expostos nesse estudo incluem 347 registros de dados biopsicossociais coletados ao longo de uma década, entre 2014 e 2024, o que foi possível através da realização de diversos projetos na Unidade Materno Infantil da Unidade de Custódia e Reinserção Feminina do município de Ananindeua, região Metropolitana de Belém, com parceria com a Universidade Federal do Pará; além de uma amostra de conveniência composta por um grupo de 17 participantes gestantes ou acompanhadas de seus filhos presentes na unidade no ano de 2025. Os instrumentos utilizados foram: Censo dos atendimentos realizados pelo projeto “manutenção da brinquedoteca ‘bebê contente’”; Questionário de Caracterização Biopsicossocial e Trajetória de Vida – Maternidade no Cárcere, desenvolvido pela autora; o Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância, adaptado para uso no Brasil; Escala de Forças de Caráter, adaptada para uso no Brasil, e o Inventário de Crescimento Pós-Traumático, adaptado para uso no Brasil. Foram realizadas análises exploratórias e correlacionais (*Spearman*). Estudar essa população é indispensável para compreender a intensificação de seu encarceramento e seus desafios, a fim de que ocorram mudanças no sistema carcerário que propiciem um tratamento mais digno para essas mulheres e seus filhos inseridos nesse contexto.

**Palavras-chave:** Cárcere; Maternidade; Unidade Materno Infantil

Sousa, A. F. dos S. (2026). *Motherhood in the Context of Incarceration: Life Course, Adverse Childhood Experiences, Character Strengths, and Post-Traumatic Growth*. Master's Thesis, Graduate Program in Theory and Research of Behavior. Federal University of Pará, Belém-PA, Brazil. 144 pages.

## ABSTRACT

Research on the topic of incarceration, both at the national and international levels, rarely focuses on the characteristics of the incarcerated female population, especially regarding pregnant women or women accompanied by their children in this context and their psychological characteristics. The prison system was initially created to meet the needs of a predominantly male population; however, the incarcerated female population has increased exponentially over the past decade, with Brazil ranking third among the countries that incarcerate the most women. With the rise in female incarceration, it has become more evident that the specific needs of this population are being neglected and that women who experience motherhood in the prison context suffer from violations of rights and precarious conditions. Thus, for a better understanding and improved management of this population within the system, it is necessary to identify their characteristics, with a focus on their life courses. This research is part of the project Mothers and Children in the Prison Context: Life Course, Care Practices, and Support Networks, which takes place in Brazil and Portugal. The aim of this study is to analyze life courses by examining Adverse Childhood Experiences and psychological characteristics (Character Strengths and Post-Traumatic Growth) among pregnant women or women accompanied by their children in prison. The study is cross-sectional, descriptive, and exploratory, with a quantitative and qualitative approach. The data presented in this study include 347 records of biopsychosocial data collected over a decade, between 2014 and 2024, made possible through the implementation of several projects at the Mother and Child Unit of the Female Custody and Reintegration Unit in the municipality of Ananindeua, in the Metropolitan Region of Belém, in partnership with the Federal University of Pará, as well as a convenience sample composed of a group of 17 pregnant participants or women accompanied by their children who were present at the unit in 2025. The instruments used were: the Census of services provided by the project “Maintenance of the ‘Bebê Contente’ Playroom”; the Biopsychosocial Characterization and Life Course Questionnaire – Motherhood in Prison, developed by the author; the International Adverse Childhood Experiences Questionnaire, adapted for use in Brazil; the Character Strengths Scale, adapted for use in Brazil; and the Post-Traumatic Growth Inventory, adapted for use in Brazil. Exploratory and correlational analyses (Spearman) were conducted. Studying this population is indispensable for understanding the intensification of their incarceration and the challenges they face, in order to promote changes in the prison system that provide more dignified treatment for these women and their children within this context.

**Keywords:** Incarceration; Motherhood; Maternal-Infant Unit

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                               |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Faixada externa da UMI.....                                                         | 39 |
| Figura 2: Visão do portão de acesso a UMI.....                                                | 39 |
| Figura 3: Visão da brinquedoteca .....                                                        | 39 |
| Figura 4: Visão da área externa da UMI.....                                                   | 39 |
| Figura 5: Visão de leitos da UMI.....                                                         | 40 |
| Figura 6: Corredor principal da UMI .....                                                     | 40 |
| Figura 8: Quadro comparativo com os principais fatores de risco entre os quatro casos.....    | 95 |
| Figura 9: Quadro comparativo com os principais fatores de proteção entre os quatro casos..... | 99 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                              |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1: Dados acerca da Faixa Etária de mulheres presentes na UMI de 2014 a 2024.....                      | 52 |
| Tabela 2: Dados acerca do recebimento de Visitas de mulheres presentes na UMI de 2014 a 2024.....            | 54 |
| Tabela 3: Dados acerca da Raça/Cor autodeclarada por mulheres presentes na UMI de 2014 a 2024.....           | 56 |
| Tabela 4: Dados acerca do Grau de Escolaridade de mulheres presentes na UMI de 2014 a 2024.....              | 57 |
| Tabela 5: Dados acerca da Naturalidade de mulheres presentes na UMI de 2014 a 2024 .....                     | 59 |
| Tabela 6: Dados acerca da Multiparidade de mulheres presentes na UMI de 2014 a 2024 .....                    | 60 |
| Tabela 7: Características Biológicas da amostra .....                                                        | 62 |
| Tabela 8: Características Psicológicas da amostra.....                                                       | 66 |
| Tabela 9: Características Sociais da amostra .....                                                           | 69 |
| Tabela 10: Estatísticas descritivas das Experiências Adversas na Infância.....                               | 76 |
| Tabela 11: Frequência do escore total de exposição a Experiências Adversas na Infância .....                 | 76 |
| Tabela 12: Frequência das Experiências Adversas na Infância.....                                             | 77 |
| Tabela 13: Estatísticas descritivas das Forças de Caráter .....                                              | 80 |
| Tabela 14: Estatísticas descritivas do escore total de Crescimento Pós Traumático.....                       | 85 |
| Tabela 15: Correlações entre o escore total de Experiências Adversas na Infância e as Forças de Caráter..... | 87 |
| Tabela 16: Correlações entre o escore total de EAI e o escore total de Crescimento Pós-Traumático .....      | 89 |

## SUMÁRIO

|                                                                                        |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Apresentação .....</b>                                                              | <b>11</b>  |
| <b>Mulheres e a Maternidade em Contexto de Cárcere.....</b>                            | <b>14</b>  |
| <b>Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e as Mães em Contexto de Cárcere.</b> | <b>16</b>  |
| <b>Trajetória de Vida .....</b>                                                        | <b>19</b>  |
| <b>Características Biológicas de Mulheres e Mães no Cárcere.....</b>                   | <b>21</b>  |
| <b>Características Psicológicas de Mulheres e Mães no Cárcere .....</b>                | <b>23</b>  |
| <b>Características Sociais de Mulheres e Mães no Cárcere .....</b>                     | <b>33</b>  |
| <b>Método.....</b>                                                                     | <b>37</b>  |
| Delineamento.....                                                                      | 37         |
| Participantes.....                                                                     | 37         |
| Contexto .....                                                                         | 38         |
| Considerações éticas .....                                                             | 40         |
| Instrumentos .....                                                                     | 40         |
| Procedimentos de coleta de dados.....                                                  | 46         |
| Procedimentos de análise de dados .....                                                | 48         |
| <b>Resultados e Discussão.....</b>                                                     | <b>51</b>  |
| <b>Considerações Finais .....</b>                                                      | <b>102</b> |
| <b>Referências.....</b>                                                                | <b>104</b> |
| <b>Anexos .....</b>                                                                    | <b>124</b> |

## **Apresentação**

O sistema carcerário foi criado inicialmente com a intenção de atender as necessidades de uma população carcerária predominantemente masculina, dessa forma, as complexas necessidades da população feminina presente no cárcere são muitas vezes negligenciadas, como apontou a World Health Organization (WHO, 2009). A maternidade em contexto de cárcere tem suas particularidades e desafios próprios e se faz necessário entender esse contexto para que se possa entender as mulheres grávidas, puérperas ou que estão inseridas em contexto de cárcere junto a seus filhos.

Se as necessidades da população carcerária feminina em geral não são atendidas, fica evidente que a maternidade no cárcere apresenta desafios ainda maiores, as mães não recebem a assistência médica necessária ou um tratamento digno e esse contexto precário, de violações de direitos e privação de liberdade, não pode ser ignorado como influência, muitas vezes negativa, para o bem-estar durante a gravidez, o puerpério ou a estadia como um todo de mulheres e de seus filhos dentro do cárcere (Chaves & Araújo, 2020).

As pesquisas relacionadas a temática do cárcere, sejam a nível nacional ou internacional, são pouco voltadas para a forma com que os problemas estruturais inerentes do sistema carcerário afetam as mulheres e em especial as mães encarceradas, também são raras as pesquisas que tratam da trajetória de vida dessas mulheres, bem como das características desse público, porém, esses são tópicos merecem maior foco de investigações.

Diante dessa realidade, esse projeto tem como objetivos analisar a Trajetória de Vida, por meio das Experiências Adversas na Infância e das características psicológicas (Força de Caráter e Crescimento Pós-Traumático), em mulheres grávidas ou que se encontram no cárcere acompanhadas de seus filhos, considerando suas características biopsicossociais e seu histórico de vida como um conjunto de fatores que pode ter levado a suas condições atuais, como discutido pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie

Bronfenbrenner e seu modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (Modelo PPCT), a fim de compreender esse público, tendo em vista o crescimento da população carcerária feminina e a realidade enfrentada por essas mulheres.

A possibilidade de realizar estudos acerca das mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos em situação de cárcere se deu quando a assistência a essas mulheres no Estado do Pará foi oficializada em março de 2013, com a inauguração da Unidade Materno Infantil (UMI) da Superintendência do Sistema Penitenciário do Pará (SUSIPE). Inicialmente, a UMI funcionava em uma casa residencial alugada pelo Governo do Estado, localizada no município de Ananindeua, nas proximidades da Unidade de Custódia e Reinserção Feminina (UCRF).

Após um representante da Defensoria Pública do Estado convidar professores do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), para conhecerem a Unidade durante a semana da amamentação, foi consolidada uma parceria que possibilitou o desenvolvimento de projetos no local, associados ao PPGTPC da UFPA. Entre as ações implementadas na UMI, destacou-se a criação de uma brinquedoteca móvel, que passou a oferecer brinquedos e materiais diversos que podem ser utilizados pelas mães e seus bebês. A primeira dissertação desenvolvida no local foi de Okada (2016), integrante do LED, sob o título "Maternidade no cárcere: cuidados básicos".

É pertinente salientar que as investigações a respeito do cárcere foram incorporadas pelo Grupo de Estudos de Autores de Violência (GEAV), anteriormente EASCA (Estudos do Agressor Sexual de Criança e Adolescente), esse grupo conta com a participação efetiva de alunos e professores da graduação e da pós-graduação do LED dentro PPGTPC da UFPA, e como tal, vem suscitando discussões sobre autores de violência e ou de outras infrações penais desde de sua fundação com o projeto de tese de doutorado de Daniela Castro dos Reis,

intitulado “Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes: Características Biopsicossociais e Trajetórias de Vida” desenvolvido entre os anos de 2013 e 2016, que recebeu a Menção Honrosa do Prêmio Capes (Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior).

Atualmente em sua nova estrutura, a UMI é um espaço destinado a atender as mulheres grávidas e lactantes da UCRF localizada no município de Ananindeua, onde são realizados projetos como o Projeto Universal CNPq intitulado Mães e Crianças em Contexto de Cárcere: Trajetórias de Vida, Práticas de Cuidados e Rede de Apoio, do qual essa pesquisa faz parte, que tem como coordenadora a Professora Dr. Celina Maria Colino Magalhães e como vice coordenadora a Professora Dr. Daniela Castro dos Reis, ambas da Universidade Federal do Pará, também fazem parte do projeto na UFPA, a Professora Dr. Lilia lêda Chaves Cavalcante, Professora Dr. Milene Maria Xavier Veloso e a Professora Dr. Dalizia Amaral Cruz. Na região nordeste do Brasil, participa a Professora Dr. Sandra Elisa de Assis Freire (Universidade Federal do Delta do Parnaíba).

O projeto acontece também em Portugal e participam a Professora Dr. Natália Fernandes (Universidade do Minho) e a Professora Dr. Ana Isabel Sani (Universidade Fernando Pessoa). O objetivo do projeto é analisar o contexto de cárcere como microssistema, envolvendo as díades mães/bebês e sua rede de apoio. Aprovado e financiado pelo CNPq, por três anos, envolve instituições de ensino superior em dois países (Brasil e Portugal) e engloba um conjunto de investigações feitas em universidades e localidades diferentes e com objetivos distintos, mas que se correlacionam a fim de estabelecer os principais pontos de confluência entre as análises realizadas separadamente e em conjunto dos diferentes contextos, respeitando as particularidades políticas, sociais e culturais da realidade de mulheres grávidas, puérperas ou acompanhadas de seus filhos no cárcere.

## **Mulheres e a Maternidade em Contexto de Cárcere**

Para Bucerius e Sandberg (2022), ao se tratar do encarceramento e dos prisioneiros, em geral, os estudos priorizam a população masculina, uma vez que essa população constitui de 90 a 95% da população carcerária na maioria dos países. Contudo, as investigações acerca da população carcerária feminina e de suas particularidades tornam-se cada vez mais relevantes em todo o mundo, considerando o aumento desproporcional de mulheres encarceradas nas últimas duas décadas (McMillan et al., 2021). Segundo Fair e Walmsley (2022), as mulheres representam cerca de 6,9% da população mundial encarcerada e o número de mulheres no contexto de cárcere aumentou de forma global em aproximadamente 60% desde os anos 2000, tendo o Brasil ocupado terceiro lugar no ranking de países que mais encarceram mulheres, atrás apenas dos Estados Unidos e da China respectivamente.

Diante deste cenário global, uma revisão sistemática conduzida por Baldwin et al. (2020) identificou escassez de pesquisas sobre como o ambiente carcerário atende as necessidades de mulheres grávidas ou de seus partos e apontou que o número de mulheres autoras de infração vem crescendo ao redor do mundo. Para Baldwin et al. (2020), cada vez mais ocorre o encarceramento de mulheres em idade reprodutiva, ou seja, o número de mulheres grávidas no cárcere também está aumentando, tal número varia entre os países, entretanto, é aceito de forma geral, que as mulheres grávidas no cárcere representem cerca de 5 a 10% da população carcerária feminina em cada país, grande parte dessas mulheres, cerca de 90% da população de grávidas encarceradas em cada país, também passam pelo parto enquanto estão encarceradas.

No Brasil é fundamental salientar que a capacidade do sistema carcerário está abaixo do que seria considerado adequado de acordo com a demanda, além do sistema carcerário ter sido originalmente criado visando atender a população masculina e mesmo com as mudanças

ao longo da última década ainda não se adequa às necessidades do público feminino de forma plena, como apontam os estudos de Queiroz (2015) e Fernandes (2023).

O plano nacional de Saúde no Sistema Penitenciário-Brasil foi o primeiro esforço que esclareceu como a realização do pré-natal e o controle do câncer cérvico-uterino e de mama, são importantes dentro das prisões que abrigam mulheres (Brasil, 2004). Apenas em 2009 a Lei nº 11.942/2009 (Brasil, 2009a) garantiu o acesso a saúde pelas mulheres grávidas encarceradas e aos seus filhos. Com a aprovação da lei da Lei nº 13.257/2016 (Brasil, 2016), nomeada como Marco Legal da Primeira Infância, finalmente, o país adotou como possibilidade que o juiz possa substituir a prisão provisória pela prisão domiciliar tanto para as mulheres grávidas quanto para as mulheres com filhos até 12 anos.

Segundo dados relatados pela Secretaria Nacional de Políticas Penais (SENAPPEN), em dezembro de 2023, a população prisional geral em celas físicas – população que independentemente de saídas durante o dia, para trabalho ou estudo, dormem no estabelecimento prisional, ocupando vagas – era de aproximadamente 642.491 indivíduos, sendo a população feminina geral, em celas físicas até dezembro de 2023, composta por aproximadamente 26.876 mulheres (SENAPPEN, 2023).

Dos 670.265 indivíduos registrados nas celas físicas do sistema carcerário em dezembro de 2024, foi identificado o quantitativo de 29.137 mulheres, 180 estavam gestantes e 98 eram lactantes, ou seja, apesar da Lei nº 13.257/2016 (Brasil, 2016), uma grande porção de mulheres que poderiam usufruir da prisão domiciliar continuam encarceradas, contando com 61 celas/dormitórios direcionados exclusivamente para grávidas. Também foram registrados um total de 120 filhos de internas, todos com menos de dois anos, inseridos no sistema, com um total de oito creches em todo o país e 52 berçários (SENAPPEN, 2025).

A maternidade em contexto de cárcere vai continuar existindo e os problemas inerentes a essa realidade não podem ser ignorados pela sociedade. Ao longo dos anos houve

mudanças legislativas e adaptações no sistema carcerário como a Lei nº 13.257/2016 (Brasil, 2016), a fim de melhorar a qualidade de vida dessa população, porém, apesar dos esforços ainda há muito a ser feito. É possível sinalizar a necessidade de entender as características biológicas, psicológicas e sociais das mães em contexto de cárcere, sem menosprezar o quanto essas características podem influenciar em uma gravidez saudável e um parto que favoreça tanto as mães, quanto a criança. É imprescindível perceber suas trajetórias de vida para compreender suas preocupações e fragilidades, para que se possa fornecer a elas e a seus filhos dignidade e condições saudáveis dentro e fora do sistema carcerário.

Para compreender os aspectos e condições que envolvem esse público, é fundamental considerar a interação dinâmica entre características individuais e os múltiplos sistemas ambientais que influenciam o desenvolvimento humano. Para tanto, esse trabalho se baseia na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, destacando que o desenvolvimento ocorre por meio da inter-relação entre a pessoa, os processos proximais, os contextos nos quais está inserida e o tempo (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Dessa forma, a influência das relações interpessoais, das experiências vividas e das condições ambientais deve ser analisada para compreender a trajetória dessas mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos no sistema carcerário.

### **Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e as Mães em Contexto de Cárcere**

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, considera o desenvolvimento como um processo no qual se estabelecem um conjunto de interações recíprocas entre uma pessoa e tudo que compõe o ambiente em que essa pessoa está inserida (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Em sua Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, Urie Bronfenbrenner, desenvolveu o modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (Modelo PPCT), dentro do qual, entende-se Processo como processo proximal. Os processos proximais são explicados como formas duradouras de interação entre o indivíduo e o ambiente no qual está

inserido, tais interações podem se dar com outras pessoas, objetos ou símbolos.

(Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Para o Modelo PPCT, Pessoa se refere ao indivíduo ativo, que por sua vez se divide em três níveis: força, recurso e demanda. As características pessoais de força podem ser formadoras ou disruptivas, sendo as características pessoais de força formadoras aquelas que conservam e amparam os processos proximais, como: empatia, persistência ou criatividade; já as características pessoais de força disruptivas, por sua vez, inibem ou cessam os processos proximais, como: egoísmo ou irritabilidade. As características pessoais de recurso são os aspectos físicos, cognitivos, emocionais, sociais e materiais da pessoa, que podem influenciar a participação efetiva nos processos proximais, como: habilidades ou experiências, tais características também podem inibir tal participação, como: deficiência física ou transtornos mentais. As características pessoais de demanda referem-se àquelas que podem gerar reações favoráveis ou desfavoráveis ao estabelecimento de processos proximais, como: idade, gênero ou etnia (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

O Contexto para o Modelo PPCT pode ser explicado por quatro níveis contextuais, são quatro sistemas inter-relacionados que compõem o ambiente de um indivíduo: o microssistema, o mesossistema, o exossistema e o macrossistema, todos dizem respeito ao elemento Contexto. O microssistema recebe destaque, uma vez que nele ocorrem os processos proximais, no microssistema observam-se as características dos demais níveis do contexto (mesossistema, exossistema e macrossistema), ou seja, inclui qualquer relacionamento ou organização imediata com a qual o indivíduo interaja, sejam eles família, grupos de amigos, colegas ou ambiente escolar. O mesossistema é o conjunto de microssistemas dos quais uma pessoa faz parte e as inter-relações entre esses microssistemas como entre o ambiente familiar e o ambiente escolar. O exossistema é o conjunto de ambientes dos quais o indivíduo não faz parte, mas podem o afetar indiretamente, como o

local de trabalho dos pais de uma criança. O macrossistema envolve a sociedade, valores culturais, condições econômicas, entre outros (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

O Tempo aparece no modelo teórico PPCT de Urie Brofenbrenner baseado em três conceitos relacionados às perspectivas pessoais, históricas e temporais: microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo, é o tempo imediato em que os processos proximais são estabelecidos. O mesotempo diz respeito à frequência e ao período em que os processos proximais são estabelecidos. Do ponto de vista histórico, o macrotempo corresponde a eventos históricos, que afetam não apenas indivíduos, mas também grupos maiores ou menores como guerras, crises econômicas ou mudanças de governo (Benetti et al, 2013).

Ao entender o Modelo PPCT, fica evidente que o desenvolvimento humano é resultado de suas características pessoais em interação com o ambiente, em condições específicas, dentro de um tempo e de um contexto. Essas interações recíprocas, progressivamente mais complexas, entre a pessoa em desenvolvimento e as pessoas, objetos ou símbolos presentes em seu ambiente imediato, que ocorrem de forma regular ao longo do tempo, são chamadas de Processos Proximais (Bronfenbrenner & Morris, 1998). O estabelecimento de processos proximais é fundamental para o desenvolvimento humano, pois são entendidos enquanto força propulsora do desenvolvimento, e ocupam posição central na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Souza, 2020). O estabelecimento ou não estabelecimento de processos proximais em diferentes fases da vida influenciam de modo significativo a trajetória de vida dos seres humanos (Coscioni et al, 2018).

Dessa modo, a investigação das características de mulheres que passam pela maternidade em contexto de cárcere é útil para o entendimento de suas trajetórias de vida, já que essas características podem estar relacionadas a aspectos biológicos, como seu sexo, sociais, como seus níveis de escolaridade e experiências anteriores, ou, psicológicas como

suas características de Força de Caráter ou Crescimento Pós-Traumático, o que reflete como os aspectos pessoais, do contexto, do tempo e das interações duradouras ao longo de suas vidas se influenciam mutualmente. A investigação de quem são essas mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos cárcere, se sofreram agressões físicas ou verbais e em qual fase da vida, dentre outras experiências, pode esclarecer características psicológicas específicas ligadas a esse público, assim como suas trajetórias de vida.

### **Trajetória de Vida**

Na literatura internacional ao se tratar de trajetória de vida, os estudos integram conhecimentos de diversas disciplinas: psicologia, epidemiologia e sociologia. Dentre essas disciplinas, destaca-se que, para a Psicologia do Desenvolvimento, as características biopsicológicas do indivíduo e suas formas específicas de interação ao longo do tempo dão origem aos chamados “Processos Proximais”. Esses processos atuam como mecanismos fundamentais no desenvolvimento humano, sendo eficazes na aquisição de habilidades e ou na redução/comprometimento funcional, ressaltando, que a compreensão da capacidade ou da disfunção, no entanto, deve levar em conta o contexto (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Nesse sentido, é possível afirmar que o que é considerado uma capacidade ou competência, comprometimento funcional ou disfunção, numa realidade, pode não ser em outra.

Para os estudos acerca da epidemiologia do curso de vida, é importante compreender como as exposições ao longo da trajetória de vida, especialmente nas fases iniciais, influenciam a saúde (Wagner et al, 2024). Na sociologia o estudo das atitudes, visões de mundo, crenças e valores culturais ao longo do curso de vida são fundamentais para compreender como as dinâmicas individuais contribuem para as transformações na cultura pública, que inclui discursos, instituições e símbolos compartilhados socialmente, bem como, na formação da opinião pública e em como mudanças nas condições sociais e a inserção dos

indivíduos em um determinado contexto histórico e geográfico influenciam seus estados internos ao longo da vida (Lersch, 2023).

Dessa forma, para as mulheres que estão grávidas ou acompanhadas de seus filhos dentro do cárcere, levando em consideração seu contexto de privação de liberdade, suas habilidades ou disfunções adquiridas com seus processos proximais ao longo da vida, podem estar facilitando ou dificultando sua condição atual e, da mesma forma, podem ter tido influência entre os fatores que as levaram ao cárcere. Segundo Bucerius e Sandberg (2022), mulheres aprisionadas tem em comum vidas que envolvem problemas nos relacionamentos interpessoais, vício em substâncias, vitimização anterior e desemprego. Nota-se que a população encarcerada apresenta um número elevado de Experiências Adversas na infância (EAIs), em particular a população feminina, principalmente se tratando de abuso sexual na infância (Caravaca-Sánchez et al., 2019).

O Estudo de Felitti et al. (1998) realizado em San Diego pelo Departamento de Medicina Preventiva da Kaiser Permanente, em colaboração com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC) investigou EAIs e é considerado um marco na investigação dos efeitos da exposição ao abuso e à negligência na infância, identificando esses eventos como importantes fatores de risco para desfechos negativos de saúde e bem-estar ao longo da vida como alcoolismo, depressão, distúrbios alimentares, sexo inseguro, doenças cardíacas, câncer e outras doenças crônicas.

Estudos brasileiros recentes (Bettio et al., 2019; Martins et al., 2025) têm destacado a importância de compreender os chamados fatores de risco ao se tratar de desenvolvimento humano. Segundo Pereira et al (2018), os fatores de risco são variáveis como: famílias de origem disfuncional, instabilidade econômica, violência física ou sexual, contextos comunitários violentos, condições de trabalho insalubres e uso de drogas; presentes no

decorrer da vida e que contribuem para vulnerabilidade dos indivíduos, podendo promover o surgimento de problemas físicos, emocionais e sociais.

Em contraponto aos fatores de risco, estudos como o de Bettio et al (2019), apontam também, para os fatores de proteção, afirmando que esses podem minimizar os impactos dos fatores de risco, diminuindo as chances de desenvolvimento de problemas. Os fatores de proteção envolvem, então, aspectos positivos, relacionados tanto as características pessoais do indivíduo, como a autoestima, quanto aos contextos em que está inserido ou suas relações com amigos, familiares ou rede de apoio; assumindo que essas variáveis podem auxiliá-lo, contribuindo para seu fortalecimento frente as adversidades (Pereira et al., 2018).

Nesse sentido, o estudo de Pizzinato et al. (2017) analisou narrativas sobre educação e trabalho para compreensão de trajetórias de vida de 48 jovens, com idades entre 14 e 17 anos e residentes da região rural do Rio Grande do Sul, com o pressuposto de que as expectativas de futuro dessas jovens seriam permeadas por sua localização geográfica e apontou que esse contexto, atrelado ao sistema capitalista, influencia na visão sobre educação e trabalho no futuro. Para Reis (2016), a necessidade de discutir os diversos aspectos envolvidos no desenvolvimento humano vem justamente da complexidade desse conceito, que exige a busca por teorias e modelos que possam esclarecer esses diferentes fatores presentes ao longo da trajetória de vida e que influenciam no desenvolvimento, incluindo as características biológicas, a cultura, os ambientes em que uma pessoa esteve ou está inserida e suas relações.

### **Características Biológicas de Mulheres e Mães no Cárcere**

Segundo Quiroga-Carrillo et al. (2024), existem preconceitos tradicionalmente ligados a delinquência feminina e o sexismo levou estudiosos a ignorarem ou até distorcerem as especificidades dessa população ao longo das últimas décadas, ou seja, a falta de perspectiva de gênero e o fato de que mulheres representam uma minoria no sistema prisional, levaram à invisibilidade de suas necessidades e características, bem como, a

problemáticas relacionadas a essa desigualdade enquanto estão encarceradas. Nesse sentido, Paynter e Snelgrove-Clarke (2019) apontam que as mulheres entram nas prisões com cargas desproporcionais de infecções, doenças físicas e mentais. A idade da população carcerária feminina é frequentemente relatada como um fator relevante para o entendimento das especificidades de desse público, como no estudo de Baker (2021), realizado nos Estados Unidos, que destaca que as mulheres são o grupo que mais cresce sob a supervisão dos sistemas de justiça criminal, ressaltando que com mais de 225.000 mulheres encarceradas, 75% estavam em idade reprodutiva.

Diwana et al. (2017) afirmam que a maior parte das mulheres no cárcere brasileiro são jovens e ressalta que o sexo (gênero) exerce influência significativa na vida das mulheres dentro e fora do sistema carcerário, contribuindo para sua vulnerabilidade, principalmente para as mulheres que passam pela maternidade dentro desse contexto, que são ainda mais estigmatizadas. Do mesmo modo, Araújo et al. (2020) apontam que o público feminino encarcerado no Brasil é composto majoritariamente de mulheres em idade reprodutiva, sendo que grande parte desse quantitativo tiveram filhos antes do encarceramento, o que evidencia a necessidade de adaptações no sistema prisional frente as demandas específicas dessas mulheres, para garantia de seus direitos.

De acordo com as pesquisas no âmbito internacional (Quiroga-Carrillo et al., 2024; Paynter & Snelgrove-Clarke, 2019; Baker, 2021) e no âmbito nacional (Diwana et al., 2017; Araújo et al., 2020), é evidente que a discussão acerca do encarceramento feminino é complexa e deve ir além da discussão das características biológicas dessa população, ou seja, precisa estar acompanhada de recortes sociais. Assim, para entender todos os fatores envolvidos no desenvolvimento humano, é possível afirmar que as características biológicas e sociais não devem ser tratadas como determinantes, para compreensão da trajetória de vida de uma pessoa, se faz necessário identificar também suas características psicológicas.

## **Características Psicológicas de Mulheres e Mães no Cárcere**

Para discutir as características psicológicas de uma população e suas relações com os acontecimentos ocorridos ao longo da trajetória de vida dos indivíduos, as Experiências Adversas na Infância (EAIs) são exploradas. Para avaliar e monitorar internacionalmente as Experiências Adversas na Infância, a *World Health Organization* (WHO) ou Organização Mundial de Saúde (OMS), recomenda utilização do *Adverse Childhood Experiences International Questionnaire* (ACE-IQ). As EAIs abrangem diferentes formas de abuso, negligência e disfunções familiares, representando algumas das fontes de estresse mais intensas e recorrentes que as crianças podem enfrentar nos primeiros anos de vida, são uma série de adversidades vividas até os 18 anos, incluindo abusos de diferentes tipos, negligência, violência entre familiares no lar, além de graves disfunções familiares, como o abuso de álcool e substâncias, considerando-se também, experiências como a violência entre pares, comunitária e coletiva (WHO, 2018).

O estudo de Henry (2020) investigou a relação entre Experiências Adversas anteriores a prisão, problemas de saúde mental, abuso de substâncias e comportamento criminal entre homens e mulheres encarcerados nos Estados Unidos e revelou que a Experiência Adversa mais comum na população investigada foi o encarceramento familiar (filhos, irmãos, irmãs, cônjuge), seguida pelo uso de substâncias pelos pais, ressaltando que as mulheres relataram em proporção maior em relação aos homens, o assédio sexual, que ocorreu mais de uma vez em suas vidas e mulheres também apresentaram taxas mais altas de transtornos mentais e de uso de substâncias, exceto em relação ao álcool, em que os homens tiveram taxas superiores, ou seja, as mulheres enfrentam um histórico considerável de experiências adversas e problemas de saúde mental.

A investigação da associação entre as EAIs e a saúde mental de adultos pode ser encontrada em pesquisas internacionais (Dánielsdóttir et al., 2024; Tzouvara et al., 2023),

destacando-se também as pesquisas que tratam da relação entre as EAIs e o uso substâncias lícitas ou ilícitas na fase adulta (Boppre & Boyer, 2021; Broekhof et al., 2023; Martin et al., 2023). Os estudos que relacionam EAIs com a população carcerária (Naidoo et al., 2024; Aizpurua et al., 2023; Pinto-Cortez et al., 2024), constataam que homens e mulheres encarcerados majoritariamente apresentam uma trajetória de vida marcada por experiências adversas na infância, entre as mulheres encarceradas, existe uma clara associação entre EAIs e transtornos mentais.

Para McMillian et al. (2021), embora as mulheres estejam menos envolvidas no sistema criminal em comparação aos homens, aquelas presentes nesse sistema são frequentemente vulneráveis e apresentam complexos problemas psicológicos e complexas necessidades de assistência de saúde mental. A população carcerária feminina não parece ser o foco das pesquisas, sejam internacionais ou nacionais, realizadas nas últimas duas décadas e suas características psicológicas são particularmente negligenciadas nas investigações realizadas com esse público.

A investigação de Experiências Adversas no Brasil é limitada, porém, encontram-se estudos (Teixeira et al., 2020; Fragelli & Fragelli, 2021) que associam as EAIs com transtornos mentais na fase adulta. Segundo Santos et al. (2024) existem diferenças de gênero quanto as EAIs, as mulheres relataram mais situações de abuso sexual, violência física entre os adultos da família, abuso emocional e assédio sexual na rua, já os homens relataram mais acidentes graves, abordagens policiais, violência policial e agressões violentas por pares. De acordo com Jural et al. (2024) existe um aumento nas evidências sobre o impacto acumulado das experiências adversas na infância na saúde dos indivíduos. O acúmulo de situações de vulnerabilidade intensifica seus efeitos negativos em diversas áreas, como saúde, comportamento, desenvolvimento emocional, sociabilidade, desempenho escolar e profissional, afetando vários aspectos essenciais para uma vida plena (Stochero et al, 2020).

Na literatura nacional são escassos os estudos que relacionem Experiências Adversas na Infância e comportamento criminal por parte de mulheres, as pesquisas se concentram na população masculina (Ferraz et al., 2023; Araújo & Cavalcante, 2024), não sendo encontrados estudos que se proponham a investigação das EAIs com a população carcerária feminina. Para as investigações acerca das EAIs, é comum a utilização do Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância (EAI-QI), composto por 13 categorias de experiências adversas, em que cada uma é avaliada por meio de perguntas específicas, totalizando 43 itens com critérios para análise mantidos para uso no Brasil, apresentando boa equivalência na adaptação transcultural (Pereira & Viana, 2021).

Dois estudos nacionais que abordam EAIs com agressores sexuais do sexo masculino merecem destaque, Ferraz et al. (2023) que descreveu EAIs relatadas por autores adultos de agressão sexual de crianças e adolescentes que estavam encarcerados em três unidades prisionais distintas do estado do Pará, seguido do estudo de Araújo e Cavalcante (2024) que descreveu EAIs de jovens entre 15 e 18 anos, autores de agressão sexual, os quais cumpriam medida socioeducativa no estado do Pará. Ambos corroboram a existência de múltiplas Experiências Adversas na infância dos participantes, em especial as agressões sexuais.

Desse modo, faz sentido investigar uma possível correlação entre as características psicológicas das mulheres encarceradas e suas Experiências Adversas na Infância, considerando que as EAIs possam influenciar o desenvolvimento de habilidades. Se as habilidades são características de força formadoras, então, não surgem de forma isolada, mas sim a partir de um conjunto complexo de interações entre o indivíduo e seu ambiente ao longo do tempo, que podem determinar, por exemplo, se desenvolverá sua capacidade de se colocar no lugar do outro ou responder emocionalmente às necessidades alheias (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Partindo dessa perspectiva, as características chamadas Forças de Caráter também merecem ser exploradas na população carcerária feminina, visto que essas podem estar relacionadas a Experiências Adversas anteriores. Peterson e Seligman (2004) organizaram uma classificação conhecida como modelo *Values in Action* (modelo VIA), que compreende 24 forças de caráter independentes e que podem ser distribuídas em seis virtudes principais: sabedoria, coragem, humanidade, justiça, temperança e transcendência. O modelo VIA foi desenvolvido com base em uma ampla pesquisa transcultural, considerando textos legislativos, filosóficos e religiosos (Dahlsgaard et al, 2005).

Para Peterson e Seligman (2004), Forças de Caráter são traços positivos e moralmente valorizados que influenciam o pensamento, o sentimento e o comportamento dos indivíduos, são características que representam as qualidades fundamentais que promovem o bem-estar e o florescimento humano, sendo consideradas universais, ou seja, reconhecidas em diferentes culturas e períodos históricos, representam diferenças individuais que são valorizadas em diversas culturas e se manifestam nos pensamentos (por exemplo, refletir sobre as consequências das próprias ações), sentimentos (como a apreciação do trabalho em equipe) e comportamentos (como participar de atividades de aprendizado), são características de personalidade específicas, que demonstram uma estabilidade razoável ao longo do tempo e em diferentes contextos, mas que também podem ser afetadas pelas circunstâncias da vida, levando a mudanças ao longo da trajetória de vida ou em decorrência de treinamentos.

Embora a proposta original de Peterson e Seligman (2004) de seis virtudes e 24 forças de caráter tenha sido amplamente reconhecida no campo da psicologia positiva (Edwards & Martin, 2014), ela não tem sido confirmada de forma consistente por estudos empíricos em diferentes contextos e culturas, em diversos estudos foram realizadas análises fatoriais do modelo VIA, encontrando-se diferentes estruturas para agrupar as forças de caráter, com dois, três, quatro, cinco ou até uma única dimensão, dependendo do instrumento, da amostra, do

país e do método utilizado (Litman-Ovadia e Lavy ,2012; McGrath, 2014; Solano e Cosentino, 2018).

Essas divergências são atribuídas a influências culturais e contextuais, além das abordagens metodológicas adotadas, porém, apesar dessas variações, é válido dar continuidade a investigações sobre o construto de Forças de Caráter, pois ele ainda oferece um campo promissor para investigações científicas, inclusive com adaptações culturais. Para Wagner et al. (2021), um número crescente de estudos evidencia a importância das Forças de Caráter, para o bem-estar geral, assim como para resultados significativos em diversas áreas da vida, como o desempenho no trabalho e a satisfação nos relacionamentos. As pesquisas internacionais acerca das Forças de Caráter, focam na relação com bem-estar no trabalho (Harzer & Ruch, 2015), não foram encontradas pesquisas na literatura internacional que investiguem esse construto com a população carcerária.

O estudo das Forças de Caráter na população carcerária feminina representa uma abordagem inovadora e necessária. Considerando que essas forças são traços positivos relacionados ao bem-estar, à resiliência e à possibilidade de mudança, sua investigação pode fornecer subsídios valiosos para intervenções mais humanas e eficazes dentro do sistema prisional. Além disso, entender como essas características se manifestam em mulheres que passaram por Experiências Adversas na Infância, pode ajudar a identificar potenciais recursos internos que favorecem o enfrentamento das dificuldades e promovem o florescimento pessoal, mesmo em contextos de extrema vulnerabilidade.

No contexto brasileiro, Noronha e Barbosa (2016) desenvolveram a Escala de Forças de Caráter (EFC), fundamentada nos princípios teóricos de Peterson e Seligman (2004), que compreende as 24 forças de caráter as distribuindo em grupos de perguntas que as representam, totalizando 71 itens. Embora o instrumento não seja uma adaptação direta do modelo original, Noronha et al. (2015) enfatizam que as divergências em relação ao modelo

teórico original das forças de caráter não devem ser vistas como um obstáculo, mas sim como um incentivo à continuidade das investigações do construto em diferentes amostras e por meio de variadas abordagens estatísticas. Nesse sentido, assim como na literatura internacional, não foram encontradas na última década pesquisas relacionadas a Forças de Caráter com a população carcerária no Brasil.

As pesquisas no âmbito nacional, concentram-se na investigação de Forças de Caráter dentro do ambiente acadêmico. O estudo de Mercali e Costa (2021), com docentes de ensino superior no Brasil, revelou que a imparcialidade se destaca como a principal característica da amostra dos docentes, sendo também a qualidade que eles mais utilizam no seu cotidiano profissional. Mercali e Costa (2021) ressaltam que os próprios especialistas da área reconhecem a necessidade de mais estudos sobre como mensurar essas virtudes e forças, apesar de já se conhecerem seus benefícios, muitas questões ainda precisam ser abordadas, como as consequências da presença ou ausência dessas forças, além de como elas se desenvolvem e são mantidas ao longo do tempo.

Noronha et al. (2023) que investigou a percepção de religiosidade e forças pessoais (forças de caráter) com universitários, concluiu que há diferenças quanto sexo feminino e masculino, as mulheres obtiveram médias mais altas do que os homens nas forças pessoais, o que corrobora com os resultados de outras pesquisas (Noronha & Barbosa, 2016; Noronha & Martins, 2016), que afirmam que uma possível justificativa para esses resultados é o fato de as forças pessoais estarem relacionadas aos afetos e ao cuidado com os outros, ou seja, forças como amor e esperança são culturalmente incentivadas e cultivadas nas mulheres, por promoverem o lado maternal e cuidador. Com a escassa exploração em nível nacional das características de Forças de Caráter, sobretudo com a população carcerária, justifica-se o interesse por esse campo de estudo, para ampliar o conhecimento científico da psicologia

positiva em contextos diversos e para contribuir com estratégias de reintegração social e políticas públicas mais sensíveis às necessidades e potências dessa população.

A partir da literatura acerca das EAIs e das Forças de Caráter, é interessante notar que ao longo da trajetória de vida dos indivíduos, os contextos e ambientes em que estão inseridos, assim como suas relações e experiências, estão em constante interação, entendidos dentro do modelo PPCT, como diretamente ou indiretamente associados ao desenvolvimento de cada pessoa. Considerando as Forças de Caráter como características pessoais de força, é possível afirmar que essas características podem ajudar ou atrapalhar o desenvolvimento. Reforçando que características pessoais não surgem de forma isolada e sempre estão atreladas as ao contexto, as interações e a forma como a criança vivencia essas interações ao longo do tempo (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Nesse sentido a partir do entendimento da Trajetória de Vida de um ser humano, sua história e experiências, é possível pensar como os diversos fatores envolvidos no desenvolvimento podem contribuir para a formação da individualidade, das forças de caráter, ou contribuir para o chamado Crescimento Pós-Traumático (CPT).

A literatura internacional sugere que alguns indivíduos podem passar por mudanças psicológicas positivas como resultado do enfrentamento de circunstâncias difíceis em suas vidas, por tanto, seria possível observar um Crescimento Pós-Traumático após Experiências Adversas, que pode se manifestar de múltiplas maneiras, como o aumento da apreciação pela vida ou da autopercepção de força ou espiritualidade (Willey et al, 2022). O Crescimento Pós-Traumático é um conceito desenvolvido por Tedeschi e Calhoun (1996), com base em diversos relatos de pessoas que passaram por situações traumáticas e, apesar do sofrimento enfrentado, relataram mudanças positivas na forma como percebem o mundo.

Um evento traumático é compreendido como uma experiência que afeta profundamente um indivíduo, de modo que o leva a questionar suas crenças mais básicas, a

reavaliar suas convicções (Taku et al, 2015). As chamadas Crenças Centrais representam um conjunto de percepções fundamentais que a pessoa possui sobre o mundo e sobre o seu papel nele (Cann et al, 2010). Essas crenças abrangem suposições sobre o comportamento das pessoas, sobre como os acontecimentos devem se desenvolver e sobre o grau de controle ou influência que se acredita ter sobre esses eventos, assim, quando crenças são rompidas por uma experiência traumática, inicia-se uma intensa luta psicológica e esse processo, embora doloroso, pode abrir espaço para transformações positivas, como uma nova compreensão da vida e vínculos mais significativos com os outros, características centrais do Crescimento Pós-Traumático (Cann et al, 2011).

Segundo Tedeschi e Calhoun (1996), o CPT envolve cinco áreas principais de transformação psicológica: (1) uma valorização maior da vida e a redefinição de prioridades e objetivos, (2) fortalecimento dos vínculos interpessoais e maior intimidade com pessoas próximas, (3) identificação de novas oportunidades e caminhos de vida, (4) aumento da percepção de força interior e capacidade pessoal, e (5) mudanças nas crenças e vivências espirituais. Para mensurar esse crescimento, foi desenvolvido o *Post Traumatic Growth Inventory* (PTGI), um questionário composto por 21 itens de autoavaliação que abrangem essas cinco dimensões, mas também pode ser utilizado para medir um escore geral de CPT em uma população, ou seja, verificar se em uma população de pessoas que enfrentaram diversas adversidades, podem ter ocorrido mudanças psicológicas positivas.

O Post Traumatic Growth Inventory (PTGI) já foi traduzido para sete idiomas e é amplamente reconhecido como a principal ferramenta internacional para avaliar o crescimento pós-traumático. Nesse sentido, existem estudos (Chen et al., 2020; Xu et al, 2022), na literatura internacional, que utilizaram adaptações do Inventário de Crescimento Pós-Traumático, abordando o impacto psicológico da pandemia de COVID-19, com resultados que sugerem a possibilidade de transformação positiva após o trauma. Do mesmo

modo, Sicilia et al. (2022) investigaram o CPT em uma amostra de 104 adultos, sendo 72% desse quantitativo composto por mulheres, que sobreviveram ao abuso sexual infantil e em sua pesquisa identificaram que mulheres tendem a relatar mais Crescimento Pós-Traumático do que os homens.

Ao se tratar da realidade da população carcerária, alguns estudos realizados na Bélgica se destacam, como o de Vanhooren et al. (2018a), que relatam o caso com uma mulher de 35 anos no cárcere, que após 16 sessões de psicoterapia ao longo de oito meses, apresentou uma melhora significativa, sugerindo que o ambiente prisional pode ser favorável ao CPT quando há apoio psicoterapêutico adequado. Em outro estudo, Vanhooren et al. (2017), utilizaram a versão de 21 itens do Inventário de Crescimento Pós-Traumático com 21 ofensores sexuais do sexo masculino e 1 do sexo feminino, com idades entre 20 e 70 anos, participantes de programas terapêutico pós-prisão, encontrando uma correlação negativa entre estresse psicológico e CPT, e uma tendência positiva entre maior tempo de terapia e maiores níveis de crescimento. Nesse sentido, não foram encontradas pesquisas internacionais que investiguem CPT especificamente em mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos no cárcere.

A constatação de que indivíduos encarcerados frequentemente têm históricos de múltiplas vivências traumáticas ao longo da vida, torna relevante investigar Experiências Adversas na Infância (EAIs) juntamente com o CPT, para compreender se as EAIs influenciam o CPT, o que pode orientar intervenções mais eficazes no sistema prisional. Tranter e Brooks (2021) destacam que, embora as EAIs estejam associadas a consequências psicológicas negativas, elas também podem impulsionar mudanças positivas e seu estudo com 167 participantes (54,5% mulheres), com idades entre 19 e 95 anos, os autores aplicaram questionários para mensurar EAIs e CPT, os resultados sugerem que, após EAIs, trabalhar a

resiliência emocional e a forma como a experiência é integrada à identidade pode promover impactos positivos no bem-estar psicológico.

Assim como a relação com EAIs, a relação entre Forças de Caráter e CPT foi também foi investigada em alguns estudos (Ai et al., 2022; Ai et al., 2023; Tamiolaki et al., 2024), que têm em comum o foco no Crescimento Pós-Traumático após Experiências Adversas, destacando que o CPT pode ser promovido por meio de intervenções. A pesquisa de Ai et al. (2022) demonstrou que forças de caráter positivas estão associadas a maior crescimento pós traumático, sugerindo que podem reduzir sintomas negativos e estimular o bem-estar e o crescimento após o trauma.

No Brasil, Silva (2016) foi responsável por traduzir e adaptar o *Post Traumatic Growth Inventory* (PTGI), validando o instrumento em seu estudo que incluiu 300 estudantes de diferentes cursos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com média de idade de 23,9 anos e 65% do sexo feminino. Essa Versão Brasileira do Inventário de Crescimento Pós-Traumático (PTGI-B) contendo 18 itens, pode ser encontrada em alguns estudos no território nacional, como o de Campos e Trentini (2019), que investigaram a estrutura fatorial do PTGI-B de Silva (2016), com participação de 321 pessoas com idade igual ou superior a 18 anos e média de 33,5 anos, sendo 77,3% do sexo feminino e os resultados mostraram que a estrutura original de cinco fatores do inventário foi replicada com sucesso, concluiu-se que o PTGI-B pode ser utilizado tanto para avaliar as sub dimensões específicas (Relações com os outros; Novas Possibilidades; Força Pessoal; Mudanças Espirituais; Apreciação da Vida), quanto um fator geral de CPT.

Dessa forma, entender as Forças de Caráter e o Crescimento pós-traumático como características psicológicas que podem ser influenciadas pelas Experiências Adversas na Infância faz todo o sentido à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, pois, o estudo em conjunto desses construtos pode ajudar a entender o desenvolvimento dentro do

modelo PPCT. Estudar essa intersecção em populações carcerárias é particularmente pertinente, já que muitos indivíduos privados de liberdade possuem históricos marcados por adversidades severas desde a infância, mas também apresentam potencial de transformação pessoal. Compreender essas dinâmicas pode subsidiar intervenções mais humanas e eficazes no sistema prisional, promovendo reintegração social e redução da reincidência criminal a partir do fortalecimento das virtudes individuais e da reconstrução de sentido, levando em consideração que as características biológicas e psicológicas devem ser entendidas juntamente as características de contexto social presentes na trajetória de vida dessas mulheres.

### **Características Sociais de Mulheres e Mães no Cárcere**

Para Bucerius e Sandberg (2022) a maior parte dos estudos escritos na língua inglesa acerca de mulheres na prisão se referem ao contexto dos Estados Unidos e da Europa, o que pode limitar o entendimento dessa realidade em outras localidades. Nesse sentido, o encarceramento de mulheres apesar de variar entre os países tem algo em comum, a significativa e muitas vezes majoritária presença de minorias culturais e raciais entre as internas, destacando os Estados Unidos, que apresenta a maior população carcerária do mundo e encarcera mulheres negras e latinas de forma desproporcional a outros grupos (The Sentencing Project, 2025).

Segundo Antony et al. (2021) a população encarcerada na Austrália reflete as raízes da colonização ao encarcerar muitas mulheres aborígenes, destaca-se que 33% das pessoas encarceradas na Austrália são parte de povos nativos e as mulheres representam 9% desse total de acordo com o Australian Bureau of Statistics (2024). Na Irlanda, as chamadas mulheres viajantes, ou de cultura Romani, tem 22 vezes mais chances de serem encarceradas do que mulheres que não pertencem a esse grupo, o que pode estar atrelado a discriminação sofrida por esse povo no país (Kennedy & Pierce, 2023).

No Peru, segundo Constant (2021), as mulheres são encarceradas ao se envolverem com o tráfico de drogas como estratégia de sobrevivência, destacando que as desigualdades do continente latino-americano afetam em primeiro lugar as mulheres, pois, o público feminino representa a maior parte de pessoas pobres e desempregas e são essas mulheres precarizadas que ficam vulneráveis ao envolvimento com o crime e o posterior encarceramento. Desse modo a literatura internacional parece concordar que as mulheres racializadas e marginalizadas para além de seu gênero, são as que se encontram com mais frequência e em maior número, no sistema carcerário.

No Brasil o estudo de Araújo et al. (2020) afirma que essas mulheres encarceradas em geral trabalham ou trabalharam antes do cárcere, ajudando ou sendo completamente responsáveis pela renda da família, essas mulheres se encontram na pobreza e aproximadamente 50% delas tiveram filhos com menos de 19 anos. Mendes e Silva (2023) afirmam que as mulheres são as principais responsáveis pelo sustento da família antes de serem encarceradas, esse público é invisibilizado dentro do espaço do cárcere e as condições de dignidade para essas mulheres são escassas, sendo permeadas pelo julgamento da sociedade para com esse público.

Para Fernandes et al. (2019) é possível resumir as características de mulheres em contexto de cárcere apontando para suas trajetórias de reprodução intergeracional da baixa condição socioeconômica, repletas de violações de seus direitos básicos que colaboraram para sua vitimização e exploração, culminando em seu encarceramento e tal encarceramento, continua o ciclo de violações de direitos especialmente para mulheres grávidas e ou com filhos pequenos na prisão. De acordo com Fochi et al. (2017), existem transformações físicas, sociais e psicológicas inerentes a gravidez, atreladas a fatores sociais e culturais, que podem levar a outras transformações psicossociais, fazendo com que gestantes dentro do sistema carcerário se encontrem em uma situação que agrava seus medos e inseguranças e

principalmente gerando uma sensação de culpa e incapacidade com relação a maternidade, ligada a ideia de que não se encaixam em um ideal materno.

Diante do que foi exposto, este estudo se propõe a analisar a Trajetória de Vida de mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos no cárcere por meio de suas características biopsicossociais e investigar se nessa população há correlação entre as Experiências Adversas na Infância e as Forças de Caráter, bem como, se há correlação entre as Experiências Adversas na Infância e o Crescimento Pós-traumático. Adicionalmente é analisada qualitativamente a Trajetória de Vida a partir dos relatos de participantes, buscando identificar os fatores de risco e de proteção. O pressuposto é que, embora as EAIs possam representar obstáculos, desde que haja suporte adequado para ressignificação, relações positivas ou oportunidades de crescimento, os indivíduos podem ressignificar suas experiências.

## **Objeto de Estudo**

Trajetória de Vida e a relação entre as Experiências Adversas na Infância, Forças de Caráter e Crescimento Pós-Traumático de mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos no cárcere.

## **Objetivo Geral**

Analisar a Trajetória de Vida, por meio das Experiências Adversas na Infância e das características psicológicas (Forças de Caráter e Crescimento Pós-Traumático), em mulheres grávidas ou que se encontram no cárcere acompanhadas de seus filhos.

## **Objetivos Específicos**

- ✓ Caracterizar mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos no cárcere.
- ✓ Verificar Experiências Adversas na Infância em mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos no cárcere.
- ✓ Identificar as principais Forças de Caráter em mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos no cárcere.
- ✓ Avaliar Crescimento Pós-Traumático em mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos no cárcere.
- ✓ Relacionar Experiências Adversas na Infância com as Forças de Caráter e com o Crescimento Pós-traumático.
- ✓ Analisar qualitativamente a Trajetória de Vida de mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos no cárcere.

## **Método**

### **Delineamento**

Esta pesquisa analisa dados quantitativos e qualitativos relativos à Trajetória de Vida das mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos no cárcere, por meio de questionários e instrumentos. Desse modo, é uma pesquisa multimétodo, utilizando abordagem quantitativa (Gil, 2008) e abordagem qualitativa (Bardin, 1977) dos dados. É realizada com procedimento técnico de levantamento do tipo Survey, tendo natureza empírica, delineamento transversal e objetivos descritivos e exploratórios.

### **Participantes**

Para esse estudo foram utilizadas duas fontes de dados diferentes. A primeira fonte de dados se refere a 347 registros de dados biopsicossociais de mulheres presentes na UMI da UCRF entre 2014 e 2024, obtidos a partir de um questionário Censo, coletado anualmente por meio do projeto Manutenção da brinquedoteca bebê contente. Esses registros compõem um banco de dados que pode ser utilizado conjuntamente com os dados do Projeto Universal CNPq intitulado Mães e Crianças em Contexto de Cárcere: Trajetórias de Vida, Práticas de Cuidados e Rede de Apoio, do qual essa pesquisa faz parte e, por tanto, foram empregados neste trabalho com intuito de complementar a caracterização da população estudada.

A segunda fonte de dados trata de dados coletados em 2025 especificamente como parte deste trabalho, com uma amostra composta por conveniência, envolvendo 17 participantes, entre gestantes e mulheres acompanhadas de seus filhos. Todas as participantes eram custodiadas da UCRF do município de Ananindeua, localizado na região metropolitana de Belém-PA e se encontravam dentro da UMI.

Os critérios de inclusão para coleta de dados de todas as participantes presentes neste estudo foram: ser do sexo feminino e maior de 18 anos; estar cumprindo pena ou estar em prisão provisória aguardando julgamento; estar grávida ou com seus filhos dentro da UMI. Os

critérios de exclusão para coleta de dados de todas as participantes presentes neste estudo foram: apresentar perturbações psicóticas, síndrome cerebral orgânica e/ou condições médicas graves; outra condição física/mental que a impeça de compreender e/ou responder os questionários.

### **Contexto**

A pesquisa foi conduzida na Unidade Materno-Infantil (UMI), integrada à Unidade de Custódia e Reinserção Feminina (UCRF) de Ananindeua, situada na região metropolitana de Belém, no estado do Pará. A unidade é administrada pela Superintendência do Sistema Penitenciário do Estado do Pará (SUSIPE) e tem relevância histórica por ter sido a primeira instituição da Região Norte do Brasil a receber mulheres privadas de liberdade durante a gestação, a partir de 2013 (Oliveira, 2017). Atualmente, a Unidade Materno-Infantil (UMI) conta com duas enfermarias equipadas com camas e berços, nas quais as mães permanecem acompanhadas de seus bebês. O espaço dispõe ainda de banheiro, cozinha, uma pequena área externa e um ambiente destinado às atividades lúdicas das crianças, a brinquedoteca, implementada pela professora Dra. Celina Maria Colino Magalhães (Silva et al., 2023).

A UMI está localizada no interior da Unidade de Custódia e Reinserção Feminina (UCRF) de Ananindeua, a maior unidade prisional feminina do estado do Pará, que abriga mais de 400 mulheres privadas de liberdade, com capacidade para 14 leitos e destinada ao acolhimento de internas grávidas, oferecendo atendimento em saúde desde o pré-natal e assegurando o período de aleitamento materno, na qual é garantido o direito de convivência das mulheres com seus filhos até os dois anos de idade, segundo a Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (SEAP, 2024).

A UMI é uma estrutura nos fundos da UCRF, onde as mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos ficam separadas dos demais blocos que abrigam as detentas que

não estão nessa condição (ver figura 1). Para entrar no local o portão (ver figura 2) que dá acesso as mulheres que estão na unidade é aberto por um policial.

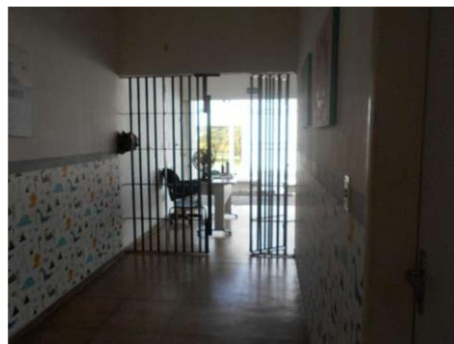


Figura 1: Faixada externa da UMI    Figura 2: Visão do portão de acesso a UMI

Ao entrar à direita se encontra a brinquedoteca (ver figura 3) e à esquerda a saída para área externa (ver figura 4).



Figura 3: Visão da brinquedoteca    Figura 4: Visão da área externa da UMI

Mais em frente à direita fica a entrada para os leitos onde as mães dormem com seus bebês (ver figura 5), dentro desse cômodo existem dois banheiros, porém, antes de entrar na área dos leitos, à esquerda pelo corredor (ver figura 6) existem mais duas portas com um banheiro cada e nos fundos ficam a cozinha e a lavanderia, que podem ser melhor visualizadas na planta completa da UMI, encontrada no Anexo F.



Figura 5: Visão de leitos da UMI      Figura 6: Corredor principal da UMI

### **Considerações éticas**

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará, sob parecer de número 7.264.454, CAAE 83034424.0.0000.5172. Considerando a natureza sensível do tema investigado, que poderia potencialmente desencadear reações emocionais ou desconforto nas participantes, a pesquisadora responsável permaneceu disponível para oferecer suporte imediato e acolhimento psicológico durante toda a coleta de dados.

### **Instrumentos**

**Fonte de Informação (Censo dos atendimentos realizados pelo projeto “manutenção da brinquedoteca “bebê contente”) (Anexo A):**

Os dados foram obtidos a partir do questionário Censo, coletado anualmente com as mulheres presentes na UMI. Inicialmente os dados foram reunidos como parte do projeto intitulado Instalação e Manutenção de Brinquedoteca Móvel na Unidade Materno Infantil- Belém-Pará, mas a coleta teve continuidade por meio de diversos projetos ao longo dos anos. Atualmente o Censo é coletado como parte do projeto Manutenção da brinquedoteca ‘bebê contente’ na Unidade Materno Infantil. Os projetos realizados no local em parceria com a UFPA culminaram em um banco de dados com informações biopsicossociais das mulheres que passaram pela UMI ao longo dos anos. Aqui foram utilizados os registros encontrados entre os anos de 2014 e 2024.

Composto atualmente por 28 itens, esse questionário contempla dados biopsicossociais da mãe (nome, idade, data de nascimento, raça, cor, escolaridade, naturalidade, local de residência, data de ingresso na UMI, data de saída da UMI, número de passagens, artigo do delito atual, recebimento de visita, visitante, tempo de permanência na UMI, destino após saída da unidade, contato com o pai do bebê, número total de filhos, número de partos, tipos de partos, consulta pré natal na UMI, acompanhamento no parto, acompanhante no parto) e do bebê (nome, sexo, idade de ingresso na UMI, tempo permanência, destino do bebê após saída da UMI), além de um espaço para demais observações. O questionário aplicado passou por modificações ao longo dos anos de pesquisa no local, assim, algumas informações que não foram coletadas inicialmente, passaram a ser coletadas em anos subsequentes.

**Questionário de Caracterização Biopsicossocial e Trajetória de Vida - Maternidade no Cárcere (Anexo B):**

Roteiro de entrevista semiestruturado desenvolvido pela autora deste estudo e dividido em duas partes, primeiramente uma parte destinada a reunir dados quantitativos e outra destinada a reunir dados qualitativos. Os dados quantitativos são divididos nas seguintes seções: Identificação; Saúde; Uso de Substâncias; Educação e Trabalho. Com informações relativas às condições atuais e históricas de vida das participantes.

O item Identificação inclui: idade, cor/etnia, estado civil, escolaridade, ocupação, local de nascimento e de residência, recebimento de visitas, religião, informações sobre os filhos e composição familiar, histórico de casamentos, situação na UMI e artigo de delito. O item Saúde inclui: saúde sexual e reprodutiva; situação gestacional; realização de pré-natal; idade da primeira relação sexual; idade da primeira gestação; diagnósticos psiquiátricos; deficiências; histórico de tentativas de suicídio, automutilação infecções sexualmente transmissíveis. O item Uso de substâncias inclui: álcool, tabaco e outras drogas ilícitas. Por

fim, o Item o item Educação e Trabalho inclui: repetência, evasão e expulsão escolar, histórico de trabalho na infância, adolescência e juventude.

Para os dados qualitativos existem mais três itens: Infância; Adolescência e Vida Adulta; com questões abertas voltadas à exploração das experiências vivenciadas na infância e adolescência: memórias significativas, positivas e negativas; contexto familiar; relações interpessoais; vivência escolar e comunitária; percepções subjetivas sobre si; relações com familiares, cuidadores, colegas, professores e amigos; experiências no ambiente escolar, no bairro e nos espaços de convivência, incluindo brincadeiras, formas de ocupar o tempo e sentimentos associados a esses contextos. Assim como questões relacionadas a vida adulta: relações afetivas e familiares; experiências de trabalho; forma como as participantes se percebem e se descrevem atualmente; maternidade no contexto do encarceramento; nascimento dos filhos e relações familiares no momento atual.

### **Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância (EAI-QI) (Anexo C):**

Desenvolvido a partir de um estudo (Felitti et al., 1998) em parceria com o *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), o *Adverse Childhood Experiences Questionnaire* (ACE-IQ) foi elaborado e disponibilizado pela World Health Organization (WHO, 2018). O questionário original é composto por duas partes, a primeira apresenta perguntas para informação sociodemográfica e a segunda apresenta as perguntas que serão de fato utilizadas para pontuação com 13 categorias de experiências adversas vivenciadas antes dos 18 anos de idade, essas categorias são ainda subdivididas em agrupamentos utilizados para o cálculo.

Essas categorias são: Negligência emocional(P1, P2); Negligência física (P3, P4 e P5); Familiar usuário de álcool/drogas no lar (F1); Membro do núcleo familiar com problema mental (F2); Membro do núcleo familiar encarcerado (F3); Divorcio/Separação ou morte dos pais (F4 e F5); Violência entre familiares no lar (F6, F7 e F8); Abuso Emocional (A1 e A2);

Abuso Físico (A3 e A4); Abuso Sexual (A5, A6, A7 e A8) Violência de pares/bullying (V1, V2 e V3); Violência na comunidade (V4; V5 e V6) e Violência coletiva (V7, V8, V9 e V10). Além disso, existem perguntas extras que não são utilizadas para o cálculo das categorias ou escore geral: intensidade das agressões; abuso sexual praticado dentro ou fora de casa; forma mais frequente de bullying; relato de outro evento traumático que a participante queira citar.

As respostas do ACE-IQ são apresentadas com uma parte dicotômica (sim/não) e uma parte de frequência (nunca, uma vez, poucas vezes, muitas vezes), variando conforme o item. A análise do instrumento pode utilizar o método binário ou o método por frequência. Para o método binário para qualquer resposta positiva (sim; uma vez; poucas vezes; muitas vezes) em qualquer subdivisão de cada categoria gera pontuação 1 para cada, ou seja, se as participantes afirmarem ter passado por uma experiência ou mais em cada categoria, suas respostas serão pontuadas como 1, exceto para as perguntas relacionadas a negligência emocional em que são as respostas negativas (não; nunca) que pontuam, gerando ao final um escore máximo de 0 a 13. Para análise por frequência categorias só são pontuadas se apresentarem pelo menos uma resposta positiva “Sim” ou que indique que aconteceu com frequência “Muitas Vezes” ou “algumas vezes”, dependendo da pergunta.

Os critérios para análise foram mantidos na adaptação transcultural realizada por Pereira e Viana (2021), que afirmaram que o instrumento apresentou boa equivalência semântica, apesar das propriedades psicométricas não terem sido avaliadas, se transformando em uma ferramenta disponível para a pesquisa epidemiológica no Brasil, considerando que sua aplicação possibilita o cálculo do ACE-Score, ou Índice Total de Adversidade, que serve como um parâmetro para indicar que, quanto maior o número de Experiências Adversas na Infância (EAI) vivenciadas nos primeiros 18 anos de vida, maior a probabilidade de prejuízos ao desenvolvimento.

### **Escala de Forças de Caráter (EFC) (Anexo D):**

O instrumento original foi criado por Peterson e Seligman (2004), a partir da classificação conhecida como *Values in Action* (VIA), que compreende 24 forças de caráter independentes distribuídas em seis virtudes: sabedoria (criatividade, curiosidade, julgamento, amor ao aprendizado e perspectiva), coragem (bravura, perseverança, honestidade e entusiasmo), humanidade (amor, bondade e inteligência social), justiça (justiça e liderança), temperança (perdão, humildade, prudência e autorregulação) e transcendência (apreciação do belo, gratidão, esperança, humor e espiritualidade). Inicialmente possuía 240 itens, sendo posteriormente reestruturado e reduzido por outros autores como Noronha e Barbosa (2016), que utilizaram o modelo *VIA* como base para criar a Escala de Forças de Caráter que pode ser utilizada no país, uma escala com 71 itens no modelo Likert (0 = Nada a ver comigo até 4 = Tudo a ver comigo).

A escala brasileira compreende as 24 forças de caráter e seus itens abrangem autopercepções como: “Não minto para agradar as pessoas” e “Penso muito antes de tomar uma decisão”. Em relação à estrutura interna, diferentes estudos foram realizados (Noronha et al., 2015; Noronha, & Batista, 2020), sendo o alfa de Cronbach de 0,93. Para analisar os dados da Escala de Forças de Caráter (EFC), é necessário verificar os pontos de 0 a 4. Cada uma das 24 forças de caráter é avaliada por um conjunto específico de itens. Desse total, 23 forças são compostas por três itens cada, possibilitando escores que variam de 0 a 12 pontos por força. A exceção é a força Apreciação do Belo, composta por apenas dois itens, cujo escore total varia de 0 a 8 pontos.

Os itens são distribuídos da seguinte forma: Criatividade (itens 03, 30, 48), Curiosidade (23, 25, 69), Pensamento Crítico (07, 09, 71), Amor ao Aprendizado (05, 17, 45), Sensatez (04, 06, 63), Bravura (35, 57, 67), Perseverança (40, 47, 52), Autenticidade (10, 33, 41), Vitalidade (13, 18, 53), Amor (16, 37, 70), Bondade (21, 50, 66), Inteligência Social (01,

20, 59), Cidadania (31, 34, 61), Imparcialidade (02, 58, 68), Liderança (19, 55, 62), Perdão (26, 32, 54), Modéstia (11, 46, 56), Prudência (29, 36, 65), Autorregulação (12, 38, 60), Apreciação do Belo (39, 43), Gratidão (22, 24, 44), Humor (14, 42, 64), Esperança (15, 27, 49) e Espiritualidade (08, 28, 51). O escore de cada força é obtido a partir da soma dos valores atribuídos aos itens correspondentes. Quanto maior o resultado da soma dos itens de cada força, mais evidente será a presença de determinada força de caráter no indivíduo.

### **Inventário de Crescimento Pós-Traumático (Anexo E):**

O *Post Traumatic Growth Inventory* (PTGI) foi criado e desenvolvido por Tedeschi e Calhoun (1996) para avaliar mudanças positivas após experiências traumáticas. O instrumento original é composto por 21 itens organizados em uma estrutura multifatorial com cinco dimensões: Relações com os outros, Novas Possibilidades, Força Pessoal, Mudanças Espirituais e Apreciação da Vida. A resposta aos itens é obtida por meio de uma escala Likert de 6 pontos, variando de 0 a 5, conforme o grau de mudança percebida após uma crise específica (Tedeschi & Calhoun, 1996). O instrumento demonstrou excelente consistência interna, com coeficiente alfa de Cronbach de 0,90 para o total dos 21 itens. As cinco dimensões também apresentaram índices satisfatórios de consistência, com valores de alfa variando entre 0,67 e 0,85 (Tedeschi & Calhoun, 1996).

O PTGI foi traduzido, adaptado e validado para uso no Brasil por Silva (2016), que conduziu um estudo com uma amostra de 300 estudantes universitários. A análise fatorial revelou uma estrutura semelhante à versão original e níveis adequados de fidedignidade. No entanto, três itens foram excluídos por não atenderem aos critérios estatísticos estabelecidos, resultando em uma versão final com 18 itens e utiliza uma escala Likert de 6 pontos, variando de 0 (não experimentou essa mudança) a 5 (experimentou essa mudança em grau muito elevado). Para a análise dos dados e pontuação, soma-se as respostas dos itens para obter escores para cada dimensão do instrumento ou soma-se todos os itens sem dividi-los por

dimensão, gerando um escore total de crescimento pós-traumático, sendo que um escore mais alto indica maior percepção de crescimento após o trauma.

### **Procedimentos de coleta de dados**

O banco de dados do Censo coletado pelo projeto manutenção da brinquedoteca ‘bebê contente’ foi disponibilizado por meio dos registros mantidos sob responsabilidade da Professora Dr. Celina Maria Colino de Magalhães. Para coleta com as mulheres presentes na UMI em 2025, em razão de restrições institucionais do contexto prisional, não foi autorizada a utilização de gravadores de áudio. Dessa forma, as respostas obtidas a partir dos instrumentos aplicados foram registradas por meio de anotações realizadas no momento da coleta, as quais posteriormente foram organizadas e transcritas para fins de análise quantitativa e qualitativa. Os devidos documentos foram enviados à EAP – Escola de Administração Penitenciária – para garantir a autorização de entrada e a realização da coleta de dados dentro da Unidade de Custódia e Reinserção Feminina da Região Metropolitana de Belém-Pará.

Para entrada no local durante os dias de coleta, foi necessária apresentação de documento de identidade da pesquisadora e revista dos objetos que seriam levados para dentro da UMI: uma pasta contendo os instrumentos impressos e uma caneta. Posteriormente, em todos os dias, um policial acompanhou a pesquisadora até a UMI, uma estrutura nos fundos da UCRF, onde outro policial abre o portão que dá acesso à área para que a pesquisadora entre. A pesquisadora entrou sozinha para entrevistar e aplicar os instrumentos. Nos primeiros encontros, sempre em contato direto com a potenciais participantes dentro da UMI, foi estabelecido o *rapport*, que foi facilitado pelo fato de já estar ocorrendo no local o projeto “manutenção da brinquedoteca ‘bebê contente’”, já que por meio do projeto são realizadas visitas regulares ao ambiente, que fazem parte da rotina das participantes.

As coletas ocorreram em dias variados durante a semana entre segunda-feira e sexta-feira, sempre pela manhã com início às 9 horas da manhã e término variando entre 11 e 12 horas. As mulheres que atendiam aos critérios de inclusão eram convidadas a participar da pesquisa e, em caso de aceite, as entrevistas eram realizadas em uma área escolhida por elas que fosse mais afastada das demais. Desse modo, a aplicação dos instrumentos foi realizada na seguinte ordem: Questionário de Caracterização Biopsicossocial e Trajetória de Vida para a descrição do perfil das participantes, exploração e melhor entendimento de suas experiências ao longo da vida; em seguida, a Escala de Forças de Caráter e então o Questionário Internacional de Experiências Adversa na Infância, por último, o Inventário de Crescimento Pós-Traumático. Todos os instrumentos foram administrados pela pesquisadora responsável, que permaneceu à disposição para esclarecimento de dúvidas.

Entretanto, é importante destacar os obstáculos que surgiram durante o processo de coleta. Alguns dos instrumentos utilizados abordam conteúdos sensíveis e podem mobilizar emocionalmente as participantes. O Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância, por exemplo, pode evocar memórias dolorosas ou traumáticas. Da mesma forma, o Questionário de dados Biopsicossociais e Trajetória de Vida inclui perguntas sobre infância, adolescência e vida adulta, envolvendo temas como relações familiares, amizades e lembranças positivas ou negativas, o que pode provocar sentimentos difíceis de lidar. Além disso, tanto a Escala de Forças de Caráter quanto o Inventário de Crescimento Pós-Traumático têm potencial de suscitar autorreflexões profundas, que também podem impactar emocionalmente as participantes. A aplicação do questionário também foi longa com até uma hora e 30 minutos de duração.

Para minimizar tais impactos a pesquisadora esteve presente durante todo o processo para prestar acolhimento psicológico, caso necessário. As participantes foram previamente informadas de que poderiam interromper a entrevista a qualquer momento, sem qualquer

prejuízo e em alguns momentos foram necessárias pausas durante a aplicação em decorrência das participantes estarem ocupadas com as necessidades de seus filhos que estavam com elas no local, inclusive precisando amamentá-los ou distraí-los em diversos momentos. Quando não era possível finalizar a aplicação dos instrumentos por completo em uma única manhã, a pesquisadora voltou ao local quantas vezes foram necessárias para finalizá-la.

### **Procedimentos de análise de dados**

Para os dados obtidos por meio do Censo dos atendimentos realizados pelo projeto Manutenção da brinquedoteca bebê contente, entre 2014 e 2024, um total de 347 registros foram identificados, dados biopsicossociais coletados anualmente com as mulheres acompanhadas pelo projeto. Vale destacar que independente das mulheres permanecerem na UMI por mais de um ano ou do fato de que algumas mulheres podem ter estado na unidade, saído e depois retornado anos depois, seus dados foram coletados anualmente e registrados no Censo, sendo dessa forma analisados, ou seja, o quantitativo de 347 não é um quantitativo exato de mulheres, mas de registros de Censos coletados.

Desse modo, os dados do Censo foram lançados e organizados em planilhas do *Microsoft Excel 365* e então transferidos para o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), onde foram analisados. Foi realizada análise estatística descritiva e de frequência para caracterização biopsicossocial e os itens analisados a partir dos registros foram os referentes a: faixa etária, raça/cor, escolaridade, naturalidade, número de filhos e recebimento de visitas. Esses itens foram escolhidos por apresentarem um maior número de registros válidos, visto que nem todas as perguntas presentes no Censo atual, estiveram presentes desde 2014, com algumas sendo adicionadas ao longo de vários anos até 2024 e outras não sendo coletadas de forma consistente ao longo dos 10 anos.

Os demais dados analisados foram os das 17 mulheres presentes na UMI e entrevistadas em 2025. Para os dados obtidos por meio do Questionário de Caracterização

Biopsicossocial e Trajetória de Vida – Maternidade no Cárcere, foram realizados dois tipos de análise. Primeiramente foram registradas e analisadas de forma quantitativa as respostas das perguntas presentes nos itens: identificação; saúde; uso de substâncias; educação e trabalho. Esses dados, então, foram lançados e organizados em planilhas do *Microsoft Excel 365* e posteriormente transferidos para o *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, onde foram realizadas análises estatísticas descritivas e de frequência, o que permitiu a caracterização biopsicossocial das 17 participantes.

Posteriormente, as respostas às questões subsequentes do Questionário de Caracterização Biopsicossocial e Trajetória de Vida – Maternidade no Cárcere, organizadas em três blocos que exploram a infância, a adolescência e a vida adulta das participantes, geraram registros em formato de transcrição e, portanto, foram submetidas à análise qualitativa. Para a análise dos dados qualitativos, o conteúdo das entrevistas foi organizado em categorias temáticas, conforme a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Esse procedimento envolveu diferentes etapas. Inicialmente, realizou-se a transcrição do conteúdo das falas das participantes, a partir das anotações feitas durante a coleta de dados. Em seguida, o material foi organizado e submetido a uma leitura “flutuante”, com o objetivo de compreender o conteúdo de forma geral e iniciar a identificação de significados relevantes, possibilitando a construção inicial das categorias temáticas.

Os relatos de quatro participantes foram selecionados a partir dos elementos comuns encontrados em suas falas. Foram identificados fatores de risco e fatores de proteção ao longo das diferentes fases da trajetória de vida das participantes: infância, adolescência e vida adulta. A seleção das participantes analisadas baseou-se nas semelhanças observadas em seus relatos, o que permitiu a identificação de padrões comuns em suas trajetórias de vida. Embora os fatores de risco e de proteção tenham sido considerados a partir da literatura, as categorias

temáticas foram construídas a partir dos elementos recorrentes nos relatos, sem a adoção de categorias de análise previamente estabelecidas.

Para o cálculo dos escores de EAI, Forças de Caráter e CPT, os dados foram organizados em uma planilha do *Microsoft Excel 365* e posteriormente transferidos para o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Para a análise dos dados referentes ao instrumento de Experiências Adversas na Infância (EAI), as respostas correspondentes de cada participante foram codificadas de acordo com as recomendações da OMS, seguindo o método Binário, as pontuações para cada uma das 13 categorias do instrumento foram calculadas, definindo ao final uma pontuação de experiências adversas sofridas por cada participante. Para a análise dos dados referentes as Forças de Caráter foram calculadas as pontuações de todas as 24 forças presentes nas participantes, os 71 itens da escala foram agrupados de acordo com as categorias correspondentes a cada força, sendo possível assim, identificar a pontuação de cada uma das 24 forças para cada participante.

Por fim, para o CPT, um escore geral para cada participante foi obtido considerando a pontuação total de participantes com a soma da pontuação obtida em para cada um dos 18 itens do instrumento. Após as análises individuais das EAI, das Forças de Caráter e do CPT, incluindo as análises exploratórias (média, desvio padrão, distribuição), foram realizadas, também, análises correlacionais (*Spearman*) entre o escore total de Experiências Adversas na Infância (EAI) e suas Forças de Caráter, assim como, entre o escore total de Experiências Adversas na Infância (EAI) e seus escores totais de Crescimento Pós-Traumático (CPT). A magnitude das correlações foi classificada como fraca (0,1-0,3), moderada (0,4-0,6) ou forte (0,7-0,9) (Dancey & Reidy, 2019), adotando  $p < 0,05$  como significância estatística.

## **Resultados e Discussão**

A apresentação dos resultados foi dividida em duas etapas: dados quantitativos e dados qualitativos. Os dados quantitativos serão apresentados a partir de sete seções, inicialmente são expostas as características biopsicossociais de mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos que passaram pela UMI da UCRF entre 2014 e 2024; consecutivamente são apresentados os resultados para a amostra de 2025: características biopsicossociais; experiências adversas na infância; forças de caráter; crescimento pós traumático; correlação entre o escore de experiências adversas na infância e forças de caráter; correlação entre o escore de experiências adversas na infância e o escore de crescimento pós traumático.

Para os dados qualitativos os resultados foram organizados em três seções, a primeira apresenta a descrição de quatro casos analisados, selecionados com base nas semelhanças encontradas em seus relatos, para melhor compreensão das trajetórias de vida das participantes; a segunda parte expõe os fatores de risco e a terceira os fatores proteção, identificados ao longo dessas trajetórias nas diferentes fases do ciclo vital: infância; adolescência e vida adulta; os quais são analisados e discutidos considerando os achados acerca do tema presentes na literatura da área.

### **Características biopsicossociais entre 2014 e 2024**

Os dados coletados a partir de 2014 por meio do projeto intitulado Instalação e Manutenção de Brinquedoteca Móvel na Unidade Materno Infantil - Belém-Pará, que deram origem ao banco de dados mantido pelo projeto Manutenção da brinquedoteca 'bebê contente' na Unidade Materno Infantil, foram utilizados neste trabalho com o objetivo de complementar a caracterização da população estudada, para além das 17 participantes entrevistadas em 2025. Nesse sentido, ao longo de 10 anos o questionário Censo aplicado na UMI como parte dos projetos foi modificado e aperfeiçoado, por tanto, a maior quantidade de

dados ausentes para algumas variáveis se justifica pela ausência de perguntas específicas no questionário, que foi se tornando mais completo ao longo dos anos de parceria entre a unidade de custódia e a UFPA.

Para a apresentação das características biopsicossociais de mulheres que passaram pela UMI da UCRF entre 2014 e 2024, as variáveis foram divididas em seis tabelas e três etapas: características biológicas; características psicológicas; características sociais. A tabela 1 trata de uma variável biológica, a faixa etária. Em seguida a tabela 2 irá explorar a variável visita, como uma variável que pode influenciar o estado psicológico da amostra. Por último, são exploradas as tabelas 3, 4, 5 e 6; consideradas variáveis sociais, na seguinte ordem: raça/cor; grau de escolaridade, naturalidade e número de filhos.

### *Características biológicas*

É possível observar na Tabela 1, referente a faixa etária, que a partir do total de registros (N=347), os dados revelam que a maioria 66% (n=229) apresentam faixa etária de 21 a 30 anos; seguidos de 17,6% (n=61) de 18 a 20 anos e de 15,6% (n=54) de 31 a 40 anos. Nesse sentido os registros apontam para uma população majoritariamente jovem, no início da vida adulta, já que uma minoria de 0,6% (n=2) apresenta faixa etária de 41 a 50 anos e 0,3% (n=1) consta como sem informação. A média de idade é de 25,38 e o desvio padrão (DP) de 5,24; sendo a idade mínima 18 e a máxima 41.

### **Tabela 1**

*Dados acerca da Faixa Etária de mulheres presentes na UMI de 2014 a 2024*

| Ano  | Faixa Etária |       |       |    |       | Total |
|------|--------------|-------|-------|----|-------|-------|
|      | 18–20        | 21–30 | 31–40 | SI | 41–50 |       |
| 2014 | -            | 5     | 5     | -  | -     | 10    |
| 2015 | 5            | 11    | 9     | -  | -     | 25    |
| 2016 | 7            | 27    | 3     | 1  | -     | 38    |
| 2017 | 5            | 29    | 2     | -  | 1     | 37    |
| 2018 | 8            | 27    | 4     | -  | 1     | 40    |
| 2019 | 13           | 32    | 7     | -  | -     | 52    |

|       |    |     |    |   |   |     |
|-------|----|-----|----|---|---|-----|
| 2020  | 3  | 20  | 4  | - | - | 27  |
| 2021  | 7  | 27  | 3  | - | - | 37  |
| 2022  | 2  | 14  | 4  | - | - | 20  |
| 2023  | 5  | 11  | 5  | - | - | 21  |
| 2024  | 6  | 26  | 8  | - | - | 40  |
| Total | 61 | 229 | 54 | 1 | 2 | 347 |

*Nota.* SI= sem informação.

Os dados encontrados estão de acordo com a literatura internacional, que aponta para o massivo encarceramento de mulheres jovens (Baldwin et al., 2020; Baker, 2021). Do mesmo modo, a predominância de mulheres jovens na amostra corrobora o que foi encontrado em estudos anteriores no Brasil (Araújo et al., 2020; Ribeiro et al. 2021) com a população carcerária brasileira, que apontam que o encarceramento feminino é marcado não somente pela predominância de mulheres em idade reprodutiva, mas pela presença majoritária de mulheres que são de fato mães. Nesse sentido entende-se que os estudos acerca do encarceramento feminino devem explorar a maternidade como um fator indissociável da realidade dessas mulheres que se encontram muitas vezes encarceradas no início de sua vida adulta.

### *Características Psicológicas*

Quanto ao recebimento de visitas enquanto estavam na UMI, a Tabela 2 releva que a maioria das mulheres 61,1% (n=212) não receberam visitas, enquanto somente 30% (n=104) receberam visita e para 8,9% (n=31) não consta essa informação. A predominância da ausência de visitas pode indicar tanto uma fragilidade de vínculos familiares quanto uma dificuldade por parte das participantes de acessar redes de apoio externas durante seu período de encarceramento.

**Tabela 2***Dados acerca do recebimento de Visitas de mulheres presentes na UMI de 2014 a 2024*

| Ano   | Visitas |     |    |       |
|-------|---------|-----|----|-------|
|       | Não     | Sim | SI | Total |
| 2014  | 4       | 6   | -  | 10    |
| 2015  | -       | -   | 25 | 25    |
| 2016  | 22      | 16  | -  | 38    |
| 2017  | 22      | 15  | -  | 37    |
| 2018  | 22      | 14  | 4  | 40    |
| 2019  | 31      | 21  | -  | 52    |
| 2020  | 18      | 9   | -  | 27    |
| 2021  | 31      | 4   | 2  | 37    |
| 2022  | 17      | 3   | -  | 20    |
| 2023  | 14      | 7   | -  | 21    |
| 2024  | 31      | 9   | -  | 40    |
| Total | 212     | 104 | 31 | 347   |

*Nota.* SI= sem informação.

Becker et al. (2016) afirmam que uma característica marcante do encarceramento feminino é o frequente abandono por parte da família e estima-se que cerca de 60% das mulheres privadas de liberdade não recebem nenhum tipo de visita, o que pode estar ligado a uma desigualdade de gênero persistente relativa as expectativas sociais de que apenas as mulheres sejam leais a seus companheiros ou aos estigmas mais intensos com relação a mulheres autoras de crimes. Para Pitfield et al. (2023) entrar no sistema carcerário se configura como uma experiência traumática que pode gerar sentimento de impotência e sofrimento psicológico em especial para as mulheres que se tornam mães ou enfrentam a separação de seus filhos nesse contexto. Esse entendimento é ainda mais relevante se levarmos em consideração o fato de que estudos brasileiros (Gervásio & Almeida, 2019; Ribeiro et al., 2021), afirmam que as mulheres encarceradas possuem filhos fora do sistema carcerário.

Diante do exposto, entende-se a necessidade de destacar as especificidades relacionadas a mulheres que vivenciam simultaneamente a privação de liberdade, a

maternidade e o número reduzido ou inexistente de visitas enquanto estão inseridas nesse contexto. Uma revisão sistemática de Salloway et al. (2023), com 16 estudos escritos desde 2008, afirma que o período perinatal pode ter efeitos negativos na saúde mental das mulheres, intensificando sintomas de traumas, afetando negativamente a autoestima e o senso de identidade, o que especificamente para mulheres no cárcere, pode culminar em sintomas depressivos e de automutilação. Nesse sentido a manutenção dos vínculos familiares podem ser fundamentais para atenuar os efeitos do contexto carcerário sobre a população feminina. Um estudo realizado por Caravaca-Sánchez et al. (2019) com mulheres encarceradas aponta que o suporte social pode agir como um fator de proteção para prevenir traumas adicionais na população carcerária feminina, considerando que esse público é frequentemente associado a trajetórias de vida marcadas por adversidade.

### *Características sociais*

As características sociais exploradas a seguir seguem a ordem: raça/cor; grau de escolaridade, naturalidade e número de filhos. Os dados são expostos seguindo essa ordem, com as tabelas 3, 4, 5 e 6 respectivamente. Para começar os dados relativos à variável raça/cor, encontrados nos registros, são expostos e discutidos a partir da Tabela 3. Observa-se na Tabela 3, que do total de registros (N=347), os dados mostram que 77,7% (n=266), encontra-se sem informação, entre tanto, o valor que vem em seguida releva que 17,6 % (n=61) são pardas, seguido de um percentual de 2,9% (n=10) brancas; 2,6% (n=9) pretas e 0,3% (n=1) amarela. Entre os registros válidos, observa-se a predominância de mulheres não brancas e em especial de pardas e pretas, o que pode indicar que o sistema penal incide de forma desigual sobre mulheres racializadas.

**Tabela 3***Dados acerca da Raça/Cor autodeclarada por mulheres presentes na UMI de 2014 a 2024*

| Ano   | Raça/Cor |        |       |       |     | Total |
|-------|----------|--------|-------|-------|-----|-------|
|       | Amarela  | Branca | Parda | Preta | SI  |       |
| 2014  | -        | -      | -     | -     | 10  | 10    |
| 2015  | -        | -      | 2     | 1     | 22  | 25    |
| 2016  | -        | -      | 1     | 1     | 36  | 38    |
| 2017  | -        | -      | 1     | 1     | 35  | 37    |
| 2018  | -        | -      | -     | -     | 40  | 40    |
| 2019  | -        | -      | -     | -     | 52  | 52    |
| 2020  | -        | -      | 1     | -     | 26  | 27    |
| 2021  | -        | -      | 1     | 1     | 35  | 37    |
| 2022  | -        | 1      | 7     | 2     | 10  | 20    |
| 2023  | -        | 2      | 17    | 2     | -   | 21    |
| 2024  | 1        | 7      | 31    | 1     | -   | 40    |
| Total | 1        | 10     | 61    | 9     | 266 | 347   |

*Nota.* SI= sem informação.

O encarceramento majoritário de mulheres não brancas é frequentemente retratado na literatura internacional (Antony et al., 2021; Kennedy & Pierce, 2023). É interessante notar que na maior população carcerária do mundo, presente nos Estados Unidos (Fair & Walmsley, 2022), estudos como os de Hernandez et al. (2015) e Heimer et al. (2023) apontam que a maioria das pessoas encarceradas são pretas ou pardas. Negros e latinos compõem 72% da população carcerária dos Estados Unidos e os números de mulheres não brancas em comparação com mulheres brancas também são alarmantes: 133 em cada 100.000 mulheres negras e 77 em cada 100.000 latinas estão presas, em comparação com apenas 47 em cada 100.000 mulheres brancas (Hernandez et al., 2015). Tais dados podem estar associados as histórias marcadas pela fragilização social, vivenciadas por mulheres no sistema carcerário, que em geral enfrentam maiores dificuldades econômicas, sociais e psicológicas do que os homens no mesmo contexto (Heimer et al., 2023).

É possível afirmar que os achados também refletem a realidade da população carcerária brasileira, que é majoritariamente (66,72%) composta por pessoas não brancas de

acordo com o Relatório de Informações Penais da Secretaria Nacional de Políticas Penais (SENAPPEN, 2025). Do mesmo modo os dados encontrados também estão de acordo com outras investigações acerca do tema, como o estudo de Barros e Maçal (2018) com 65 mulheres em privação de liberdade em um presídio de Minas Gerais revelou que 82% das entrevistadas eram negras ou pardas. Nesse sentido, para Valle (2021) o encarceramento de pessoas negras e pardas no sistema prisional brasileiro não pode ser compreendido como resultado de escolhas individuais isoladas, mas deve fomentar discussões acerca das desigualdades estruturais historicamente produzidas.

Para dar continuidade à discussão dos dados relativos as características sociais da amostra, evidencia-se os achados quanto ao grau de escolaridade, na Tabela 4, é possível observar que os registros sem informação representam 74,9% (n= 260). Dentre os dados disponíveis encontra-se o que 13,5% (n=47) da amostra apresenta ensino fundamental incompleto; seguido de 4,3% (n=15) ensino médio incompleto; 2,6% (n=9) ensino fundamental completo. Percentuais menores foram observados para ensino médio completo, com 2,3% (n = 8), não alfabetizadas, com 1,2% (n = 4), ensino superior incompleto, com 0,9% (n = 3), e ensino técnico completo, registrado em apenas 0,3% (n = 1) dos casos. Desse modo, os dados disponíveis sugerem um predomínio de baixa escolarização entre as participantes.

**Tabela 4**

*Dados acerca do Grau de Escolaridade de mulheres presentes na UMI de 2014 a 2024*

| Ano  | Grau de Escolaridade |     |     |     |     |     |                     | SI | Total |
|------|----------------------|-----|-----|-----|-----|-----|---------------------|----|-------|
|      | Não Alfabetizada     | EFC | EFI | EMC | EMI | ETC | Superior Incompleto |    |       |
| 2014 | -                    | -   | 8   | 1   | 1   | -   | -                   | -  | 10    |
| 2015 | -                    | -   | -   | -   | 1   | -   | -                   | 24 | 25    |
| 2016 | -                    | -   | -   | -   | 1   | -   | -                   | 37 | 38    |
| 2017 | -                    | -   | -   | -   | 1   | -   | -                   | 36 | 37    |
| 2018 | -                    | -   | -   | -   | -   | -   | -                   | 40 | 40    |
| 2019 | -                    | -   | -   | -   | -   | -   | -                   | 52 | 52    |
| 2020 | -                    | -   | 1   | -   | -   | -   | -                   | 26 | 27    |

|       |   |   |    |   |    |   |   |     |     |
|-------|---|---|----|---|----|---|---|-----|-----|
| 2021  | - | 1 | 1  | - | -  | - | - | 35  | 37  |
| 2022  | - | 2 | 6  | 1 | 1  | - | - | 10  | 20  |
| 2023  | 1 | 3 | 7  | 2 | 6  | 1 | 1 | -   | 21  |
| 2024  | 3 | 3 | 24 | 4 | 4  | - | 2 | -   | 40  |
| Total | 4 | 9 | 47 | 8 | 15 | 1 | 3 | 260 | 347 |

*Nota.* EFC= ensino fundamental completo; EFI= ensino fundamental incompleto; EMC= ensino médio completo; EMI= ensino médio incompleto; ETC= ensino técnico completo; SI= sem informação.

A predominância de baixos níveis de escolaridade como uma das principais características da população carcerária é um achado recorrente na literatura internacional (Peteet et al., 2018; Heimer et al., 2023; Shlafer et al., 2020). No contexto brasileiro, estudos como os de Barros e Maçal (2018) e Ribeiro et al. (2021) apontam resultados semelhantes, indicando que pessoas em situação de privação de liberdade apresentam, de forma consistente, baixos níveis de escolarização. Conforme destacam Ribeiro et al. (2021), a baixa escolaridade constitui um importante indicador de opressões sociais e econômicas que atravessam a vida da população carcerária e podem estar associadas à busca por alternativas de sobrevivência em contextos de escassez de oportunidades, incluindo a inserção em atividades criminosas.

Para além da escolaridade, a naturalidade também será discutida como parte das características sociais da amostra. Para tanto, observa-se os resultados expostos da Tabela 5, que mostram que apesar de 52,2% (n=181) dos registros não apresentarem informação, destaca-se que dos dados disponíveis a maior parte indica que 27,7% (n=96) da amostra são de Belém ou região metropolitana e 15,3% (n=53) são do interior do Pará, seguidos de 4,9% (n=17) pertencentes a outro estado do Brasil. Considerando os registros válidos há uma presença expressiva de mulheres do interior do estado e de outros estados.

**Tabela 5**

*Dados acerca da Naturalidade de mulheres presentes na UMI de 2014 a 2024*

| Ano   | Naturalidade               |               |                  |              | SI | Total |
|-------|----------------------------|---------------|------------------|--------------|----|-------|
|       | Belém/Região Metropolitana | Metropolitana | Interior do Pará | Outro Estado |    |       |
| 2014  | 6                          | 4             | -                | -            | -  | 10    |
| 2015  | 2                          | 2             | -                | 21           | -  | 25    |
| 2016  | 2                          | 1             | 1                | 34           | -  | 38    |
| 2017  | 1                          | 3             | -                | 33           | -  | 37    |
| 2018  | 5                          | 4             | 2                | 29           | -  | 40    |
| 2019  | -                          | -             | -                | 52           | -  | 52    |
| 2020  | 10                         | 5             | -                | 12           | -  | 27    |
| 2021  | 26                         | 9             | 2                | -            | -  | 37    |
| 2022  | 13                         | 6             | 1                | -            | -  | 20    |
| 2023  | 5                          | 10            | 6                | -            | -  | 21    |
| 2024  | 26                         | 9             | 5                | -            | -  | 40    |
| Total | 96                         | 53            | 17               | 181          | -  | 347   |

*Nota.* SI= sem informação.

Em relação a naturalidade destaca-se o recorte regional do norte do Brasil, especificamente do estado do Pará. A maior parte das participantes deste estudo são da capital Belém ou região metropolitana, o que se justifica pelo fato de que, embora a Unidade de Custódia e Reinserção (UCR) de Ananindeua seja a única unidade feminina do estado que dispõe de uma Unidade Materno-Infantil, existem outras duas Unidades de Custódia e Reinserção Femininas (UCRFs) que oferecem espaços destinados a gestantes e bebês, ainda que com número reduzido de vagas, localizadas nos municípios de Marabá e Santarém, conforme informações da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (SEAP, 2024), considerando que os dados foram coletados com mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos no cárcere. Parte desses dados são compatíveis com um estudo acerca do encarceramento feminino em Belém (Corrêa et al., 2020), que revelou que 91,60 % das mulheres encarceradas na UCRF de Ananindeua são naturais do estado do Pará.

Com relação aos dados encontrados acerca da presença de mulheres do interior do estado e de outros estados, vale destacar que a distância geográfica da família e da comunidade de origem pode estar relacionada ao menor recebimento de visitas e, por consequência pode contribuir para um maior impacto emocional durante o encarceramento. Nesse sentido evidencia-se que nos últimos 20 anos, estudos internacionais (Glaze & Maruschak, 2010; Shlafer et al., 2019) apontaram que mais de 80% das mulheres encarceradas no mundo tenham pelo menos um filho, que pode se encontrar fora do sistema carcerário, afastado de seus cuidados. Diante desse cenário, torna-se relevante analisar o número de filhos das participantes.

Com relação ao número de filhos, a Tabela 6 revela que a maior parte dos registros 83,9% (n=291) revelam que as participantes são mulheres múltíparas, com um número menos expressivo de 16,1% (n=56) sendo primíparas. A média de filhos é de 3,14 (DP=1,91), considerando que o mínimo de filhos é 1 e o máximo é 11. A elevada proporção de mulheres múltíparas revela que a maternidade não é uma realidade nova para as mulheres da amostra, porém, a vivência dessa maternidade dentro do contexto carcerário pode trazer novos significados a experiência.

#### **Tabela 6**

*Dados acerca da Multiparidade de mulheres presentes na UMI de 2014 a 2024*

| Ano   | Multiparidade |            | Total |
|-------|---------------|------------|-------|
|       | Primíparas    | Múltíparas |       |
| 2014  | -             | 10         | 10    |
| 2015  | 5             | 20         | 25    |
| 2016  | 8             | 30         | 38    |
| 2017  | 10            | 27         | 37    |
| 2018  | 5             | 35         | 40    |
| 2019  | 11            | 41         | 52    |
| 2020  | 3             | 24         | 27    |
| 2021  | 5             | 32         | 37    |
| 2022  | 1             | 19         | 20    |
| 2023  | 5             | 16         | 21    |
| 2024  | 3             | 37         | 40    |
| Total | 56            | 291        | 347   |

A literatura internacional revela que a maternidade é um padrão consistente na vida das mulheres encarceradas. Kennedy et al. (2020) apontou em seu estudo que 80% da população feminina encarcerada nos Estados Unidos era composta por mulheres com no mínimo um filho. Do mesmo modo o estudo de Antony et al. (2021) realizado com mulheres nativas encarceradas na Austrália relatou que 80% dessa população é composta por mulheres que são mães e desse quantitativo, a maior parte eram mães de múltiplos filhos, chegando a um total de até 10 filhos.

A predominância de mulheres multíparas na amostra corrobora os achados nos estudos brasileiros de Ribeiro et al. (2021) e de Gervásio e Almeida (2019), que afirmam que a população feminina encarcerada é majoritariamente composta de mulheres com múltiplos filhos. Tal achado reforça a centralidade da maternidade na experiência dessas mulheres e evidencia a necessidade de considerar essa condição na compreensão de suas realidades.

### **Características biopsicossociais da amostra em 2025**

A coleta de dados em 2025 se destaca na pesquisa atual com a utilização de um roteiro de entrevista semiestruturado mais amplo, desenvolvido pela autora deste estudo, com o objetivo de reunir uma maior quantidade de informações acerca da população estudada. Desse modo, a apresentação das características biopsicossociais das mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos na UMI em 2025 foi dividida em três etapas: características biológicas; características psicológicas; características sociais. Os dados serão apresentados por meio das tabelas 7, 8 e 9 respectivamente.

*Características Biológicas***Tabela 7***Características Biológicas da amostra*

| Variáveis                          | f  | %    |
|------------------------------------|----|------|
| Faixa etária                       |    |      |
| ≤ 25                               | 8  | 47,1 |
| > 25                               | 9  | 52,9 |
| Situação de entrada na UMI         |    |      |
| Grávidas                           | 13 | 76,5 |
| Com filhos nascidos na UMI         | 1  | 5,9  |
| Entraram com filhos                | 3  | 17,6 |
| Pré-natal na gestação mais recente |    |      |
| Sim                                | 12 | 70,6 |
| Não                                | 5  | 29,4 |
| Pré-natal de gestações anteriores  |    |      |
| Sim                                | 13 | 76,5 |
| Não                                | 2  | 11,8 |
| Não se aplica                      | 2  | 11,8 |
| Idade da 1ª gestação               |    |      |
| ≥ 18                               | 8  | 47,1 |
| < 18                               | 9  | 52,9 |
| Idade da 1ª relação sexual         |    |      |
| ≥ 18                               | 2  | 11,8 |
| < 18                               | 12 | 70,6 |
| < 14                               | 3  | 17,6 |
| Diagnósticos                       |    |      |
| Sim                                | 2  | 11,8 |
| Não                                | 15 | 88,2 |
| Histórico de IST                   |    |      |
| Sim                                | 5  | 29,4 |
| Não                                | 12 | 70,6 |

*Nota.* IST= infecção sexualmente transmissível.

A tabela 7 trata das características consideradas biológicas. É possível observar na Tabela 7 que a maior parte 52,9% (n=9) das participantes tem idade superior a 25 anos e 47,1% (n=8) tem idade igual ou inferior a 25 anos, sendo a média de idade das participantes 26,94 (DP=6,38), com idade mínima de 18 anos e máxima de 40. Os resultados revelam uma amostra predominantemente composta por mulheres jovens adultas, com distribuição etária

relativamente homogênea. Nesse sentido a idade das participantes, majoritariamente superior a 25 anos, está de acordo com os achados de pesquisas anteriores de Okada (2016) e Oliveira (2017) realizadas na UMI da mesma unidade prisional UCRF de Ananindeua, evidenciando um importante recorte regional quanto as características de mulheres grávidas ou com seus filhos encarceradas no Pará.

Em seguida nota-se que a maior parte das participantes 76,5% (n=13) estavam grávidas no momento da aplicação dos instrumentos; 17,6% (n=3) entraram com seus filhos na UMI e 5,9% (n=1) representa a única participante que havia entrado grávida e permanecido na UMI após o parto, junto de seu bebê, ressaltando que todos os bebês presentes na unidade são menores de dois anos. Esse dado revela que as mulheres presentes na UMI, em sua maioria entram na unidade grávidas, destacando-se que embora a Lei nº 13.257/2016, conhecida como Marco Legal da Primeira Infância, preveja a possibilidade de substituição da prisão provisória por prisão domiciliar para mulheres grávidas ou com filhos de até 12 anos, muitas dessas mulheres que atendem aos critérios legais permanecem encarceradas. Do mesmo modo, a legislação assegura o direito à permanência da mãe com seu filho no cárcere durante o período de amamentação (Brasil, 1984), ou seja, torna-se essencial que cada vez mais as unidades prisionais femininas contem com estruturas adequadas para o atendimento de gestantes e puérperas, como berçários, creches e espaços destinados à amamentação.

Quanto ao acompanhamento pré-natal, observa-se que a maioria das participantes, 70,6% (n=12), afirmou ter realizado pré-natal em sua gestação mais recente ou atual, enquanto 29,4% (n=5) relataram não ter realizado até o momento da coleta. Entre aquelas que realizaram o pré-natal na gestação atual ou mais recente, 29,4% (n=5) informaram que o início do acompanhamento ocorreu somente após a chegada à UMI. No que se refere às gestações anteriores, 76,5% (n=13) relataram ter realizado pré-natal, 11,8% (n=2) afirmaram

não tê-lo feito e, para 11,8% (n=2), a questão não se aplicou, por se tratarem de participantes em sua primeira gestação. Esses resultados indicam que, embora a maioria das participantes tenha tido acesso ao pré-natal em algum momento de suas gestações, uma parcela expressiva iniciou esse acompanhamento tardiamente ou somente após o ingresso no sistema prisional, o que pode evidenciar fragilidades no acesso aos serviços de saúde reprodutiva antes do encarceramento.

Segundo Golembeski et al. (2020), a saúde e o bem-estar de mulheres encarceradas são atravessados por múltiplas formas de opressão, como racismo, pobreza e sexismo, associadas aos determinantes sociais da saúde, incluindo discriminação, condições socioeconômicas e acesso aos serviços de saúde, contribuindo para piores desfechos de saúde ao longo da vida, especialmente no que se refere à saúde reprodutiva e à maternidade, ainda pouco contempladas nas políticas públicas, porém, paradoxalmente, para algumas mulheres, o cárcere acaba se tornando um dos poucos espaços de acesso aos serviços de saúde, o que evidencia fragilidades estruturais nas redes de proteção social e de saúde fora do sistema prisional.

Nesse sentido, entende-se que a trajetória de vida dessa população é atravessada por fragilidades sociais que podem estar associadas a condições de saúde físicas e contribuir para o surgimento de outras problemáticas, como a gravidez na adolescência. Dentre as participantes, 52,9% (n=9) afirmaram que sua primeira gestação ocorreu antes dos dezoito anos, enquanto 47,1% (n=8) relataram ter engravidado com dezoito anos ou mais, sendo a idade média da primeira gestação de 18,00 anos (DP=2,97), com idade mínima de 13 anos e máxima de 24 anos. Caputo e Bordin (2008), identificaram a gravidez na adolescência como um fenômeno associado a fatores familiares e individuais, como a baixa escolaridade parental ou a falta de informações sobre sexualidade. Assim, os dados sugerem que a ocorrência da gravidez precoce entre as participantes pode estar associada a contextos de vulnerabilidade

anteriores ao encarceramento, marcados por desigualdades estruturais que impactam o desenvolvimento e o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos ao longo da vida.

A gravidez na adolescência também pode ser um reflexo da iniciação sexual prematura. Quanto a idade que tinham em sua primeira relação sexual 70,6% (n=12) relataram que tinham menos de dezoito anos, enquanto 11,8% (n=2) afirmaram que tinham dezoito anos ou mais. Nesse sentido vale ressaltar que 17,6% (n=3) das participantes afirmaram ter mantido relações sexuais antes dos quatorze anos de idade, o que configura estupro de vulnerável segundo a Lei nº 12.015/2009 (Brasil, 2009b) do código penal brasileiro. Esses dados evidenciam contextos de vulnerabilidade sexual e social vivenciados precocemente por parte das participantes, indicando que a iniciação sexual em idades muito jovens pode estar associada a experiências de violência, coerção ou ausência de proteção adequada e maior exposição a desfechos adversos em saúde.

Nenhuma participante afirmou possuir deficiência, entretanto 11,8% (n=2) relataram diagnóstico de outras condições de saúde, sendo 5,9% (n=1) endometriose e 5,9% (n=1) hipertensão. Os dados indicam um quantitativo reduzido de participantes com condições de saúde diagnosticadas, esse achado contrasta o estudo de Golembeski et al. (2020), que destaca que a população mulheres envolvidas com o sistema de justiça criminal está fortemente associado a uma ampla gama de desfechos negativos em saúde, apresentando taxas mais elevadas de doenças crônicas e ou comorbidades. Nesse sentido, a baixa frequência de condições de saúde autorreferidas neste estudo pode estar relacionada ao sub diagnóstico, dificuldades de acesso prévio aos serviços de saúde ou à ausência de acompanhamento médico sistemático antes do encarceramento.

Quanto ao histórico de infecções sexualmente transmissíveis 29,4 % (n=5) das participantes afirmaram que já tiveram esse diagnóstico e desse quantitativo todas informaram que se tratava da Sífilis. De acordo com Domingues et al. (2017), estudos

realizados em diversos países, incluindo o Brasil, têm demonstrado elevada prevalência de infecções por HIV e sífilis entre homens e mulheres privados de liberdade, o que reforça a importância da assistência médica no contexto prisional para a implementação de intervenções em saúde com mulheres passando pela maternidade em contexto de cárcere, principalmente considerando que a sífilis pode ser transmitida durante a gravidez e o parto.

### *Características Psicológicas*

**Tabela 8**

#### *Características Psicológicas da amostra*

| Variáveis                          | f  | %    |
|------------------------------------|----|------|
| Descoberta da gravidez             |    |      |
| Dentro do sistema                  | 5  | 29,4 |
| Fora do sistema                    | 9  | 52,9 |
| Não se aplica                      | 3  | 17,6 |
| Recebe visita                      |    |      |
| Sim                                | 1  | 5,9  |
| Não                                | 16 | 94,1 |
| Religião                           |    |      |
| Católica                           | 2  | 11,8 |
| Evangélica                         | 9  | 52,9 |
| Cristã                             | 1  | 5,9  |
| Sem religião                       | 5  | 29,4 |
| Histórico de tentativa de suicídio |    |      |
| Sim                                | 2  | 11,8 |
| Não                                | 15 | 88,2 |
| Histórico de automutilação         |    |      |
| Sim                                | 1  | 5,9  |
| Não                                | 16 | 94,1 |
| Histórico de uso de álcool         |    |      |
| Sim                                | 16 | 94,1 |
| Não                                | 1  | 5,9  |
| Idade do 1º uso de álcool          |    |      |
| ≥ 18                               | 7  | 41,2 |
| < 18                               | 9  | 52,9 |
| Histórico de uso de cigarro comum  |    |      |
| Sim                                | 13 | 76,5 |
| Não                                | 4  | 23,5 |
| Idade do 1º uso de cigarro         |    |      |
| ≥ 18                               | 5  | 29,4 |
| < 18                               | 8  | 47,1 |

|                                          |    |      |
|------------------------------------------|----|------|
| Histórico de uso de substâncias ilícitas |    |      |
| Sim                                      | 13 | 76,5 |
| Não                                      | 4  | 23,5 |
| Idade do 1º uso de substâncias ilícitas  |    |      |
| ≥ 18                                     | 5  | 29,4 |
| < 18                                     | 8  | 47,1 |

A Tabela 8 apresenta as características consideradas no âmbito psicológico. Os dados indicam que a maior parte das participantes 52,9% (n=9) descobriu a gestação fora do sistema carcerário; 17,6% (n=3) ingressaram na unidade já acompanhadas de seus filhos e 29,4% (n=5) relataram ter tomado conhecimento da gestação após o encarceramento. Dentre as 17 mulheres participantes a maioria de 94,1% (n=16), não recebem visita, com apenas 5,9% (n=1) afirmando que foi visitada durante seu período na UMI até o momento da coleta. Esses dados revelam que a experiência da gestação e da maternidade ocorre, para a maioria das participantes, em um contexto marcado pelo rompimento dos vínculos sociais e familiares, evidenciado tanto pelo momento em que a gestação é descoberta quanto pela baixa frequência de visitas durante o período de permanência na UMI.

Segundo Edison e Haynie (2025), mulheres encarceradas tendem a vivenciar níveis mais elevados de sofrimento psicológico antes, durante e após o encarceramento, quando comparadas aos homens privados de liberdade e a ausência de visitas pode intensificar a percepção de estresse associada ao cárcere para as mulheres, sobretudo considerando que o suporte social atua como fator de proteção para saúde mental dessa população. Nesse sentido Kennedy et al. (2020) apontam que no caso específico das mulheres que possuem filhos fora do ambiente carcerário, o acesso às visitas é ainda mais complexo, pois muitas dependem dos cuidadores ou responsáveis legais por seus filhos para viabilizar esse contato, além de enfrentarem barreiras logísticas, dificuldades financeiras e distância geográfica que frequentemente impedem a realização das visitas.

Diante da fragilização dos vínculos familiares, é possível que a população encarcerada busque outras fontes de apoio e alívio frente às adversidades impostas pelo contexto prisional, o que torna relevante a investigação da religiosidade na amostra. Os dados revelam que a maior parte das participantes 52,9% (n=9) se declarou evangélica; 29,4% (n=5) relataram não possuir religião; 11,8% (n=2) se declararam católicas e 5,9% (n=1) afirmou se identificar como cristã. Esses achados sugerem que a religiosidade pode ocupar um papel importante como estratégia subjetiva de enfrentamento diante do isolamento social e da ausência de suporte familiar. De acordo com Thorpe et al. (2023), a religiosidade pode atuar como fator de proteção para a população carcerária.

Com relação ao histórico de tentativa de suicídio 11,8% (n=2) afirmaram que já tentaram pelo menos uma vez e 5,9% (n=1) declarou que já praticou automutilação. Apesar do quantitativo de participantes que afirmaram tentativa de suicídio ou automutilação, nenhuma das 17 mulheres afirmou ter recebido qualquer diagnóstico psiquiátrico ou iniciado qualquer tratamento psicológico no decorrer de suas vidas até o momento. Esses dados revelam uma importante lacuna entre a presença de sofrimento psíquico significativo e o acesso a avaliação, diagnóstico e cuidado em saúde mental, sugerindo possíveis barreiras estruturais, institucionais e sociais ao reconhecimento e tratamento do sofrimento psicológico antes e durante o encarceramento, o que é extremamente relevante visto a significativa presença de problemas de saúde mental entre mulheres e homens privados de liberdade, conforme apontam estudos anteriores (Karlsson & Zielinski, 2020; Jones et al., 2021).

Os dados referentes ao uso de substâncias revelam que a grande maioria das participantes, 94,1% (n=16), afirmou já ter feito uso de álcool, sendo que, desse quantitativo, 52,9% (n=9) relataram consumo antes dos dezoito anos de idade. Quanto ao uso de cigarro comum, 76,5% (n=13) afirmaram já ter feito uso, das quais 47,1% (n=8) iniciaram antes dos dezoito anos. De modo semelhante, em relação às substâncias ilícitas, 76,5% (n=13)

declararam já ter utilizado, sendo que 47,1% (n=8) consumiram antes dos dezoito anos. Esses achados indicam que o uso de substâncias lícitas e ilícitas entre essa população é elevado, bem como que um quantitativo expressivo iniciou o consumo de forma precoce. Tais resultados estão de acordo com achados da literatura internacional (Augsburger et al., 2022; Favril, 2023; Staton et al., 2023), que identificam altas taxas de uso de álcool, tabaco e/ou drogas ilícitas entre mulheres encarceradas, com histórico de uso prolongado anterior ao encarceramento, configurando fatores de risco tanto para diferentes agravos à saúde quanto para o próprio processo de encarceramento, contribuindo para a fragilização dessa população.

### *Características Sociais*

#### **Tabela 9**

##### *Características Sociais da amostra*

| Variáveis            | f  | %    |
|----------------------|----|------|
| Cor/Etnia            |    |      |
| Preta                | 4  | 23,5 |
| Parda                | 12 | 70,6 |
| Branca               | 1  | 5,9  |
| Escolaridade         |    |      |
| EFI                  | 7  | 41,2 |
| EMC                  | 1  | 5,9  |
| EMI                  | 7  | 41,2 |
| ETC                  | 1  | 5,9  |
| ESI                  | 1  | 5,9  |
| Situação de trabalho |    |      |
| Trabalho autônomo    | 11 | 64,7 |
| Dona de casa         | 4  | 23,5 |
| Estudante            | 1  | 5,9  |
| Funcionário público  | 1  | 5,9  |
| Naturalidade         |    |      |
| Belém/Região         | 7  | 41,2 |
| Metropolitana        |    |      |
| Interior do Pará     | 9  | 52,9 |
| Outro estado         | 1  | 5,9  |
| Estado civil         |    |      |
| Solteira             | 7  | 41,2 |
| União estável        | 9  | 59,2 |
| Viúva                | 1  | 5,9  |
| Nº de filhos         |    |      |

|                                 |    |      |
|---------------------------------|----|------|
| Primeiro filho                  | 2  | 11,8 |
| 2 a 3                           | 8  | 47,1 |
| > 3                             | 7  | 41,2 |
| Composição familiar             |    |      |
| Família reconstruída            | 3  | 17,6 |
| Família nuclear                 | 7  | 41,2 |
| Família extensa                 | 7  | 41,2 |
| Filhos com múltiplos parceiros  |    |      |
| Sim                             | 14 | 82,4 |
| Não                             | 1  | 5,9  |
| Primeira gestação               | 2  | 11,8 |
| Filhos no cuidado de            |    |      |
| Familiares                      | 14 | 82,4 |
| Amigos                          | 1  | 5,9  |
| Sem outros filhos               | 2  | 11,8 |
| Repetiu série na escola         |    |      |
| Sim                             | 10 | 58,8 |
| Não                             | 7  | 41,2 |
| Histórico de expulsão escolar   |    |      |
| Sim                             | 3  | 17,6 |
| Não                             | 14 | 82,4 |
| Evasão escolar                  |    |      |
| Sim                             | 14 | 82,4 |
| Não                             | 3  | 17,6 |
| Trabalho na infância            |    |      |
| Sim                             | 4  | 23,5 |
| Não                             | 13 | 76,5 |
| Trabalho na adolescência        |    |      |
| Sim                             | 13 | 76,5 |
| Não                             | 4  | 23,5 |
| Nº de passagens pelo sistema    |    |      |
| 1                               | 8  | 47,1 |
| 2                               | 6  | 35,3 |
| >3                              | 3  | 17,6 |
| Ato infracional na adolescência |    |      |
| Sim                             | 3  | 17,6 |
| Não                             | 14 | 82,4 |
| Motivo da prisão atual          |    |      |
| Tráfico de drogas               | 8  | 47,1 |
| Roubo                           | 3  | 17,6 |
| Estelionato                     | 2  | 11,8 |
| Corrupção de menores            | 1  | 5,9  |
| Lesão corporal                  | 1  | 5,9  |
| Roubo qualificado               | 1  | 5,9  |
| Tentativa de homicídio          | 1  | 5,9  |

Nota. UMI = unidade materno infantil; EFI= ensino fundamental incompleto; EMC= ensino médio completo;

EMI= ensino médio incompleto; ETC= ensino técnico completo.

A Tabela 9 apresenta as características consideradas sociais das participantes. Os dados relativos à Cor/Etnia, indicam que a maior parte das mulheres 70,6% (n=12) se declarou parda, seguida por 23,5% (n=4) que se declararam pretas e 5,9% (n=1) branca. Esses achados estão em consonância com a literatura internacional (Antony et al., 2021; Kennedy & Pierce, 2023), que aponta que mulheres não brancas compõem a maior parcela da população carcerária, e corroboram os dados nacionais do Relatório de Informações Penais da Secretaria Nacional de Políticas Penais (SENAPPEN, 2025), segundo os quais pessoas não brancas representam 66,72% da população prisional brasileira, bem como outros estudos realizados no país (Barros & Maçal, 2018; Alves, 2018). Desse modo, os resultados reforçam que o encarceramento de mulheres negras e pardas está relacionado a problemas complexos e estruturais, indicando que a cor da pele não se configura como fator determinante do encarceramento, mas como um marcador das fragilidades sociais historicamente vivenciadas por essas mulheres na sociedade (Valle, 2021).

Quanto a escolaridade 41,2% (n=7) afirmaram ter ensino fundamental incompleto; 41,2% (n=7) ensino médio incompleto; 5,9% (n=1) ensino médio completo; 5,9% (n=1) afirmou ter ensino técnico completo e 5,9% (n=1) afirmou ter ensino superior incompleto. Esses dados seguem os padrões de baixa escolaridade dessa população encontrados na literatura internacional (Peteet et al., 2018; Heimer et al., 2023; Shlafer et al., 2020) e também corroboram os resultados encontrados nos estudos de Okada (2016) e Oliveira (2017) realizadas na UMI da mesma unidade prisional UCRF de Ananindeua. Diante desses resultados, reforça-se que a população encarcerada possui trajetórias marcadas por fragilidades sociais (Ribeiro et al., 2021). A escolaridade pode estar ligada aos dados encontrados sobre a situação de trabalho em que 64,7% (n=11) declararam trabalho informal; 23,5% (n=4) se declararam como donas de casa; 5,9% (n=1) se declarou como estudante e

5,9% (n=1) se declarou como funcionária pública. Os dados indicam que a maior parte das participantes exerce trabalho informal, o que pode ocorrer justamente pelo baixo grau de escolaridade encontrado na população, que segundo Ribeiro et al. (2021) pode limitar oportunidades e contribuir para o início de atividades ilegais como fonte de renda.

Quanto à naturalidade, a maior parte das mulheres 52,9% (n=9) nasceu no interior do estado do Pará, enquanto 41,2% (n=7) nasceram em Belém ou na região metropolitana e 5,9% (n=1) em outro estado. Em relação ao local de residência, todas as participantes residem no estado do Pará, sendo 52,9% (n=9) em Belém ou na região metropolitana e 47,1% (n=8) no interior do estado. Esses dados indicam que, embora todas residam no Pará, um quantitativo expressivo vive e nasceu no interior do estado, encontrando-se afastadas da localidade onde estão custodiadas, uma vez que a UCRF está situada na região metropolitana de Belém. Essa distância geográfica pode contribuir para explicar o elevado percentual de mulheres que não recebem visitas 94,1% (n=16) e pode contribuir para fragilização dos vínculos familiares. Nesse sentido, a distância geográfica entre a custodiada e seu local de residência ou de naturalidade constitui um obstáculo recorrente à realização de visitas no contexto carcerário, assim como o fato de que mulheres com filhos fora do sistema prisional dependem da disponibilidade dos cuidadores ou responsáveis legais que permanecem com essas crianças (Kennedy et al., 2020).

Desse modo, para melhor entender sua situação familiar da amostra, volta-se o olhar para os dados referentes ao estado civil e ao número de filhos das participantes. Observa-se, que 59,2% (n=9) declararam viver em união estável, enquanto 41,2% (n=7) se identificaram como solteiras e 5,9% (n=1) como viúva. Em relação ao número de filhos, 47,1% (n=8) relataram ter entre dois e três filhos, 41,2% (n=7) afirmaram ter mais de três filhos e 11,8% (n=2) encontravam-se grávidas do primeiro filho. Dessa forma, excluindo-se as gestantes pela primeira vez, todas as participantes são multíparas e relataram ter filhos menores de idade

fora do cárcere. A média de filhos por participante foi de 3,41 (DP=2,45), com variação entre um e onze filhos. Esse quantitativo expressivo de mulheres solteiras e com múltiplos filhos está de acordo com o que foi relatado pelo estudo de Oliveira (2017) na UMI da mesma UCRF.

O número significativo de mulheres solteiras e mães de múltiplos filhos pode indicar uma rede de apoio fragilizada, uma vez que, conforme apontado por Lopes (2015), mulheres em situação de encarceramento vivenciam múltiplas formas de punição para além da privação de liberdade, como o afastamento da convivência com os filhos e o abandono ou enfraquecimento dos vínculos familiares. Ao analisar a composição familiar das participantes, observa-se que 41,2% (n=7) relataram viver em família nuclear, 41,2% (n=7) em família extensa e 17,6% (n=3) em família reconstruída. Além disso, 82,4% (n=14) afirmaram ter filhos com múltiplos pais biológicos. Ressaltando que 82,4% (n=14) das participantes informaram que seus filhos se encontram sob os cuidados de familiares e 5,9% (n=1) sob os cuidados de amigos, evidenciando que essas mulheres dependem de sua rede de apoio para garantir o cuidado de seus filhos durante o seu encarceramento, o que corrobora o estudo de Arruda e Smeha (2019) que aponta que em especial as avós aceitam a responsabilidade pelo cuidado de seus netos filhos de mulheres encarceradas.

Com o objetivo de complementar as informações referentes as características sociais atuais das participantes, foram explorados também dados relativos a seus históricos de vida, no âmbito social. Dos dados referentes ao histórico escolar das participantes, observa-se que a maioria de 82,4% (n=14) apresentou histórico de evasão escolar. A média de idade de evasão escolar é de 14,93 (DP=3,43), com idade mínima de 10 anos e máxima de 20. Ademais, o percentual de 17,6% (n=3) relataram já terem sido expulsas da escola e 58,8% (n=10) das participantes relataram ter repetido ao menos uma vez uma série durante seu percurso escolar. Esses dados complementam e esclarecem melhor os baixos níveis de

escolaridade encontrados na amostra, indicando que diversos fatores podem ter contribuído para interrupção dos estudos das participantes.

De acordo com Souza et al. (2020), a evasão escolar refere-se ao abandono dos estudos, caracterizado pela interrupção da frequência escolar e na Região Norte do Brasil, esse fenômeno ocorre predominantemente nos dois primeiros anos do Ensino Médio, estando associada a múltiplos fatores relacionados às particularidades locais, como condições precárias de vida, dificuldades de acesso e transporte, além da inadequação das práticas educacionais às características próprias das populações da região. Dessa forma, a evasão escolar deve ser compreendida como um fenômeno complexo e multifatorial, atravessado por desigualdades sociais e estruturais. Do mesmo modo, o histórico de trabalho da amostra também pode ter contribuído para os baixos níveis de escolaridade, considerando que 76,5% (n=13) relataram ter trabalhado durante a adolescência e 23,5% (n=4) indicaram ter trabalhado durante a infância. A média da idade que começaram a trabalhar foi de 13,76 (DP= 3,47), sendo a idade mínima registrada de 7 anos e a máxima de 18. Todas as participantes que afirmaram que trabalharam antes dos dezoito anos de idade afirmaram se tratar de trabalhos informais.

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/1990 (Brasil, 1990), a infância compreende o período até os 12 anos incompletos e adolescência dos 12 aos 18 anos, sendo assegurada a essas fases a proteção integral. Nesse sentido o ECA proíbe o trabalho antes dos 14 anos, exceto na condição de aprendiz, e estabelece garantias específicas ao adolescente trabalhador a partir dessa idade, visando preservar seu desenvolvimento físico, psicológico, moral e educacional, por tanto, os dados encontrados revelam situações de violação de direitos, uma vez que parte significativa das participantes relatou início precoce de trabalho, inclusive antes dos 14 anos, em contextos informais e sem qualquer tipo de regulamentação.

O histórico de envolvimento das participantes com atividades criminais, contribui para melhor compreensão de como chegaram ao encarceramento. Nesse sentido esses dados são explorados primeiramente, para que por fim ocorra a discussão acerca dos motivos para a prisão atual encontrados na amostra. Quanto ao número de passagens pelo sistema carcerário 47,1% (n=8) tem uma única passagem (atual) pelo sistema; 35,3% (n=6) tem duas passagens contando com a atual e 17,6% (n=3) tem mais de três passagens incluindo a atual. Do quantitativo de participantes 17,6% (n=3) afirmaram ter ato infracional em seus históricos, resultante de descumprimento da lei na adolescência. Esses dados revelam que, embora uma parcela significativa das participantes esteja vivenciando sua primeira experiência de encarceramento, observa-se também a presença de trajetórias marcadas por reincidência e por envolvimento precoce com o sistema de justiça, o que pode indicar a vulnerabilidade diante de contextos de exclusão social que por consequência leva ao envolvimento com atividades criminosas, como apontado por Constant (2021).

Acerca dos motivos de prisão atual das participantes, o tráfico de drogas foi o mais frequente, correspondendo a 47,1% dos casos (n=8). Em seguida, o roubo apareceu como o segundo motivo mais recorrente, representando 17,6% (n=3). O estelionato correspondeu a 11,8% das ocorrências (n=2). Os crimes de corrupção de menores, lesão corporal, roubo qualificado e tentativa de homicídio apresentaram a mesma frequência, cada um representando 5,9% dos casos (n=1). Os resultados encontrados estão de acordo com os estudos encontrados na literatura internacional (Jeffries et al., 2018; Constant, 2021) e com estudos nacionais (Ribeiro et al., 2021; Fernandes et al., 2018), que apontam o tráfico de drogas um dos principais motivos que levam mulheres a prisão. Dessa forma, Fernandes et al. (2018) apontam que mulheres encarceradas frequentemente apresentam trajetórias marcadas pela carência de recursos financeiros e pela inserção precoce no mercado de trabalho, fatores

que contribuem para a evasão escolar e para a manutenção de contextos de vulnerabilidade social.

### **Experiências adversas na infância da amostra**

Os resultados para Experiências Adversas na Infância na amostra estão expostos nas tabelas 10; 11 e 12. Na Tabela 10 observa-se que a média de EAIs foi de 7,35 (DP=3,25) experiências por participante, com valores que variaram entre o mínimo de 2 e o máximo de 13.

**Tabela 10**

*Estatísticas descritivas das Experiências Adversas na Infância*

| Variável | Média | Mediana | DP   |
|----------|-------|---------|------|
| EAI      | 7,35  | 8       | 3,25 |

*Nota.* EAI= experiências adversas na infância; DP = desvio padrão.

Em seguida na tabela 11 destaca-se que 82,4% (n=14) das participantes apresentaram quatro ou mais experiências adversas dentre as 13 categorias investigadas. Nesse sentido observa-se elevada exposição as adversidades na amostra, embora ocorra discrepância entre as pontuações.

**Tabela 11**

*Frequência do escore total de exposição a Experiências Adversas na Infância*

| Escore total de EAI | <i>f</i> | %    |
|---------------------|----------|------|
| 2 a 3               | 3        | 17,6 |
| ≥4                  | 14       | 82,4 |
| Total               | 17       | 100  |

*Nota.* EAI= experiências adversas na infância.

Quanto a frequência com a qual cada experiência foi relatada os dados estão expostos na Tabela 12. A experiência mais frequente foi a violência na comunidade, presente em

88,2% (n=15) das participantes, seguida por violência entre familiares no lar e abuso emocional, ambas relatadas por 82,4% (n=14). A morte e/ou separação dos pais foi identificada em 76,5% (n=13), enquanto o abuso físico esteve presente em 64,7% (n=11). Violência entre pares/bullying e violência coletiva foram relatadas por 58,8% (n=10), assim como a negligência física, identificada em 52,9% (n=9). O consumo de álcool e/ou drogas por familiares no lar foi referido por 47,1% (n=8), o abuso sexual por 41,2% (n=7) e a negligência emocional por 35,3% (n=6). As experiências menos frequentes foram a presença de membro do núcleo familiar com problema mental ou encarcerado, ambas observadas em 23,5% das participantes (n=4). Esses dados revelam uma elevada exposição de diferentes formas de violência e adversidade ao longo da infância e adolescência das participantes.

### **Tabela 12**

#### *Frequência das Experiências Adversas na Infância*

| Categorias de EAI                             | f  | %    |
|-----------------------------------------------|----|------|
| Negligência emocional                         | 6  | 35,3 |
| Negligência física                            | 9  | 52,9 |
| Familiar usuário de álcool/drogas no lar      | 8  | 47,1 |
| Membro do núcleo familiar com problema mental | 4  | 23,5 |
| Membro do núcleo familiar encarcerado         | 4  | 23,5 |
| Morte e/ou separação dos pais                 | 13 | 76,5 |
| Violência entre familiares no lar             | 14 | 82,4 |
| Abuso emocional                               | 14 | 82,4 |
| Abuso físico                                  | 11 | 64,7 |
| Abuso sexual                                  | 7  | 41,2 |
| Violência entre pares/bullying                | 10 | 58,8 |
| Violência na comunidade                       | 15 | 88,2 |
| Violência coletiva                            | 10 | 58,8 |

*Nota.* EAI= experiências adversas na infância.

Os dados encontrados têm suporte na literatura acerca do tema, já que a elevada exposição a experiências adversas entre mulheres encarceradas foi demonstrada em estudos internacionais anteriores (Boppre & Boyer, 2021; Henry, 2020; Lehrer, 2021). Para Felitti et al. (1998), é o acúmulo das EAIs que pode agir como fator de risco para problemas de saúde

física e mental, ou seja, a exposição de quatro ou mais experiências adversas na infância de uma pessoa é considerada um fator de risco para o tabagismo, a obesidade grave, inatividade física, humor deprimido, tentativas de suicídio, alcoolismo, uso de drogas ilícitas, infecções sexualmente transmissíveis e doenças crônicas; principalmente em comparação com pessoas que não relatam ao menos uma EAI.

Nesse sentido entende-se que não são as experiências isoladas que podem explicar as condições de saúde ou comportamento de pessoas em uma amostra, mas o número significativo de experiências adversas vivenciadas por cada indivíduo. Dessa forma, um número significativo de mulheres da amostra é vulnerável para uma série de desfechos negativos, visto que 82,4% afirmaram que vivenciaram quatro ou mais experiências adversas na infância.

Quanto a frequência com que cada EAI aparece entre as participantes, é interessante notar que algumas experiências acontecem dentro dos lares, enquanto outras, não estão ligadas diretamente aos núcleos familiares. Nesse sentido, a violência na comunidade diz respeito a situações de agressão testemunhadas no cotidiano do bairro ou da vizinhança, enquanto a violência coletiva, envolve ações violentas realizadas por grupos ou instituições (guerras; conflitos políticos; crime organizado) que resultam em agressões que afetam o indivíduo, seus amigos ou familiares, ou seja, são acontecimentos que fazem parte de um grupo de experiências relativas a eventos que ocorrem fora do núcleo familiar, assim como, a violência entre pares/bullying (WHO, 2018).

Dentre as participantes, a violência na comunidade foi a experiência mais relatada, contudo, as violências que podem ocorrer dentro do núcleo familiar também se destacam, sendo elas o abuso ou a negligência, física ou emocional. Para o Centers for Disease Control and Prevention (CDC, 2025) todas as experiências adversas na infância são eventos

potencialmente traumáticos, sejam elas o abuso ou negligência sofridos no lar, a violência testemunhada no lar ou fora dele, ou outros aspectos do ambiente da criança, como crescer em lares com familiares com problemas de uso de substâncias ou problemas de saúde mental e ambientes de instabilidade devido a separação dos pais ou prisão de membros da família.

Desse modo, ressalta-se que o estresse significativo e prolongado durante a infância pode gerar consequências que afetam o resto da vida dos indivíduos e podem se associar a comportamentos adotados por algumas pessoas que passaram por Experiências Adversas na Infância, levando a problemas sérios como alcoolismo, depressão, distúrbios alimentares, sexo sem proteção, infecções sexualmente transmissíveis, doenças cardíacas, câncer e outras doenças crônicas (WHO, 2020). Nesse sentido, as mulheres da amostra são um público vulnerável para uma série de desfechos negativos ao longo de suas vidas.

Do mesmo modo, entende-se que todos os aspectos adversos no ambiente das crianças podem prejudicar seu senso de segurança, estabilidade e vínculo (CDC, 2025). Diante dos resultados, torna-se fundamental investigar as Experiências Adversas na Infância em mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos no cárcere, a fim de compreender melhor suas especificidades e vulnerabilidades, sobretudo considerando que não foram encontrados estudos brasileiros que utilizem o instrumento para avaliação dessas adversidades nessa população.

### **Forças de caráter na amostra**

Os dados referentes às Forças de Caráter na amostra podem ser observados na Tabela 13. De modo geral, observa-se uma variação expressiva entre as médias obtidas, indicando diferenças relevantes na manifestação das forças de caráter entre as participantes.

**Tabela 13***Estatísticas descritivas das Forças de Caráter*

| Forças              | Média | Mediana | DP   |
|---------------------|-------|---------|------|
| Criatividade        | 6,24  | 7       | 2,33 |
| Curiosidade         | 9,82  | 11      | 2,12 |
| Pensamento Crítico  | 8,59  | 9       | 2,83 |
| Amor ao aprendizado | 9,29  | 10      | 2,88 |
| Sensatez            | 6,41  | 6       | 2,78 |
| Bravura             | 7,71  | 9       | 3,80 |
| Perseverança        | 9,47  | 11      | 2,91 |
| Autenticidade       | 8,18  | 8       | 1,55 |
| Vitalidade          | 7,82  | 8       | 2,50 |
| Amor                | 9,59  | 10      | 2,45 |
| Bondade             | 9,82  | 10      | 1,74 |
| Inteligência Social | 7,12  | 7       | 2,66 |
| Cidadania           | 9,12  | 10      | 2,14 |
| Imparcialidade      | 8,35  | 9       | 2,02 |
| Liderança           | 5,41  | 7       | 3,28 |
| Perdão              | 6,53  | 5       | 3,76 |
| Modéstia            | 9,47  | 10      | 2,12 |
| Prudência           | 9,18  | 10      | 2,65 |
| Autorregulação      | 7,29  | 7       | 2,54 |
| Apreciação do Belo  | 6,53  | 6       | 1,28 |
| Gratidão            | 10,82 | 12      | 1,74 |
| Humor               | 7,41  | 8       | 2,89 |
| Esperança           | 10,47 | 11      | 1,17 |
| Espiritualidade     | 9,00  | 10      | 3,35 |

*Nota.* DP = desvio padrão.

As forças que apresentaram as maiores médias absolutas foram Gratidão, com média de 10,82 (DP = 1,74), valor mínimo de 7 e máximo de 12; Esperança, com média de 10,47 (DP = 1,17), mínimo de 9 e máximo de 12; Curiosidade, com média de 9,82 (DP = 2,12), mínimo de 4 e máximo de 12; e Bondade, com média de 9,82 (DP = 1,74), mínimo de 6 e máximo de 12. Em seguida, destacam-se Amor, com média de 9,59 (DP = 2,45), mínimo de 4 e máximo de 12; Perseverança, com média de 9,47 (DP = 2,91), mínimo de 3 e máximo de 12; e Modéstia, também com média de 9,47 (DP = 2,12), mínimo de 6 e máximo de 12.

Ao considerar os parâmetros específicos de pontuação de cada força, destaca-se também a Apreciação do Belo como uma força fortemente presente na amostra. Essa força apresentou média de 6,53 ( $DP = 1,28$ ), com valores mínimo e máximo de 5 e 8, respectivamente. Cabe ressaltar que a Apreciação do Belo é composta por apenas dois itens, o que estabelece um escore máximo possível de 8, diferentemente das demais forças avaliadas, cujo escore máximo é 12. Nessa perspectiva, a média observada corresponde a níveis elevados dessa força entre as participantes. Além disso, o valor mínimo relativamente alto e a baixa variabilidade dos escores sugerem uma manifestação consistente dessa força no grupo.

De forma geral, os dados revelam que, apesar das trajetórias marcadas por múltiplas vulnerabilidades, as participantes apresentam forças de caráter relevantes, especialmente gratidão, esperança, curiosidade, bondade, amor e apreciação do belo. Por outro lado, quando consideradas as médias absolutas, as forças com menores valores foram Autorregulação, com média de 7,29 ( $DP = 2,54$ ), variando de 2 a 12; Perdão, com média de 6,53 ( $DP = 3,76$ ), com valores entre 1 e 12; Sensatez, que apresentou média de 6,41 ( $DP = 2,78$ ), com mínimo de 2 e máximo de 12; e Criatividade, que obteve a menor média entre as forças avaliadas, com média de 6,24 ( $DP = 2,33$ ), variando de 2 a 11. Nesse sentido, as forças com menores médias podem representar dificuldades na construção dessas forças ao longo de suas trajetórias de vida, considerando que, conforme Seligman (2009), as forças de caráter podem ser desenvolvidas por meio de práticas intencionais, persistência, ensinamentos e dedicação.

Segundo Peterson e Seligman (2004) as forças de caráter são definidas como traços positivos que contribuem para uma vida satisfatória e bem-sucedida. Nesse sentido, as forças mais presentes na amostra foram a gratidão, esperança, curiosidade, bondade, o amor e a apreciação do belo. A gratidão refere-se à capacidade de reconhecer e valorizar as coisas boas da vida, bem como de expressar agradecimento por elas (Peterson & Seligman, 2004). A elevada média de Gratidão observada na amostra pode indicar que, apesar das adversidades

acumuladas ao longo de suas trajetórias e da condição de privação de liberdade, as participantes conseguem identificar aspectos positivos em suas experiências, relações ou na própria maternidade. Essa força pode funcionar como um importante recurso psicológico, favorecendo sentimentos de reconhecimento, conexão e sentido, mesmo em contextos marcados por restrições e vulnerabilidades.

Outra força que apresentou média significativa entre as participantes foi a esperança, que é definida por Peterson e Seligman (2004) como uma característica ligada ao otimismo e à crença de que é possível trabalhar para alcançar um futuro melhor. A elevada média de Esperança pode indicar que, mesmo diante da situação de privação de liberdade, as participantes mantêm a capacidade de projetar possibilidades futuras e acreditar em mudanças, aspecto especialmente relevante em mulheres que vivenciam a maternidade no cárcere.

A curiosidade, segundo Peterson e Seligman (2004), diz respeito ao interesse por novas experiências, à exploração do ambiente e ao desejo de aprender e descobrir diferentes assuntos. A média elevada dessa força na amostra pode sugerir que as participantes preservam uma postura ativa diante da vida, marcada pela abertura ao novo e pela busca de sentido, mesmo em um contexto de rotinas rígidas e limitações como o cárcere. Essa característica pode refletir uma disposição para aprender com as próprias experiências e para se envolver com oportunidades de crescimento, ainda que em condições adversas.

A bondade envolve a realização de boas ações, o cuidado com o outro e a disposição para ajudar (Peterson & Seligman, 2004). A presença expressiva dessa força entre as participantes pode estar relacionada à centralidade das relações interpessoais e do cuidado, especialmente no contexto da maternidade e da convivência coletiva no cárcere. A bondade pode representar uma estratégia de fortalecimento dos vínculos sociais, além de favorecer

sentimentos de pertencimento, solidariedade e apoio mútuo entre mulheres que compartilham experiências semelhantes de vulnerabilidade.

O amor, conforme definido por Peterson e Seligman (2004), refere-se à valorização de relações íntimas, baseadas em cuidado, afeto e reciprocidade. A elevada média dessa força pode indicar que, apesar das rupturas familiares e das limitações impostas pelo encarceramento, as participantes mantêm vínculos afetivos significativos, especialmente relacionados aos filhos, parceiros ou familiares. No contexto da maternidade no cárcere, o amor pode assumir um papel central como fonte de motivação, proteção emocional e sentido, contribuindo para a preservação da identidade materna e dos laços afetivos.

Por fim, a apreciação do belo, diz respeito à capacidade de perceber e valorizar a beleza, a excelência e experiências positivas em diferentes domínios da vida cotidiana (Peterson & Seligman, 2004). Os altos escores observados nessa força, podem indicar que as participantes conseguem reconhecer aspectos estéticos, emocionais ou simbólicos positivos mesmo em ambientes restritivos. Essa força pode estar associada à sensibilidade emocional e à capacidade de encontrar momentos de encantamento, significado ou alívio emocional, funcionando como um recurso de enfrentamento diante das condições adversas do cárcere.

A identificação de forças de caráter na amostra é especialmente relevante porque não foram encontrados, na literatura internacional ou nacional, estudos que se proponham à investigação dessas forças na população carcerária feminina, especialmente em mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos. Entretanto, estudos internacionais destacam a relevância das forças de caráter em diferentes domínios da vida (Harzer et al., 2021; Wagner et al., 2021). Nesse sentido, Wagner et al. (2021) apontam que as forças de caráter tendem a ser mais frequentemente expressas em domínios como relações pessoais íntimas e relacionamentos afetivos, indicando que esses domínios podem ser entendidos como

princípios importantes para intervenções baseadas nas forças de caráter, devendo ser mais explorados na literatura.

No contexto brasileiro, Noronha et al. (2023), em um estudo com estudantes de uma universidade particular, observaram que as mulheres apresentaram maiores médias do que os homens em seis forças de caráter: amor, inteligência social, modéstia, apreciação da beleza, esperança e espiritualidade. Esses achados são semelhantes aos do presente estudo, uma vez que as forças amor, esperança e apreciação do belo também estão entre as mais elevadas na amostra investigada, porém, as forças como inteligência social, modéstia e espiritualidade não se destacaram entre as mais presentes neste grupo, o que pode estar relacionado às especificidades do contexto prisional, às trajetórias de vida marcadas por rupturas sociais e às condições de privação de liberdade, que podem influenciar a expressão e o desenvolvimento de determinadas forças.

Do mesmo modo, Noronha e Martins (2016) identificaram, em uma amostra de universitários, que as mulheres apresentaram maiores médias em forças como autenticidade, bondade, gratidão e perseverança. Esses resultados apresentam semelhanças com o presente estudo especialmente no que se refere às forças bondade e gratidão, que também se mostraram expressivas na amostra de mulheres encarceradas, porém, as forças como autenticidade e perseverança, embora presentes, não se configuraram entre as mais elevadas neste estudo, o que pode refletir os efeitos de contextos de vulnerabilidade social e institucionalização.

Nessa perspectiva, Mercali e Costa (2021) ressaltam que o estudo das forças de caráter amplia o olhar para além das psicopatologias, permitindo reconhecer aspectos saudáveis e potenciais presentes no indivíduo, mesmo em contextos adversos. Nesse sentido, identificar forças de caráter em mulheres encarceradas possibilita compreender não apenas

suas vulnerabilidades, mas também seus recursos internos e capacidades de enfrentamento. Esses achados reforçam a importância de intervenções que valorizem e fortaleçam as potencialidades já existentes, contribuindo para a promoção do bem-estar psicológico, especialmente entre mulheres que vivenciam a maternidade em situação de privação de liberdade.

### **Crescimento pós-traumático na amostra**

Quanto ao Crescimento Pós-Traumático (CPT), os dados apresentados na Tabela 14 indicam que os escores variaram de 54 a 86, evidenciando que todas as participantes obtiveram pontuações superiores a 45, valor correspondente à metade do escore máximo possível do instrumento (90). Esse resultado sugere a presença de percepções subjetivas de crescimento pós-traumático em sua dimensão geral entre as participantes. A média geral de CPT foi de 69,76 (DP = 9,00), indicando relativa homogeneidade entre as participantes.

**Tabela 14**

*Estatísticas descritivas do escore total de Crescimento Pós-Traumático*

| Variável            | Média | Mediana | DP   |
|---------------------|-------|---------|------|
| Escore total de CPT | 69,76 | 74      | 9,00 |

*Nota.* CPT=crescimento pós-traumático; DP = desvio padrão.

Para a avaliação do Crescimento Pós-Traumático (CPT) na literatura internacional, estudos como o de Tranter e Brooks (2021) têm utilizado comparações de escores antes e após intervenções voltadas à promoção do bem-estar, demonstrando que estratégias focadas na gestão da resiliência emocional podem impactar positivamente o funcionamento psicológico. Do mesmo modo, Vanhooren et al. (2018b) evidenciaram que o crescimento pós-traumático pode emergir a partir de intervenções terapêuticas realizadas no contexto carcerário, indicando que esse ambiente, apesar de suas adversidades, não impede processos de resignificação psicológica.

Os idealizadores do instrumento original de avaliação do CPT, Tedeschi e Calhoun (1996), ao compararem indivíduos que vivenciaram traumas com aqueles que não relataram experiências traumáticas, observaram que pessoas expostas a eventos traumáticos mais severos relataram maiores benefícios percebidos, especialmente entre as mulheres. Esses achados reforçam a compreensão de que o crescimento pós-traumático está associado à forma como o indivíduo elabora e atribui significado às adversidades vivenciadas.

Nesse sentido, embora o presente estudo não tenha adotado grupos comparativos ou delineamento longitudinal, os escores de CPT observados sugerem a presença de percepção de crescimento pós-traumático entre mulheres grávidas ou acompanhadas de seus filhos no cárcere, a qual pode ser potencializada por intervenções no ambiente prisional que foquem em processos de mudança e fortalecimento psicológico. Assim, os resultados indicam potencial para o desenvolvimento de processos de crescimento psicológico mesmo em trajetórias marcadas por adversidades significativas. Recomenda-se que pesquisas futuras realizem comparações com mães não institucionalizadas e com diferentes contextos de vida, a fim de aprofundar a compreensão sobre os fatores associados ao CPT nessa população.

### **Correlação entre o escore de EAI e o escore das Forças de Caráter**

Não foi observada correlação estatisticamente significativa entre o escore total de Experiências Adversas na Infância (EAI) e a maioria das Forças de Caráter avaliadas, o que está exposto na Tabela 15, entretanto, identificou-se uma correlação positiva, de magnitude moderada, entre o escore total de EAI e a força de caráter Bravura ( $\rho = 0,556$ ;  $p = 0,020$ ), indicando que maiores níveis de exposição a adversidades na infância estiveram associados a maiores níveis dessa força na amostra.

**Tabela 15**

*Correlações entre o escore total de Experiências Adversas na Infância e as Forças de Caráter*

| Variáveis           | Escore total de EAI |       |
|---------------------|---------------------|-------|
|                     | Rho                 | Sig.  |
| Forças de caráter   |                     |       |
| Criatividade        | -0,135              | 0,604 |
| Curiosidade         | 0,056               | 0,831 |
| Pensamento Crítico  | -0,061              | 0,816 |
| Amor ao aprendizado | -0,065              | 0,803 |
| Sensatez            | -0,076              | 0,772 |
| Bravura             | 0,556*              | 0,020 |
| Perseverança        | -0,035              | 0,895 |
| Autenticidade       | 0,008               | 0,977 |
| Vitalidade          | 0,139               | 0,595 |
| Amor                | -0,136              | 0,603 |
| Bondade             | 0,419               | 0,094 |
| Inteligência Social | -0,448              | 0,071 |
| Cidadania           | 0,207               | 0,424 |
| Imparcialidade      | -0,437              | 0,080 |
| Liderança           | -0,377              | 0,135 |
| Perdão              | -0,414              | 0,099 |
| Modéstia            | 0,096               | 0,715 |
| Prudência           | -0,078              | 0,765 |
| Autorregulação      | -0,289              | 0,260 |
| Apreciação do Belo  | 0,431               | 0,084 |
| Gratidão            | -0,084              | 0,748 |
| Humor               | 0,320               | 0,211 |
| Esperança           | 0,215               | 0,408 |
| Espiritualidade     | 0,351               | 0,167 |

*Nota.* EAI= experiências adversas na infância. Rho = coeficiente de correlação de Spearman. Sig. = significância.

\*p < 0,05. \*\*p < 0,01. \*\*\*p < 0,001

Segundo Peterson e Seligman (2004), a bravura envolve não se esquivar de ameaças, desafios, dificuldades ou dor; posicionar-se em defesa do que é considerado correto mesmo diante de oposição; e agir de acordo com convicções pessoais, ainda que impopulares, incluindo, mas não se restringindo, à bravura física. Nesse sentido, é possível que as experiências adversas precoces tenham exigido dessas mulheres o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento baseadas na ação diante do risco e da ameaça, favorecendo a

expressão da bravura como um recurso adaptativo ao longo da trajetória de vida, considerando que as forças podem ser desenvolvidas ao longo da vida de acordo com Seligman (2009).

Dentre os estudos internacionais (Harzer et al., 2021; Wagner et al., 2021) e nacionais (Noronha & Martins, 2016; Noronha et al., 2023; Mercali & Costa, 2021) nenhum apontou a bravura como foco das investigações e essa força não apareceu como a média mais significativa nas populações investigadas na literatura dos últimos 20 anos. A correlação observada com a bravura indica que, dentre as forças encontradas, essa foi a única que apresentou correlação significativa com o histórico de adversidades na infância. Essa correlação não significa necessariamente que as adversidades tenham produzido essa força, mas sugere que essas experiências podem ter contribuído para processos de autorreflexão e autopercepção, nos quais as participantes reconhecem em si mesmas a capacidade de enfrentar, resistir e agir diante das dificuldades vividas, identificando na bravura uma de suas principais potencialidades.

### **Correlação entre o escore de EAI e o escore de CPT**

Não foi encontrada correlação estatisticamente significativa entre o escore geral de Crescimento Pós-Traumático (CPT) e o escore total de Experiências Adversas na Infância (EAI), o que pode ser visto na Tabela 16. Esse resultado sugere que, nesta amostra, a exposição a adversidades na infância não se associou diretamente ao crescimento pós-traumático percebido. A ausência de correlação pode estar relacionada, ao menos em parte, ao tamanho reduzido da amostra ( $N = 17$ ), o que implica menor poder estatístico para detectar associações de pequena ou moderada magnitude.

**Tabela 16**

*Correlações entre o escore total de EAI e o escore total de Crescimento Pós-Traumático*

| Variáveis           | Escore total CPT |       | Escore total de EAI |       |
|---------------------|------------------|-------|---------------------|-------|
|                     | <i>Rho</i>       | Sig.  | <i>Rho</i>          | Sig.  |
| Escore total CPT    | 1                | 0     | -0,394              | 0,117 |
| Escore total de EAI | -0,394           | 0,117 | 1                   | 0     |

*Nota.* EAI= experiências adversas na infância; CPT=crescimento pós-traumático. *Rho* = coeficiente de correlação de *Spearman*. Sig. = significância.

\* $p < 0,05$ . \*\* $p < 0,01$ . \*\*\* $p < 0,001$

Apesar do tamanho reduzido da amostra, a ausência de correlação significativa com EAI reforça a complexidade do fenômeno do crescimento pós-traumático, especialmente em contextos de alta vulnerabilidade, como o encarceramento feminino. Tais resultados apontam para a necessidade de considerar outros recursos psicológicos na compreensão do CPT, como demonstrado pelos estudos de Ai et al. (2022) e Ai et al. (2023). Indicando que a vivência de adversidades, por si só, não necessariamente leva ao crescimento pós-traumático, sem a influência de outras variáveis. Nessa perspectiva estudos como o de Tamiolaki et al. (2024) com crianças de oito a dez anos, revelou que práticas de fortalecimento baseadas em *mindfulness* aliadas a forças de caráter podem aumentar os resultados positivos para o bem-estar ou crescimento pós-traumático e reduzir os sintomas psicológicos negativos ligados ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

O estudo Thomadaki (2017), investigou como mães que perderam seu primeiro filho durante o período perinatal no Reino Unido vivenciaram crescimento pessoal após essa perda traumática, por meio de entrevistas com oito mulheres, foram identificadas experiências marcadas por dor profunda, múltiplas perdas simbólicas, mecanismos de enfrentamento variados e, por fim, mudanças positivas, concluindo que mesmo em meio ao sofrimento, é

possível encontrar caminhos de crescimento, contudo, o papel do apoio psicológico é essencial nesse processo.

Desse modo é possível afirmar que inúmeros fatores podem estar relacionados ou contribuir para o CPT. Nessa perspectiva Vanhooren et al. (2017) afirmam que para os presos, o apoio emocional de outras pessoas durante o encarceramento é crucial para uma mudança positiva. Para mulheres em situação de cárcere, esses achados reforçam que justamente por suas trajetórias marcadas por adversidades, torna-se necessário ampliar as pesquisas e as intervenções voltadas ao fortalecimento de recursos psicológicos que favoreçam a superação dos impactos negativos de suas experiências de vida.

### **Dados qualitativos**

Para a composição dos resultados referentes a análise qualitativa, três seções foram desenvolvidas, sendo a primeira a descrição das trajetórias de vida de quatro participantes por meio de seus relatos, composta pelos dados obtidos por meio do Questionário de Caracterização Biopsicossocial e Trajetória de Vida - Maternidade no Cárcere, em especial as perguntas dedicadas a obtenção de dados qualitativos das seções do questionário: Infância, adolescência e vida adulta; aplicadas com as participantes, identificadas de 1 a 4 para garantir o sigilo. Na segunda seção, foi realizada a descrição dos fatores de risco observados na trajetória de vida das mulheres em cada ciclo vital analisado, que foram dispostos na figura 7 e em seguida na terceira seção, foram descritos os fatores de proteção observados na trajetória de vida das mulheres em cada ciclo vital analisado, dispostos na figura 8.

As participantes foram selecionadas a partir da leitura e organização das transcrições resultantes das entrevistas com as 17 mulheres presentes na UMI em 2025, que revelou que muitas participantes optaram por não entrar em detalhes sobre determinados tópicos, por tanto, gerando respostas mais curtas e que dificultaram a categorização de suas falas. Fatores como os temas sensíveis explorados, o ambiente de coleta, entre outros, podem ter impactado

a complexidade das respostas. Nesse sentido, os quatro relatos apresentados foram escolhidos por conterem dados mais completos, com uma maior quantidade de informações, que possibilitou a identificação de elementos comuns nos discursos. As quatro participantes selecionadas, tem como motivo da prisão o tráfico de drogas, todas estavam grávidas na UMI e todas são multíparas.

### **Relatos dos casos**

#### **Caso 1**

A participante 1 era uma mulher de 24 anos, nascida na região metropolitana de Belém. Possui ensino médio incompleto, mas não soube dizer em que ano parou. Relatou ter uma boa convivência familiar na infância, principalmente com a mãe e com os irmãos. Nessa fase tinha amigos, brincava e era uma criança alegre. Foi criada pela mãe e pelo padrasto, que chama de pai, não falou sobre o pai biológico. Sua mãe e seu padrasto se separaram quando tinha 13 anos. Relatou que com 14 anos bebeu pela primeira vez, mas que só experimentou e não bebe hoje em dia. Começou com 14 anos, também, a fumar maconha e continua fazendo uso. A participante disse que testemunhou um irmão mais velho ser baleado e morto quando ela tinha 15 anos, por pessoas envolvidas com assalto. Lembra de passar tempo com a mãe e os irmãos, de ter amigos e brincar na adolescência. Afirmou que nessa fase, no seu bairro já ouviu tiros, testemunhou brigas e ameaças e que ela e família foram afetados por essa violência. Disse que seus pais sempre a incentivavam a estudar, porém, ela decidiu parar depois que engravidou aos 18 anos. Afirmou que a família continua unida hoje em dia, que tem amigos e que gosta de sair e se reunir com eles. Quanto ao encarceramento disse que é ruim ficar longe da família, dos filhos, da mãe e das irmãs.

## **Caso 2**

A participante 2 é uma mulher de 24 anos nascida no interior do estado do Pará. Possui ensino médio incompleto e parou no segundo ano. Relatou que sofreu abuso sexual na infância, que ocorreu uma vez e que foi fora da sua residência, que não lembra idade, apenas que era pequena e não gosta de falar sobre, não dando mais detalhes, para além de que a situação envolveu um toque no seu corpo que não consentiu. Disse ter uma boa relação familiar, com todas as pessoas da casa durante sua infância, afirmando que foi criada pela tia e pelo tio e que os considera pais adotivos. Não quis falar sobre seus pais biológicos. Nesse sentido disse que sua mãe (tia) já tinha outros filhos e até netos quando a acolheu aos 2 anos de idade e que todas as crianças moravam juntas, brincavam, passeavam e não tinham conflitos. Nessa fase ela tinha amigos e passava muito tempo com os irmãos. Disse que nesse período seus pais queriam que ela fosse as aulas, mas ela não gostava de estudar e não queria ir e afirmou que chegou a ser expulsa da escola com 12 anos pela quantidade de faltas. Declarou que sempre foi rebelde, porque não queria estudar, mas que a família tinha paciência e tentavam ajudar. Disse que começou a beber com 15 anos, nos finais de semana. Durante a adolescência continuou tendo uma boa relação familiar e a passar tempo com a mãe e os irmãos, mas que os pais se separaram no meio de sua adolescência, não dando mais detalhes. As lembranças que tem de seu bairro nesse período são de que era uma área violenta. Viu pessoas levando tiro, sofreu com violência e teve conhecidos afetados também. Apontou que nessa fase não tinha amigos e praticamente não saía de casa, também declarou não ter tempo para brincar ou realizar atividades de lazer. Afirmou que não considera que tem amigos hoje, gosta de fazer parte da igreja, mas não se aproxima das pessoas. Continuou os estudos por causa dos pais, porém, decidiu parar com 19 anos. Gosta de sair aos finais de semana para beber e usar drogas. Começou a usar cocaína com 23 anos. O bairro continua igual em sua fase adulta, violento e com tiroteios. Sua relação com a mãe e os irmãos

continua boa e sua família sempre a apoia. Sobre o encarceramento disse que o mais difícil é ficar longe da família.

### **Caso 3**

A participante 3 é uma mulher de 26 anos nascida no interior do estado do Pará. Possui ensino fundamental incompleto e parou na terceira série. Relatou que sofreu abuso sexual por parte de diferentes parentes próximos entre os 11 e 12 anos, abusos que iam de toques a tentativas de estupro, afirmando que essas tentativas ocorreram mais de três vezes durante esse período de sua vida e que em uma ocasião ela foi de fato estuprada, afirmou que a irmã também sofria com esses abusos e que aconteciam dentro de casa. Foi criada pelos pais biológicos, porém, seu pai faleceu quando ela tinha 11 anos. Diz que no período da infância, pelo menos até os 11 anos, sua família era feliz, antes do falecimento de seu pai e de um irmão. Tinham momentos em família, todos juntos aos finais de semana e lembra principalmente desses momentos com sua mãe. Afirmou que após a morte do pai, a família teve problemas financeiros e que as relações familiares pioraram, com muitos conflitos e agressões físicas que aconteciam com ela e com os irmãos. Disse que nessa fase ela gostava de estudar, que sua mãe a incentivava e que sua professora a elogiava, tinha amigos e brincava. Repetiu a terceira série duas vezes e depois não quis mais continuar e acabou interrompendo seus estudos aos 13 anos, contra a vontade da mãe. Apontou que seu comportamento mudou após a morte do pai porque a mãe não conseguia controlá-la. Começou a beber e a usar maconha com 13 anos e ficou mais próxima do irmão, com quem saía muito e que já havia sido preso por um assalto na época, do qual a participante afirma que ele era inocente, mas que depois se envolveu com tráfico. A relação familiar ficou muito difícil nessa época, relatando que era comum que ela e os irmãos recebessem gritos ou surras e por isso procurava não parar em casa e não ajudar a família financeiramente. Nesse período se envolveu com o tráfico após se envolver romanticamente com um rapaz, o que gerou

discussões entre ela e a irmã que não concordava com a situação. Ela tinha amigos e gostava de ser adolescente porque saía muito. Relatou que em um desses passeios, de madrugada, ela foi estuprada, não entrando em mais detalhes. Afirmou que em seu bairro tinha muita violência e que já testemunhou tiros e ataques com faca. Em sua vida adulta a violência e as agressões contra ela e contra conhecidos continuaram fazendo parte de seu cotidiano. Começou a usar cocaína com 18 anos, todo dia e continua a beber. Tem amigos e vai muito pra festa. Afirmou que a mãe tenta a entender, mas suas irmãs a julgam. Sobre o cárcere disse se sentir sozinha sem notícias de seus filhos e tem medo de perder o amor deles por não estar com eles, dizendo que é muito ruim estar grávida no cárcere, tem medo de estar sozinha durante o parto, tem outros medos e gostaria do apoio da família.

#### **Caso 4**

A participante 4 é uma mulher de 24 anos nascida no interior do estado do Pará. Possui ensino médio incompleto e parou no primeiro ano. Foi criada pelos pais biológicos. Relatou que durante a infância tinha uma boa relação familiar, com seus pais e com seus irmãos, que seus pais sempre cuidaram bem deles, vigiavam e conversavam. Tinha amigos e passava tempo passeando e brincando com os irmãos. Apesar de seus pais não deixarem que ela parasse os estudos, ela não gostava de ir as aulas, faltava muito e por conta disso reprovou, repetindo a quinta série três vezes. Continuou os estudos até os 15 anos e depois decidiu parar a contragosto dos pais, afirmando que era muito difícil ir as aulas por conta da região rural onde morava. Durante a sua adolescência saía muito com o irmão e com amigos. Seu pai morreu em decorrência de problemas do coração quando tinha 16 anos. Testemunhou em seu bairro nessa fase, brigas e agressões, não entrando em detalhes. Começou a fumar maconha todos os dias e a beber nos finais de semana com 17 anos, conservando esse hábito até sua fase adulta. Na fase adulta diz que suas relações são boas, que sua família a ajuda e

que tem amigos com quem sai e vai a festas. Sobre o encarceramento diz que sente mal e pensa em sair logo por não ter notícias da filha.

#### *Fatores de Risco na Trajetória de vida*

Os fatores de risco identificados a partir de situações comuns vivenciadas pelos casos estudados foram: Evasão escolar; Violência na vizinhança; Consumo precoce de álcool; Consumo de substâncias ilícitas; Abuso sexual; Violência entre familiares; Abuso físico; Conflito familiar; Familiar encarcerado; Morte e/ou separação dos pais (Figura 7).

| Fases do ciclo vital | Fatores de risco                | Caso 1 | Caso 2 | Caso 3 | Caso 4 |
|----------------------|---------------------------------|--------|--------|--------|--------|
| Infância             | Evasão escolar                  |        |        |        |        |
|                      | Violência na vizinhança         |        |        |        |        |
|                      | Consumo precoce de álcool       |        |        |        |        |
|                      | Consumo de substâncias ilícitas |        |        |        |        |
|                      | Abuso sexual                    |        | √      | √      |        |
|                      | Violência entre familiares      |        |        | √      |        |
|                      | Abuso físico                    |        |        | √      |        |
|                      | Conflito familiar               |        |        | √      |        |
|                      | Familiar encarcerado            | √      |        |        |        |
|                      | Morte e/ou separação dos pais   |        |        | √      |        |
| Adolescência         | Evasão escolar                  |        |        | √      | √      |
|                      | Violência na vizinhança         | √      | √      | √      | √      |
|                      | Consumo precoce de álcool       | √      | √      | √      | √      |
|                      | Consumo de substâncias ilícitas | √      |        | √      | √      |
|                      | Abuso sexual                    |        |        | √      |        |
|                      | Violência entre familiares      |        |        | √      |        |
|                      | Abuso físico                    |        |        | √      |        |
|                      | Conflito familiar               |        |        | √      |        |
|                      | Familiar encarcerado            |        |        | √      |        |
|                      | Morte e/ou separação dos pais   | √      | √      |        | √      |
| Vida adulta          | Evasão escolar                  | √      | √      |        |        |
|                      | Violência na vizinhança         |        | √      | √      |        |
|                      | Consumo de substâncias ilícitas | √      | √      | √      | √      |

Figura 7. Quadro comparativo com os principais fatores de risco entre os quatro casos

Na infância das participantes, não foram identificados casos de evasão escolar, violência na vizinhança, consumo precoce de álcool ou consumo de substâncias ilícitas em nenhum dos quatro casos analisados. Apenas no Caso 1 ocorreu a presença de familiar encarcerado. O abuso sexual esteve presente nos Casos 2 e 3. O Caso 3 também apresentou violência entre familiares, abuso físico, conflito familiar e morte e/ou separação dos pais, concentrando o maior número de fatores de risco nessa fase. De modo geral, a infância foi caracterizada por menor número de fatores de risco, com exceção do Caso 3.

Na adolescência, a violência na vizinhança e o consumo precoce de álcool estiveram presentes em todos os quatro casos analisados. O consumo de substâncias ilícitas ocorreu nos Casos 1, 3 e 4. A evasão escolar esteve presente nos Casos 3 e 4. O abuso sexual, a violência entre familiares, o abuso físico, o conflito familiar e a presença de familiar encarcerado foram identificados exclusivamente no Caso 3. A morte e/ou separação dos pais esteve presente nos Casos 1, 2 e 4. Nesse sentido a adolescência concentrou maior diversidade e frequência de fatores de risco.

Na vida adulta, o consumo de substâncias ilícitas esteve presente em todos os quatro casos analisados. A evasão escolar foi observada nos Casos 1 e 2. Na fase adulta, observa-se a persistência de alguns fatores de risco, com destaque para o consumo de substâncias ilícitas, presente em todos os casos.

Ao considerar a trajetória de vida das participantes, alguns fatores de risco estiveram presentes em todos os quatro casos, ainda que em diferentes fases do ciclo vital: violência na vizinhança; consumo precoce de álcool; morte e/ou separação dos pais; evasão escolar e consumo de substâncias ilícitas.

Segundo Alloush e Bloem (2022) a violência na vizinhança pode ter um grande impacto no bem-estar psicológico dos indivíduos. Do mesmo modo, Kravitz-Wirtz et al. (2022) apontam que indivíduos em comunidades desproporcionalmente afetadas pela

violência frequentemente transitam estrategicamente por espaços públicos, alterando seus horários, suas redes e suas rotinas em resposta à violência comunitária, ou seja, diversos aspectos de suas vidas são afetados pela violência presenciada ou vivenciada diretamente. Nesse sentido Para Bishop et al. (2020) é possível que a violência na vizinhança possa ter impactos duradouros desde a infância até a fase adulta.

Acerca do consumo precoce de álcool e drogas por adolescentes estudos como o de Kingston et al. (2017) apontam para consequências psicossociais que podem favorecer o envolvimento com atividades criminosas. Do mesmo modo Favril (2023) afirma que o uso de drogas aumenta o risco dos indivíduos de entrar em contato com o sistema de justiça criminal, bem como, que a população nos ambientes prisionais é desproporcionalmente composta de indivíduos que fazem uso de substância ilícitas em comparação com a população geral.

A perda dos pais durante a infância ou a adolescência pode levar a impactos duradouros na saúde mental, estando associada a desfechos como ansiedade, depressão e baixa autoestima ao longo da vida (Chipalo, 2024). Da mesma forma, a separação dos pais também pode estar associada a problemas diversos, como apontam Bohman et al. (2017), pais separados tendem a apresentar relações mais fragilizadas com seus filhos, o que pode ser associado a efeitos negativos na saúde mental dos filhos. Nesse contexto, a morte e/ou a separação dos pais podem comprometer o senso de segurança e estabilidade durante a infância e a adolescência, configurando-se como experiências adversas relevantes, com potenciais efeitos duradouros sobre a saúde, o bem-estar e as oportunidades de vida (CDC, 2025).

Quanto a evasão escolar, Lansford et al. (2016) apontam que alunos que abandonaram o ensino médio tem até quatro vezes mais probabilidade de sofrer consequências negativas

individuais resultando em maior probabilidade de encarceramento, uso de substâncias ilícitas e saúde precária. Peteet et al. (2018) destaca que alunos que abandonam o ensino médio apresentam taxas mais altas de consumo excessivo de álcool e uso de maconha. Nessa perspectiva estudos apontam que a população carcerária tem níveis baixos de escolaridade (Heimer et al., 2023; Shlafer et al., 2020), o que pode significar maior fragilização econômica e consequente envolvimento com criminalidade como apontado por Constant (2021).

Outros fatores de risco estiveram presentes em dois casos, como o abuso sexual, identificado nos Casos 2 e 3. Observa-se que a população encarcerada frequentemente apresenta uma trajetória marcada por adversidades, com destaque para o abuso sexual na infância (Caravaca-Sánchez et al., 2019). Nesse sentido, Karlsson e Zielinski (2020) sugerem que a alta taxa de abuso sexual entre mulheres encarceradas pode estar ligada ao desenvolvimento de transtornos mentais e ao uso de substâncias, que por consequência podem contribuir para o encarceramento dessa população. Do mesmo modo ressalta-se que a violência entre familiares, o abuso físico e o conflito familiar foram identificados apenas no Caso 3. Para Jones et al. (2020) experiências de abuso, negligência e ambiente familiar caótico podem causar danos significativos no processo de desenvolvimento e ter um impacto duradouro na saúde mental do adulto.

Nesse sentido os resultados indicam que as trajetórias das participantes são marcadas por múltiplos fatores de risco ao longo da vida, especialmente experiências adversas precoces, violência, evasão escolar e uso de substâncias, que se articulam ao envolvimento com o sistema de justiça criminal. Esses achados reforçam que o encarceramento feminino está fortemente relacionado a vulnerabilidades específicas de gênero, entretanto, segundo Fischer et al. (2025), os instrumentos e programas baseados predominantemente em amostras masculinas tendem a não atender às necessidades das mulheres encarceradas, especialmente

aquelas em maior risco de reincidência, evidenciando a necessidade de abordagens mais sensíveis às trajetórias femininas.

#### *Fatores de Proteção na Trajetória de vida*

Os fatores de proteção identificados a partir de situações comuns vivenciadas pelos casos estudados foram: Vínculo materno; Vínculo paterno; Vínculo com irmãos; Grupo de pares; Brincar/Lazer; Incentivo ao estudo (Figura 8).

| Fases do ciclo vital | Fatores de proteção | Caso 1 | Caso 2 | Caso 3 | Caso 4 |
|----------------------|---------------------|--------|--------|--------|--------|
| Infância             | Vínculo materno     | √      | √      | √      | √      |
|                      | Vínculo paterno     |        | √      |        | √      |
|                      | Vínculo com irmãos  | √      | √      |        | √      |
|                      | Grupo de pares      | √      | √      | √      | √      |
|                      | Brincar/Lazer       | √      | √      | √      | √      |
|                      | Incentivo ao estudo | √      | √      | √      | √      |
| Adolescência         | Vínculo materno     | √      | √      |        |        |
|                      | Vínculo paterno     |        |        |        |        |
|                      | Vínculo com irmãos  | √      | √      | √      | √      |
|                      | Grupo de pares      | √      |        | √      | √      |
|                      | Brincar/Lazer       | √      |        | √      | √      |
|                      | Incentivo ao estudo | √      | √      | √      | √      |
| Vida adulta          | Vínculo materno     | √      | √      | √      |        |
|                      | Vínculo paterno     |        |        |        |        |
|                      | Vínculo com irmãos  | √      | √      |        |        |
|                      | Grupo de pares      | √      |        | √      | √      |
|                      | Brincar/Lazer       | √      | √      | √      | √      |
|                      | Incentivo ao estudo | √      | √      |        |        |

Figura 8. Quadro comparativo com os principais fatores de proteção entre os quatro casos

Na infância, observou-se a presença de diversos fatores de proteção nos quatro casos analisados. O vínculo materno, o grupo de pares, o brincar/lazer e o incentivo ao estudo estiveram presentes em todos os casos. O vínculo com irmãos foi identificado nos Casos 1, 2 e 4. O vínculo paterno esteve presente apenas nos Casos 2 e 4. De modo geral, a infância foi marcada por uma presença consistente de fatores de proteção, comuns à maioria das participantes.

Na adolescência, verificou-se uma redução na quantidade de fatores de proteção quando comparada à infância. O vínculo com irmãos e o incentivo ao estudo estiveram presentes em todos os quatro casos. O grupo de pares e o brincar/lazer foram identificados nos Casos 1, 3 e 4. O vínculo materno esteve presente apenas nos Casos 1 e 2. O vínculo paterno não foi identificado em nenhum dos casos nessa fase. Os Casos 1 e 4 apresentaram maior número de fatores de proteção na adolescência, enquanto o Caso 2 apresentou menor diversidade desses fatores. Nesse sentido a adolescência parece ter sido um período de mudanças significativas na trajetória de vida das participantes.

Na vida adulta, os fatores de proteção estão distribuídos de forma diversa entre os casos. O brincar/lazer esteve presente em todos os quatro casos analisados. O vínculo materno foi identificado nos Casos 1, 2 e 3. O vínculo com irmãos esteve presente nos Casos 1 e 2. O grupo de pares foi identificado nos Casos 1, 3 e 4. O incentivo ao estudo esteve presente apenas nos Casos 1 e 2. O vínculo paterno não foi identificado em nenhum dos casos nessa fase. Observa-se que nessa fase do ciclo de vida também houve uma redução de fatores de proteção identificados nos relatos das participantes.

Na infância, dentre os diversos fatores de proteção comuns aos quatro casos analisados, destacando-se o vínculo materno, o grupo de pares, o brincar/lazer e o incentivo ao estudo. Esses elementos indicam uma infância marcada por significativa presença de suporte social, seja por meio dos vínculos familiares, seja pela convivência com pares. O suporte social é definido por Colvin et al. (2002) como a assistência proveniente de comunidades, redes sociais e pessoas de confiança, capaz de atender às necessidades dos indivíduos. Dessa forma o apoio social pode exercer um papel protetivo relevante, especialmente ao atenuar os efeitos mais negativos associados a condições de vulnerabilidade e transtornos mentais (Caravaca-Sánchez et al., 2019).

O incentivo aos estudos também se apresenta como um fator de proteção importante na infância, uma vez que a escolarização é amplamente reconhecida como um elemento que reduz vulnerabilidades futuras. Níveis mais elevados de escolaridade estão associados a menores taxas de uso de substâncias na vida adulta e à iniciação sexual mais tardia, funcionando como um recurso de proteção ao longo do desenvolvimento (Peteet et al., 2018). Além disso, o tempo dedicado ao brincar e às atividades de lazer também se configura como um fator protetivo relevante na primeira infância, contribuindo para o desenvolvimento (Martins et al., 2025).

Na adolescência, os fatores de proteção relacionados ao suporte social, tanto de amigos quanto de familiares, permaneceram presentes nos quatro casos, assim como o incentivo aos estudos. Ressalta-se, contudo, que apenas no Caso 2 a participante relatou ausência de amizades e de atividades de lazer, o que pode indicar uma maior fragilização das redes de apoio nesse período. Nesse sentido, a adolescência constitui uma fase crítica de transição, marcada por intensas mudanças e os vínculos familiares e de amizade desempenham papel central na promoção de adaptação saudável e na facilitação da passagem para a vida adulta (Pereira et al., 2016).

Na vida adulta, o brincar/lazer foi o único fator de proteção presente em todos os quatro casos. Para as participantes, essas atividades se manifestaram principalmente por meio de práticas sociais, como ir a festas, passear ou passar tempo com amigos e familiares. Observa-se, entretanto, uma diferença no Caso 2, no qual a participante relatou frequentar festas e a igreja, mas sem manutenção de vínculos de amizade, contando predominantemente com o suporte familiar. O incentivo aos estudos por parte da família manteve-se para aquelas participantes que continuaram frequentando a escola na vida adulta, evidenciando a persistência do apoio familiar como fator protetivo. Esse achado sugere que a evasão escolar não pode ser compreendida apenas a partir da ausência de suporte familiar, uma vez que

outros fatores podem ter contribuído para evasão escolar que não somente a falta de apoio familiar, como para participante do Caso 4 que afirmou deixar de frequentar as aulas por conta da região rural onde morava que representou um obstáculo.

A análise dos fatores de proteção ao longo da trajetória de vida das participantes evidencia que apesar da presença de múltiplos fatores de risco, houve recursos importantes que atuaram de forma protetiva em diferentes fases do desenvolvimento. Esses achados reforçam a importância de compreender a complexidade das trajetórias dessas mulheres, indicando que a coexistência de fatores de risco e proteção ao longo da vida pode influenciar tanto os processos de vulnerabilidade quanto as possibilidades de adaptação e desenvolvimento, mesmo em contextos marcados por adversidades significativas, como o cárcere.

### **Considerações Finais**

A presente pesquisa alcançou seus objetivos ao analisar a trajetória de vida de mulheres grávidas ou que se encontram no cárcere acompanhadas de seus filhos, por meio das Experiências Adversas na Infância e de características psicológicas, como forças de caráter e crescimento pós-traumático, considerando aspectos biopsicossociais. No que se refere às contribuições, este estudo apresenta relevância teórica e acadêmica ao articular conceitos de EAIs, forças de caráter e crescimento pós-traumático em uma população ainda pouco investigada no contexto brasileiro. Socialmente, destaca-se por dar visibilidade às mulheres em situação de cárcere, buscando compreendê-las para além do crime cometido, valorizando suas vivências, recursos psicológicos e possibilidades de desenvolvimento.

Algumas dificuldades foram encontradas durante a realização da pesquisa. A alta rotatividade do ambiente da Unidade Materno Infantil dificultou o estabelecimento de *rapport*, além do tempo prolongado necessário para aplicação dos instrumentos ter gerado cansaço em algumas participantes. Ressalta-se que o fato de estarem grávidas ou acompanhadas de seus

filhos exigiu pausas frequentes durante as entrevistas, o que impactou o ritmo da coleta. Além disso, a dificuldade emocional de relatar experiências traumáticas pode ter influenciado a profundidade das respostas. As participantes apresentaram respostas breves e frequentemente evitaram se aprofundar em determinados temas, entre tanto, os dados obtidos permitiram compreender padrões relevantes de adversidades, fatores de risco e de proteção ao longo do ciclo vital, contribuindo para uma leitura mais integrada de suas experiências de vida.

Como limitações, destaca-se o número reduzido de participantes e impossibilidade de utilização de gravadores durante a coleta, que teria facilitado o processo de registro dos dados qualitativos aqui utilizados. Apesar das limitações, os achados reforçam a importância de novas investigações com amostras maiores e delineamentos variados, ampliando a compreensão das características psicológicas de mulheres em situação de cárcere. Estudos futuros podem aprofundar a relação entre EAIs, recursos psicológicos e processos de mudança positiva, bem como subsidiar intervenções mais adequadas a essa população. Dessa forma, torna-se fundamental o fortalecimento de parcerias entre pesquisadores, instituições acadêmicas e órgãos responsáveis pelo sistema prisional, possibilitando o avanço do conhecimento e de práticas mais humanizadas.

## Referências

- Ai, A. L., Raney, A. A., & Appel, H. B. (2022). Trauma following Hurricanes Maria and Michael: Complicated roles of hazard-related factors, negative coping strategies, and positive character strengths. *Natural Hazards Research*, 2(3), 259–267. <https://doi.org/10.1016/j.nhres.2022.08.004>
- Ai, A. L., Raney, A. A., & Paloutzian, R. F. (2023). Perceived spiritual support counteracts the traumatic impact of extreme disasters: Exploration of moderators. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy* 15(2), 199–209. <https://doi.org/10.1037/tra0001133>
- Aizpurua, E., Caravaca-Sánchez, F., & Wolff, N. (2023). Patterns of childhood adversities and their associations with adult victimization among incarcerated men and women in Spanish prisons. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 67(1), 89–104. <https://doi.org/10.1177/0306624X221102845>
- Alloush, M., & Bloem, J. R. (2022). Neighborhood violence, poverty, and psychological well-being. *Journal of Development Economics*, 154, 102756. <https://doi.org/10.1016/j.jdeveco.2021.102756>
- Alves, H. V. da S. (2018). Quem são as mulheres encarceradas na penitenciária estadual feminina de Rondônia? Uma análise de gênero sobre o perfil da população carcerária feminina. *Formação (Online)*, 25(45), 231–250. <https://doi.org/10.33081/formacao.v25i45.5255>
- Anthony, T., Sentance, G., & Behrendt, L. (2021). “We’re not being treated like mothers”: Listening to the stories of First Nations mothers in prison. *Laws*, 10, 74. <https://doi.org/10.3390/laws10030074>

- Araújo, E. F. F., & Cavalcante, L. I. C. (2024). Jovens autores de agressão sexual: Fatores de risco e experiências adversas. *PSI UNISC*, 8(1), 7–26. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v8i1.18337>
- Araújo, P. F. de, Kerr, L. R. F. S., Kendall, C., Rutherford, G. W., Seal, D. W., da Justa Pires Neto, R., da Costa Pinheiro, P. N., Galvão, M. T. G., Araújo, L. F., Pinheiro, F. M. L., & da Silva, A. Z. (2020). Behind bars: The burden of being a woman in Brazilian prisons. *BMC International Health and Human Rights*, 20, 28. <https://doi.org/10.1186/s12914-020-00247-7>
- Arruda, L. F. dos S., & Smeha, L. N. (2019). Parentalidade (in)desejada: Avós e tias que cuidam dos filhos(as) de mulheres presas. *PSI UNISC*, 3(2), 72–83. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v3i2.13405>
- Augsburger, A., Neri, C., Bodenmann, P., Gravier, B., Jaquier, V., & Clair, C. (2022). Assessing incarcerated women's physical and mental health status and needs in a Swiss prison: A cross-sectional study. *Health & Justice*, 10, 8. <https://doi.org/10.1186/s40352-022-00171-z>
- Australian Bureau of Statistics. (2024, January 25). *Prisoners in Australia*. <https://www.abs.gov.au/statistics/people/crime-and-justice/prisoners-australia/latest-release>
- Baker, B. (2021). Mothering and incarceration: A conceptual model supporting maternal identity. *Journal of Correctional Health Care*, 27(2), 103–110. <https://doi.org/10.1089/jchc.20.04.0020>
- Baldwin, A., Sobolewska, A., & Capper, T. (2020). Pregnant in prison: An integrative literature review. *Women and Birth*, 33(1), 41–50. <https://doi.org/10.1016/j.wombi.2018.12.004>
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. São Paulo. Persona

- Barros, L. A. de, & Marçal, C. C. S. (2018). Educação encarcerada: um estudo sobre mulheres reclusas e estudantes na capital de Minas Gerais. *Revista Educação e Emancipação*, 11(1), 152–174. <https://doi.org/10.18764/2358-4319.v11n1p152-174>
- Becker, A., Spessote, D. V., Sardinha, L. da S., Santos, L. G. de M., Chaves, N. N., & Bicalho, P. P. G. (2016). O cárcere e o abandono: Prisão, penalização e relações de gênero. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 5(2), 141–144. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rps.v5i2.1050>
- Benetti, I., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Ribeiro-Schneider, D. (2013). Fundamentos de la teoría bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Pensando Psicología*, 9(16), 89–99. <https://doi.org/10.16925/pe.v9i16.620>
- Bettio, C. D. B., Bazon, M. R., & Schmidt, A. (2019). Fatores de risco e de proteção para atrasos no desenvolvimento da linguagem. *Psicologia em Estudo*, 24, e41889. <https://doi.org/10.4025/1807-0329e41889>
- Bishop, A. S., Walker, S. C., Herting, J. R., & Hill, K. G. (2020). Neighborhoods and health during the transition to adulthood: A scoping review. *Health & Place*, 63, 102336. <https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2020.102336>
- Bohman, H., Brodin Låftman, S., Päären, A., & Jonsson, U. (2017). Parental separation in childhood as a risk factor for depression in adulthood: A community-based study of adolescents screened for depression and followed up after 15 years. *BMC Psychiatry*, 17(1), 117. <https://doi.org/10.1186/s12888-017-1252-z>
- Boppre, B., & Boyer, C. (2021). “The traps started during my childhood”: The role of substance abuse in women’s responses to adverse childhood experiences (ACEs). *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 30(4), 429–449. <https://doi.org/10.1080/10926771.2019.1651808>
- Brasil. (1984). *Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 (Lei de Execução Penal)*.

Brasil. (1990). *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente)*.

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)

Brasil. Ministério da Saúde. (2004). *Plano nacional de saúde no sistema penitenciário*.

[http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha\\_pnssp.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_pnssp.pdf)

Brasil. (2009a). *Lei nº 11.942, de 28 de maio de 2009*.

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11942.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11942.htm)

Brasil. (2009b). *Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009 (Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal)*.

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm)

Brasil. (2016). *Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016 (Marco Legal da Primeira Infância)*.

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm)

Brasil. Secretaria Nacional de Políticas Penais. (2023). *Relatório de informações penitenciárias: 2º semestre de 2023*. <https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relatorios-de-informacoes-penitenciarias/relatorio-2o->

[semestre-de-2023.pdf](https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relatorios-de-informacoes-penitenciarias/relatorio-2o-semestre-de-2023.pdf)

Brasil. Secretaria Nacional de Políticas Penais. (2025). *Relatório de informações penitenciárias: 1º semestre de 2025*. <https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relatorios-de-informacoes-penitenciarias/relatorio-do->

[1o-semestre-de-2025.pdf](https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relatorios-de-informacoes-penitenciarias/relatorio-do-1o-semestre-de-2025.pdf)

Broekhof, R., Nordahl, H. M., Lars Tanum, & Selvik, S. G. (2023). Adverse childhood experiences and their association with substance use disorders in adulthood: A general

population study. *Addictive Behaviour Reports*, 17, 100488.

<https://doi.org/10.1016/j.abrep.2023.100488>

- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology* (5th ed., Vol. 1: Theoretical models of human development, pp. 993–1027). John Wiley & Sons.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology* (6th ed., Vol. 1: Theoretical models of human development, pp. 793–828). John Wiley & Sons.
- Bucerius, S., & Sandberg, S. (2022). *Women in prisons. Crime and Justice*, 51. <https://doi.org/10.1086/722105>
- Campos, J. O. C., & Trentini, C. M. (2019). Análise fatorial confirmatória da versão brasileira do Inventário de Crescimento Pós-Traumático. *Avaliação Psicológica*, 18(1), 50–57. <https://doi.org/10.15689/ap.2019.1801.14667.06>
- Cann, A., Calhoun, L. G., Tedeschi, R. G., Kilmer, R. P., Gil-Rivas, V., Vishnevsky, T., & Danhauer, S. C. (2010). The Core Beliefs Inventory: A brief measure of disruption in the assumptive world. *Anxiety, Stress, and Coping*, 23(1), 19–34. <https://doi.org/10.1080/10615800802573013>
- Cann, A., Calhoun, L. G., Tedeschi, R. G., Triplett, K. N., Vishnevsky, T., & Lindstrom, C. M. (2011). Assessing posttraumatic cognitive processes: The event-related rumination inventory. *Anxiety, Stress, & Coping*, 24(2), 137–156. <https://doi.org/10.1080/10615806.2010.529901>
- Caputo, V. G., & Bordin, I. A. (2008). Gravidez na adolescência e uso frequente de álcool e drogas no ambiente domiciliar [Teenage pregnancy and frequent use of alcohol and drugs in the home environment]. *Revista de Saúde Pública*, 42(3), 402–410. <https://doi.org/10.1590/s0034-89102008000300003>

- Caravaca-Sánchez, F., Fearn, N. E., Vidovic, K. R., & Vaughn, M. G. (2019). Female Prisoners in Spain: Adverse Childhood Experiences, Negative Emotional States, and Social Support. *Health & Social Work, 44*(3), 157–166. <https://doi.org/10.1093/hsw/hlz013>
- Centers for Disease Control and Prevention. (n.d.). *About adverse childhood experiences*. <https://www.cdc.gov/aces/about/index.html>
- Chen, R., Sun, C., Chen, J., Jen, H., Kang, X. L., Kao, C., & Chou, K. (2021). A Large-Scale Survey on Trauma, Burnout, and Posttraumatic Growth among Nurses during the COVID-19 Pandemic. *International Journal of Mental Health Nursing, 30*(1), 102–116. <https://doi.org/10.1111/inm.12796>
- Chipalo, E. (2024). Association between orphanhood, mental distress and suicide risk behaviors among adolescents and young adults in Zimbabwe. *Current Psychology, 43*, 29409–29418. <https://doi.org/10.1007/s12144-024-06385-8>
- Constant, C. (2021). Promesas rotas: una mirada interseccional sobre la cocaína, las mujeres y la cárcel en el Perú. *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines, 50* (1), 47–64. <https://doi.org/10.4000/bifea.13328>
- Corrêa, M. de F., Chaves, A. B. P., Almeida, S. dos S. de, & Ramos, E. M. L. S. (2020). Mulheres na Prisão: dinâmica do encarceramento feminino na região metropolitana de Belém – Pará - Brasil. *Research, Society and Development, 9*(8), e494985980. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5980>
- Coscioni, V., Nascimento, D. B. do, Rosa, E. M., & Koller, S. H. (2018). Pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: uma pesquisa com adolescentes em medida socioeducativa. *Psicologia USP, 29*(3), 363–373. <https://doi.org/10.1590/0103-656420170115>

- Colvin, M., Cullen, F. T., & Vander Ven, T. (2002). Coercion, social support, and crime: An emerging theoretical consensus. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 40(1), 19–42. <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.2002.tb00948.x>
- Dahlsgaard, K., Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2005). Shared virtue: The convergence of valued human strengths across culture and history. *Review of General Psychology*, 9(3), 203–213. doi: 10.1037/1089-2680.9.3.203
- Dancey, C. P., Reidy, J. (2019). Estatística sem matemática para psicologia (7ª ed.). Porto Alegre: Penso.
- Danielsdóttir, H. B., Aspelund, T., Shen, Q., Halldorsdottir, T., Jakobsdóttir, J., Song, H., Lu, D., Kuja-Halkola, R., Larsson, H., Fall, K., Magnusson, P. K. E., Fang, F., Bergstedt, J., & Valdimarsdóttir, U. A. (2024). Adverse Childhood Experiences and Adult Mental Health Outcomes. *JAMA Psychiatry*, 81(6), 586–594. <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2024.0039>
- Diwana, V., Corrêa, M. C. D. V., & Ventura, M. (2017). Mulheres nas prisões brasileiras: tensões entre a ordem disciplinar punitiva e as prescrições da maternidade. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 27(3), 727–747. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312017000300018>
- Domingues, R. M. S. M., Leal, M. do C., Pereira, A. P. E., Ayres, B., Sánchez, A. R., & Larouzé, B. (2017). Prevalence of syphilis and HIV infection during pregnancy in incarcerated women and the incidence of congenital syphilis in births in prison in Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(11), e00183616. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00183616>
- Edison, S., & Haynie, D. L. (2025). Social Support, Victimization, and Stress in a Women's Prison: The Role of in-Prison Friendship for Reducing Perceptions of Stress. *Women & Criminal Justice*, 35(4), 266–283. <https://doi.org/10.1080/08974454.2023.2246955>

- Edwards, K. R., & Martin, R. A. (2014). The Conceptualization, Measurement, and Role of Humor as a Character Strength in Positive Psychology. *Europe's Journal of Psychology*, 10(3), 505–519. <https://doi.org/10.5964/ejop.v10i3.759>
- Fair, H., & Walmsley, R. (2022). *World female imprisonment list* (5th ed.). Institute for Crime & Justice Policy Research. [https://www.prisonstudies.org/sites/default/files/resources/downloads/world\\_female\\_imprisonment\\_list\\_5th\\_edition.pdf](https://www.prisonstudies.org/sites/default/files/resources/downloads/world_female_imprisonment_list_5th_edition.pdf)
- Favril, L. (2023). Drug Use before and during imprisonment: Drivers of Continuation. *International Journal of Drug Policy*, 115(1), 104027. <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2023.104027>
- Felitti VJ, Anda RF, Nordenberg D, Williamson DF, Spitz AM, Edwards V, et al. Relationship of abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: the Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. *Am J Prev Med*. 1998;14(4), 245–58. [https://doi.org/10.1016/s0749-3797\(98\)00017-8](https://doi.org/10.1016/s0749-3797(98)00017-8)
- Fernandes, P. C. de M. (2023). *O trabalho encarcerado análogo à escravidão no movimento de acumulação de capital* (Tese de doutorado). Repositório da Universidade Federal de Minas Gerais. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/52596>
- Fernandes, R. A. U., Koike, M. L. A. e S., Rufino Maciel, M. C., & Duque-Arrazola, L. S. (2019). Encarceramento feminino, tráfico de drogas e maternidade. *Arquivos Do CMD*, 6(2), 45–65. <https://doi.org/10.26512/cmd.v6i2.22445>
- Fernandes, R. A. U., Koike, M. L. A. e S., Rufino Maciel, M. C., & Duque-Arrazola, L. S. (2019). Encarceramento feminino, tráfico de drogas e maternidade. *Arquivos Do CMD*, 6(2), 45–65. <https://doi.org/10.26512/cmd.v6i2.22445>

- Ferraz, M. de M. P., Cavalcante, L. I. C., & Veloso, M. M. X. (2023). Experiências adversas na infância: Um estudo com autores de agressão sexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 25(3), ePTPSP15116. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPSP15116.pt>
- Fochi, M. C. S., Higa, R., Camisão, A. R., Turato, E. R., & Lopes, M. H. B. M. (2017). Vivências de gestantes em situação de prisão. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 19, a57. <https://doi.org/10.5216/ree.v19.46647>
- Fragelli, T. B. O., & Fragelli, R. R. (2021). Por que estudantes universitários apresentam estresse, ansiedade e depressão? Uma rapid review de estudos longitudinais. *Revista Docência do Ensino Superior*, 11(1), e029593. <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.29593>
- Gervásio, A. L. M., & Almeida, J. E. (2019). Gênero, poder e subjetividade: Uma análise sobre o número de mulheres em situação de privação de liberdade no Brasil. *Revista de Direito da Faculdade Guanambi*, 6(2), e267. <https://doi.org/10.29293/rdfg.v6i02.267>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo. Atlas.
- Glaze, L. E., & Maruschak, L. M. (2010). *Parents in prison and their minor children*. U.S. Department of Justice. <https://bjs.ojp.gov/content/pub/pdf/pptmc.pdf>
- Golembeski, C. A., Sufrin, C. B., Williams, B., Bedell, P. S., Glied, S. A., Binswanger, I. A., Hylton, D., Winkelman, T. N. A., & Meyer, J. P. (2020). Improving Health Equity for Women Involved in the Criminal Legal System. *Women's Health Issues*, 30(5), 313–319. <https://doi.org/10.1016/j.whi.2020.06.007>
- Harzer, C., & Ruch, W. (2015). The relationships of character strengths with coping, work-related stress, and job satisfaction. *Frontiers in Psychology*, 6, 165. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.00165>

- Harzer, C., Bezuglova, N., & Weber, M. (2021). Incremental Validity of Character Strengths as Predictors of Job Performance Beyond General Mental Ability and the Big Five. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.518369>
- Heimer, K., Malone, S. E., & De Coster, S. (2022). Trends in Women's Incarceration Rates in US Prisons and Jails: A Tale of Inequalities. *Annual Review of Criminology*, 6(1), 85–106. <https://doi.org/10.1146/annurev-criminol-030421-041559>
- Henry, B. F. (2020). Typologies of adversity in childhood & adulthood as determinants of mental health & substance use disorders of adults incarcerated in US prisons. *Child Abuse & Neglect*, 99, 104251. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104251>
- Hernandez, K. L., Muhammad, K. G., & Ann Thompson, H. (2015). Introduction: Constructing the Carceral State. *Journal of American History*, 102(1), 18–24. <https://doi.org/10.1093/jahist/jav259>
- Jeffries, S., Chuenurah, C., & Wallis, R. (2018). Gendered Pathways to Prison in Thailand for Drug Offending? Exploring Women's and Men's Narratives of Offending and Criminalization. *Contemporary Drug Problems*, 46(1), 78–104. <https://doi.org/10.1177/0091450918818174>
- Jones, R. M., Manetsch, M., Gerritsen, C., & Simpson, A. I. F. (2021). Patterns and Predictors of Reincarceration among Prisoners with Serious Mental Illness: A Cohort Study: Modèles et prédicteurs de réincarcération chez les prisonniers souffrant de maladie mentale grave: Une étude de cohorte. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 66(6), 560–568. <https://doi.org/10.1177/0706743720970829>
- Jural, L. A., Risso, P. de A., Cunha, A. J. L. A. da, Fagundes, F. A., Fonseca-Gonçalves, A., Paiva, S. M., & Maia, L. C. (2024). “Epidemia” de violência nas escolas brasileiras e os efeitos na saúde dos sobreviventes: uma perspectiva a partir das experiências

adversas na infância. *Cadernos de Saúde Pública*, 40, e00169723.

<https://doi.org/10.1590/0102-311XPT169723>

Karlsson, M. E., & Zielinski, M. J. (2020). Sexual Victimization and Mental Illness Prevalence Rates Among Incarcerated Women: A Literature Review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 21(2), 152483801876793. <https://doi.org/10.1177/1524838018767933>

Kennedy, P., & Pierce, M. (2023). Minority Women Incarcerated: The Vulnerabilities of Traveller Women in the Irish Criminal Justice System. *Race and Justice*, 215336872311516. <https://doi.org/10.1177/21533687231151699>

Kennedy, S. C., Mennicke, A. M., & Allen, C. (2020). “I took care of my kids”: mothering while incarcerated. *Health & Justice*, 8(1). <https://doi.org/10.1186/s40352-020-00109-3>

Kingston, S., Rose, M., Cohen-Serrins, J., & Knight, E. (2017). A qualitative study of the context of child and adolescent substance use initiation and patterns of use in the first year for early and later initiators. *PLoS one*, 12(1), e0170794

Kravitz-Wirtz, N., Bruns, A., Aubel, A. J., Zhang, X., & Buggs, S. A. (2022). Inequities in community exposure to deadly gun violence by race/ethnicity, poverty, and neighborhood disadvantage among youth in large US cities. *Journal of Urban Health*, 99(4). <https://doi.org/10.1007/s11524-022-00656-0>

Lansford, J. E., Dodge, K. A., Pettit, G. S., & Bates, J. E. (2016). A Public Health Perspective on School Dropout and Adult Outcomes: a Prospective Study of Risk and Protective Factors from Age 5 to 27 Years. *Journal of Adolescent Health*, 58(6), 652–658. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.01.014>

Lehrer, D. (2021). Trauma-Informed Care: The Importance of Understanding the Incarcerated Women. *Journal of Correctional Health Care*, 27(2), 121–126. <https://doi.org/10.1089/jchc.20.07.0060>

- Lersch, P. M. (2023). Change in Personal Culture over the Life Course. *American Sociological Review*, 88(2), 220–251. <https://doi.org/10.1177/00031224231156456>
- Littman-Ovadia, H., & Lavy, S. (2012). Character strengths in Israel Hebrew adaptation of the VIA Inventory of Strengths. *European Journal of Psychological Assessment*, 28(1), 41–50. doi: 10.1027/1015-5759/a000008
- López-Pérez, B., Hanoch, Y., Holt, K., & Gummerum, M. (2015). Cognitive and Affective Empathy, Personal Belief in a Just World, and Bullying Among Offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(17), 2591–2604. <https://doi.org/10.1177/0886260515593300>
- Martin, E. L., Neelon, B., Brady, K. T., Guille, C., Baker, N. L., Ramakrishnan, V., Gray, K. M., Saladin, M. E., & McRae-Clark, A. L. (2023). Differential prevalence of Adverse Childhood Experiences (ACEs) by gender and substance used in individuals with cannabis, cocaine, opioid, and tobacco use disorders. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 49(2), 1–9. <https://doi.org/10.1080/00952990.2023.2171301>
- Martins, I. M., Perazzo, M. F., Corrêa-Faria, P., Santos, I. G., & Costa, L. R. (2025). Fatores de risco e proteção ao desenvolvimento na primeira infância: revisão de escopo. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 25(9). <https://doi.org/10.1590/1806-9304202500000166>
- McGrath, R. E. (2014). Measurement Invariance in Translations of the VIA Inventory of Strengths. *European Journal of Psychological Assessment*, 32(3), 187–194. doi:10.1027/1015-5759/a000248
- McMillan, T. M., Aslam, H., Crowe, E., Seddon, E., & Barry, S. J. E. (2021). Associations between significant head injury and persisting disability and violent crime in women in prison in Scotland, UK: a cross-sectional study. *The Lancet Psychiatry*, 8(6), 512–520. [https://doi.org/10.1016/s2215-0366\(21\)00082-1](https://doi.org/10.1016/s2215-0366(21)00082-1)

- Mendes, M. M. L., & Silva, M. G.S.N.S. (2023). Existem sonhos dentro do cárcere? A realidade das mulheres privadas de liberdade, contada por meio dos mapas mentais, num recorte espacial geográfico. *Revista Latino-Americana de Geografia E Gênero*, 14(2), 183–202. <https://doi.org/10.5212/rlagg.v.14.i2.0009>
- Mercali, G. D., & Costa, S. G. da. (2021). Forças de Caráter Pessoal dos Docentes de Ensino Superior no Brasil. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, 22(5), 745–756. <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2021v22n5p745-756>
- Naidoo, S., Saeeda Paruk, Ferreira, L., & Ugasvaree Subramaney. (2024). Adverse childhood experiences, mental illness, HIV and offending among female inmates in Durban, South Africa. *South African Journal of Psychiatry*, 30. <https://doi.org/10.4102/sajpsychiatry.v30i0.2108>
- Noronha, A. P. P., & Barbosa, A. J. C. (2016). Escala de forças e virtudes. In C. S. Hutz (Ed.), *Avaliação em psicologia positiva: Técnicas e medidas* (pp. 21–43). Hogrefe CETEPP.
- Noronha, A. P. P. & Martins, D. F. (2016). Associações entre forças de caráter e satisfação com a vida: Estudo com Universitários. *Acta Colombiana de Psicología*, 19(2), 83–89. <https://doi.org/10.14718/ACP.2016.19.2.5>
- Noronha, A. P. P., & Batista, H. H. V. (2020). Análise da estrutura interna da Escala de Forças de Caráter. *Ciencias Psicológicas*, 14(1), e-2150. <https://doi.org/10.22235/cp.v14i1.2150>
- Noronha, A. P. P., Batista, H. H. V., & Hipólito, M. de Sousa. (2023). Percepção de religiosidade e forças pessoais: Relação entre os construtos em universitários. *Interação em Psicologia*, 27(1). <https://doi.org/10.5380/riep.v27i1.79390>

- Noronha, A. P. P., Dellazzana-Zanon, L. L., & Zanon, C. (2015). Internal Structure of the Characters Strengths Scale in Brazil. *Psico-USF*, 20(2), 229–235. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200204>
- Okada, M. S. B. (2016). *Maternidade no cárcere: cuidados básicos*. (Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento). Universidade Federal do Pará, Belém. Recuperado
- Oliveira, M. Z. G., & Magalhães, C. M. C. (2017). Mães em contexto de cárcere: ambiente, práticas de cuidado e conhecimentos sobre desenvolvimento. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 25 (2). <https://api.core.ac.uk/oai/oai:ois-metodista.metodista.br:article/7661>
- Pará. Secretaria de Administração Penitenciária. (2024). *Plano estadual de atenção às mulheres privadas de liberdade e egressas (2024–2027)*. <https://www.seap.pa.gov.br/sites/default/files/PLANO%20ESTADUAL%20DE%20ATEN%C3%87%C3%83O%20AS%20MULHERES%20PRIVADAS%20DE%20LIBERDADE%20E%20EGRESSAS%20-2024-2027.pdf>
- Paynter, M. J., & Snelgrove-Clarke, E. (2019). “Breastfeeding in public” for incarcerated women: the baby-friendly steps. *International Breastfeeding Journal*, 14(1). <https://doi.org/10.1186/s13006-019-0211-3>
- Pereira, A. S., Willhelm, A. R., Koller, S. H., & Almeida, R. M. M. de. (2018). Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(11), 3767–3777. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.29112016>
- Pereira, A. S., Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2016). Habilidades sociais e fatores de risco e proteção na adultez emergente. *Psico (Porto Alegre)*, 47(4). 268—278. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.4.23398>

- Pereira, F. G., & Viana, M. C. (2021). Adaptação transcultural do Adverse Childhood Experiences International Questionnaire. *Revista de Saúde Pública*, 55, 79. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003140>
- Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). *Character strengths and virtues: A handbook and classification*. Oxford University Press.
- Peteet, B., Staton, M., Miller-Roenigk, B., Carle, A., & Oser, C. (2018). Rural Incarcerated Women: HIV/HCV Knowledge and Correlates of Risky Behavior. *Health Education & Behavior*, 45(6), 977–986. <https://doi.org/10.1177/1090198118763879>
- Pinto-Cortez, C., Portilla-Saavedra, D., Ferrer-Urbina, R., Diaz-Faes, D. A., Suárez-Soto, E., Rojas, M., Carvajal, J., & Zamora, A. (2024). Understanding Childhood Victimization Experiences and Mental Health Outcomes in a Sample of Prison Inmates in Northern Chile. *Sage Open*, 14(3). <https://doi.org/10.1177/21582440241245516>
- Pitfield, C., Binley, J., Soni, S., Pontvert, C., & Callender, M. (2023). A rapid evidence review of clinical risk factors for poor perinatal mental health in women's prisons in England. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 34(3-4), 297–317. <https://doi.org/10.1080/14789949.2023.2212657>
- Pizzinato, A., Milene Mabilde Petracco, Hamann, C., João Pedro Cé, & Eduarda Noal Rosa. (2017). Juventude feminina do meio rural: sentidos sobre educação e perspectivas sobre futuro. *Psicologia Escolar E Educacional*, 21(1), 41–51. <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702111066>
- Queiroz, N. (2015). Presos que menstruam: a brutal vida das mulheres tratadas como homens nas prisões brasileiras. Editora Record.
- Quiroga-Carrillo, A., Otero, F., & Mar, del. (2024). Gender Discrimination in Prison: The Perception of Women Inmates and Prison Professionals. *Societies*, 14(1), 5–5. <https://doi.org/10.3390/soc14010005>

- Reis, D. C. (2016). Autores de agressão sexual de crianças e adolescentes: *características biopsicossociais e trajetórias de vida* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Pará, Belém. <https://ppgtpc.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/teses/347-2016>
- Ribeiro, L., Martino, N., & Duarte, T. L. (2021). Antes das grades: perfis e dinâmicas criminais de mulheres presas em Minas Gerais. *Sociedade E Estado*, 36(2), 639–665. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136020012>
- Salloway, S., Lee, E., Papka, M., Pain, A., Oru, E., Ferguson, M. B., Wang, H., Case, M., Lu, M., Collins, E. C., Brooks, D. A., & Sims, J. R. (2023). TRAILBLAZER-ALZ 4: Topline Study Results Directly Comparing Donanemab to Aducanumab on Amyloid Lowering in Early, Symptomatic Alzheimer’s Disease. *British Journal of Psychiatry Open*, 9(S1), S67–S67. <https://doi.org/10.1192/bjo.2023.227>
- Santos, P. V. dos., Komatsu, A. V., Buoso, F. P., Alarcón-Bañares, P. A., & Bazon, M. R. (2024). Adolescência, experiências adversas e competências socioemocionais: diferenças de gênero. *Pro-Posições*, 35. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2023-0077br>
- Shlafer, R., Duwe, G., & Hindt, L. (2019). Parents in prison and their minor children: Comparisons between state and national estimates. *The Prison Journal*, 99(3), 310–328. <https://doi.org/10.1177%2F0032885519836996>
- Shlafer, R., Saunders, J. B., Boraas, C. M., Kozhimannil, K. B., Mazumder, N., & Freese, R. (2020). Maternal and neonatal outcomes among incarcerated women who gave birth in custody. *Birth*, 48(1). <https://doi.org/10.1111/birt.12524>
- Seligman, M. E. P. (2009). *Felicidade autêntica: Usando a psicologia positiva para a realização permanente*. Objetiva.

- Sicilia, L., Barrios, M., & Pereda, N. (2022). The Spanish Posttraumatic Growth Inventory – Short Form in adult survivors of child sexual abuse. *Psicothema*, 34(3), 463–470. <https://doi.org/10.7334/psicothema2021.458>
- Silva, T. L. G. (2016). *Estudo das propriedades psicométricas da versão em português do Posttraumatic Growth Inventory* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6685>
- Silva, M. N. da, Magalhães, C., & Leal, G. A. dos S. (2023). *Instalação e manutenção de uma brinquedoteca na Unidade Materno Infantil do Centro de Reeducação Feminino do Pará* [Comunicação oral]. In *Brincar e criar um mundo sustentável para todos: Anais de artigos completos do II Simpósio Internacional da ABBri*. Even3. <https://doi.org/10.29327/1250935.1-5>
- Solano, A. C., & Cosentino, A. C. (2018). IVyF abreviado -IVyFabre-: análisis psicométrico y deestructura factorial en Argentina. *Avances en Psicología Latinoamericana/Bogotá (Colombia)*, 36(3), 619-637. doi: 10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4681
- Souza, M. F. de. (2020). A empregabilidade de jovens em vulnerabilidade social a partir do modelo bioecológico. *Tede2. Pucrs.br*. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9364>
- Souza, K. C. B. de, Fecury, A. A., Pascoal, R. M., Dendasck, C. V., Araújo, M. H. M. de, Souza, K. O. da, Silva, I. R. da, Moreira, E. C. de M., Moraes, J. S., Oliveira, E. de, & Dias, C. A. G. de M. (2020). Evasão escolar no Ensino Médio Integrado da Rede Federal de Educação nas capitais da Região Norte, Brasil (2014-2018). *Research, Society and Development*, 9(8), e218985449. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5449>
- Staton, M., Tillson, M., Levi, M. M., Webster, M., Oser, C., & Leukefeld, C. (2023). Screening Incarcerated Women for Opioid Use Disorder. *Journal of Drug Issues*, 002204262311515. <https://doi.org/10.1177/00220426231151595>

- Stochero, L., Moraes, C. L., Marques, E. S., Santos, E. B. dos, Pacheco, D. L., Reichenheim, M. E., & Taquette, S. R. (2021). Prevalência e coocorrência de Experiências Adversas na Infância: um inquérito de base escolar no município do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(9), 4115–4127. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.07412020>
- Taku, K., Cann, A., Tedeschi, R. G., & Calhoun, L. G. (2015). Core Beliefs Shaken by an Earthquake Correlate With Posttraumatic Growth. *Psychological trauma: theory, research, practice and policy*.
- Tamiolaki, A., Argyroula Kalaitzaki, Papadakaki, M., & Kourkoutas, E. (2024). The Silver Lining of Posttraumatic Growth around the Dark Side of the COVID-19 Pandemic: A School-Based Intervention with Mindfulness and Character Strengths Practices among Children. *Healthcare*, 12(2), 283–283. <https://doi.org/10.3390/healthcare12020283>
- Tedeschi, R. G., & Calhoun, L. G. (1996). The Posttraumatic Growth Inventory: Measuring the positive legacy of trauma. *Journal of traumatic stress*, 9(3), 455-471.
- Teixeira, C. A. B., Fernandes, M. N. de F., Macedo, R. F., & Gherardi-Donato, E. C. da S. (2020). Interface entre Estresse Precoce e Depressão em adultos: uma análise reflexiva. *Research, Society and Development*, 9(8), e705985952. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5952>
- The Sentencing Project. (2025). *Incarcerated women and girls*. <https://www.sentencingproject.org/fact-sheet/incarcerated-women-and-girls>
- Thomadaki, O. O. (2017). Bereavement, post-traumatic stress and post-traumatic growth: through the lenses of positive psychology. *European Journal of Psychotraumatology*, 8(sup4), 1351220. <https://doi.org/10.1080/20008198.2017.1351220>

- Thorpe, S., Stevens-Watkins, D., Thrasher, S., Malone, N., & Dogan, J. N. (2022). Religion, psychiatric symptoms, and gender role conflict among incarcerated Black men. *Psychology of Men & Masculinities*. <https://doi.org/10.1037/men0000409>
- Tranter, H., Brooks, M., & Khan, R. (2020). Emotional resilience and event centrality mediate posttraumatic growth following adverse childhood experiences. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 13(2). <https://doi.org/10.1037/tra0000953>
- Tzouvara, V., Kupdere, P., Wilson, K., Matthews, L., Simpson, A., & Foye, U. (2023). Adverse childhood experiences, mental health, and social functioning: A scoping review of the literature. *Child Abuse & Neglect*, 139(139), 106092. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2023.106092>
- Valle, J. A. (2021). seletividade do sistema penal e o racismo estrutural no Brasil. *Revista de Direito*, 13(02), 01-34. <https://doi.org/10.32361/2021130211526>
- Vanhooren, S., Leijssen, M., & Dezutter, J. (2017). Posttraumatic Growth in Sex Offenders. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 61(2), 171–190. <https://doi.org/10.1177/0306624x15590834>
- Vanhooren, S., Leijssen, M., & Dezutter, J. (2018a). Posttraumatic Growth During Incarceration: A Case Study From an Experiential–Existential Perspective. *Journal of Humanistic Psychology*, 58(2), 144–167. <https://doi.org/10.1177/0022167815621647>
- Vanhooren, S., Leijssen, M., & Dezutter, J. (2018b). Coping Strategies and Posttraumatic Growth in Prison. *The Prison Journal*, 98(2), 123–142. <https://doi.org/10.1177/0032885517753151>
- Wagner, C., Cristian Carmeli, Jackisch, J., Kivimäki, M., Bernadette, Stéphane Cullati, & Arnaud Chiolerio. (2024). Life course epidemiology and public health. *the Lancet. Public Health*, 9(4), e261–e269. [https://doi.org/10.1016/s2468-2667\(24\)00018-5](https://doi.org/10.1016/s2468-2667(24)00018-5)

- Wagner, L., Pindeus, L., & Ruch, W. (2021). Character Strengths in the Life Domains of Work, Education, Leisure, and Relationships and Their Associations With Flourishing. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.597534>
- Willey, B., Mimmack, K., Gagliardi, G., Dossett, M. L., Wang, S., Udeogu, O. J., Donovan, N. J., Gatchel, J. R., Quiroz, Y. T., Amariglio, R., Liu, C. H., Hyun, S., ElTohamy, A., Rentz, D., Sperling, R. A., Marshall, G. A., & Vannini, P. (2022). Racial and socioeconomic status differences in stress, posttraumatic growth, and mental health in an older adult cohort during the COVID-19 pandemic. *EClinicalMedicine*, 45, 101343. <https://doi.org/10.1016/j.eclinm.2022.101343>
- World Health Organization. (2009). *Women's health in prison: Correcting gender inequity in prison health*. WHO Regional Office for Europe. <https://iris.who.int/handle/10665/107931>
- World Health Organization. (2018). *Adverse childhood experiences international questionnaire (ACE-IQ)*. [https://cdn.who.int/media/docs/default-source/documents/child-maltreatment/ace-questionnaire.pdf?sfvrsn=baed215c\\_2](https://cdn.who.int/media/docs/default-source/documents/child-maltreatment/ace-questionnaire.pdf?sfvrsn=baed215c_2)
- World Health Organization. (2020). <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/128603/9789289050593-eng.pdf?sequence=3>
- Xu, Y., Wu, J., Li, Q., Zeng, W., Wu, C., Yang, Y., Chen, Z., & Xu, Z. (2022). The Impact of Intrusive Rumination on College Students' Creativity During the COVID-19 Pandemic: The Mediating Effect of Post-traumatic Growth and the Moderating Role of Psychological Resilience. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.789844>

## Anexos

**Anexo A:** Censo dos atendimentos realizados pelo projeto “Manutenção da brinquedoteca ‘bebê contente’”

|                     |                                               |                                  |
|---------------------|-----------------------------------------------|----------------------------------|
|                     | Naturalidade:                                 | Nº total de filhos:              |
|                     | L. de residência:                             | Nº e tipo de partos:             |
|                     | D. de ingresso:                               | Teve consulta pré-natal na UMI:  |
|                     | D. de saída:                                  | Sim ( ) Não ( )                  |
|                     | Nº de passagens:                              | Teve acompanhamento no parto:    |
|                     | Artº do delito atual:                         | Sim ( ) Não ( )                  |
|                     |                                               | Acompanhante:                    |
| 1. Nome:            | Recebe visita:<br>Sim ( ) Não ( )             | Nome do bebê:                    |
|                     | Visitante:                                    | Data de nascimento:              |
| Idade:              | T. de permanência na UMI:                     | Sexo: Masculino ( ) Feminino ( ) |
| Data de nascimento: | Destino:                                      | Idade de ingresso na UMI:        |
| Raça: Cor:          | Contato com o pai do bebê:<br>Sim ( ) Não ( ) | Tempo de permanência:            |
| Escolaridade:       |                                               | Destino:                         |
| Observações:        |                                               |                                  |

**Anexo B:** Questionário de Caracterização Biopsicossocial e Trajetória de Vida - Maternidade no Cárcere

**I – IDENTIFICAÇÃO**

|                                                                                               |       |            |          |                                                                                       |                  |                                |                              |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-------|------------|----------|---------------------------------------------------------------------------------------|------------------|--------------------------------|------------------------------|
| Local da aplicação do questionário:                                                           |       |            |          | Cidade da aplicação do questionário:                                                  |                  |                                |                              |
| Aplicador:                                                                                    |       |            |          | Data de nascimento:                                                                   |                  |                                |                              |
| Nº de encontros:                                                                              |       |            |          | Data de ingresso:     /     /                                                         |                  | Data de aplicação:     /     / |                              |
| Questionário respondido por:                                                                  |       |            |          | Idade no ingresso:                                                                    |                  | Idade atual:                   |                              |
|                                                                                               |       |            |          | Grávida: ( ) Sim ( ) Não                                                              |                  |                                |                              |
| Cor/Etnia: ( ) Branca ( ) Negra ( ) Parda ( ) Amarela ( ) Indígena                            |       |            |          | Descoberta da gravidez:<br>Após entrada no sistema ( ) Antes de entrar no sistema ( ) |                  |                                |                              |
| Escolaridade:                                                                                 |       | Série/ano: |          | Completo ( ) Incompleto ( )                                                           |                  |                                |                              |
| Ocupação:                                                                                     |       |            |          | Onde nasceu? (Município/Estado)                                                       |                  |                                |                              |
| Profissão (Antes do cárcere):                                                                 |       |            |          | Onde mora? (Município/Estado)                                                         |                  |                                |                              |
| Recebe visita?                                                                                |       |            |          | Religião:                                                                             |                  |                                |                              |
| Estado civil: ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) União estável ( ) Separado/divorciado ( ) Viúvo ( ) |       |            |          |                                                                                       |                  |                                |                              |
| Número de casamentos:                                                                         |       |            |          | Tem filhos de outros relacionamentos?                                                 |                  |                                |                              |
| Você teve filhos de outros relacionamentos?                                                   |       |            |          | Se sim, quantos filhos por relacionamento você teve?                                  |                  |                                |                              |
| Recebe visita?                                                                                |       |            |          | Número total de filhos:                                                               |                  |                                |                              |
| Artigo:                                                                                       |       |            |          | Quem está cuidando dos seus filhos?                                                   |                  |                                |                              |
| Número de passagens pelo sistema penitenciário:                                               |       |            |          |                                                                                       |                  |                                |                              |
| Descumpriu lei na adolescência?                                                               |       |            |          |                                                                                       |                  |                                |                              |
| Composição familiar                                                                           | Idade | Sexo       | Religião | Escolaridade                                                                          | Ocupação (atual) | Onde nasceu (Município/Estado) | Onde mora (Município/Estado) |
|                                                                                               |       |            |          |                                                                                       |                  |                                |                              |

|  |  |  |  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|--|--|--|
|  |  |  |  |  |  |  |  |
|  |  |  |  |  |  |  |  |
|  |  |  |  |  |  |  |  |

## II – SAÚDE

|                                         |                                                    |
|-----------------------------------------|----------------------------------------------------|
| Fez pré-natal na última/atual gestação? | Diagnóstico psiquiátrico?                          |
| Fez pré-natal nas gestações anteriores? | Outro tipo de diagnóstico:                         |
| Idade da primeira relação sexual:       | Já teve alguma infecção sexualmente transmissível? |
| Idade da primeira gestação:             | Já tentou suicídio alguma vez?                     |
| Você possui alguma deficiência?         | Já se automutilou?                                 |

## III – USO DE SUBSTÂNCIAS

| Com relação ao uso de substâncias                        | Já experimentou ao menos uma vez na vida? | Que idade você tinha quando usou pela 1ª vez? |
|----------------------------------------------------------|-------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| Bebida alcoólica                                         |                                           |                                               |
| Cigarro comum                                            |                                           |                                               |
| Maconha                                                  |                                           |                                               |
| Cola, solventes, <i>thinner</i> , lança-perfume, acetona |                                           |                                               |
| Cocaína                                                  |                                           |                                               |
| <i>Crack</i>                                             |                                           |                                               |
| <i>Ecstasy</i>                                           |                                           |                                               |
| Outra:                                                   |                                           |                                               |

## IV – EDUCAÇÃO E TRABALHO

|                                                          |                        |
|----------------------------------------------------------|------------------------|
| Repetiu alguma série da escola?                          |                        |
| Interrompeu os estudos de forma definitiva?              | Com que idade?         |
| Foi alguma vez expulsa da escola?                        |                        |
| Na sua infância, você trabalhava? Se sim, com o que?     | Com que idade começou? |
| Na sua adolescência, você trabalhava? Se sim, com o que? | Com que idade começou? |
| Na sua juventude, você trabalhava? Se sim, com o que?    | Com que idade começou? |

## V – INFÂNCIA: RELAÇÕES (EXPLORAR ESTA FASE DO CICLO VITAL)

|                                                                                                                                        |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Fale-me uma lembrança boa sobre sua infância. Fale-me uma lembrança ruim sobre sua infância.                                           |
| Tinha uma boa relação com sua família ou pessoas que viviam na mesma casa? Se não, por quê? Com quem tinha problemas?                  |
| Como era ser uma criança nesta família?                                                                                                |
| Como você acha que sua mãe/pai o descreveriam?                                                                                         |
| Conte-me sobre um episódio bom. Conte-me sobre um episódio ruim.                                                                       |
| Fale-me de sua escola. (Explorar relações com colegas, professores, atividades no recreio, desempenho escolar)                         |
| Você tinha amigos(as) na escola? Fale-me sobre eles...                                                                                 |
| Como você acha que seus professores te descreveriam?                                                                                   |
| Que lembranças você tem de sua infância na sua escola? Conte-me sobre um episódio bom. Conte-me sobre um episódio ruim.                |
| Fale-me de seus amigos fora da escola...                                                                                               |
| Quem eram estes amigos (as)? Fale-me sobre eles...                                                                                     |
| Que lembranças você tem de sua infância no seu bairro/município/ilha? Conte-me sobre um episódio bom. Conte-me sobre um episódio ruim. |
| Do que você mais gostava de brincar? Por quê? Como ocupava seu tempo?                                                                  |

## VI - ADOLESCÊNCIA: RELAÇÕES (EXPLORAR ESTA FASE DO CICLO VITAL)

|                                                                                                                       |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Como você era quando adolescente? Como se descreveria? Como ocupava seu tempo?                                        |
| Como era sua família quando você era adolescente?                                                                     |
| Como era ser um Adolescente nesta família?                                                                            |
| Quem eram as pessoas com as quais convivia?                                                                           |
| Tinha uma boa relação com sua família ou pessoas que viviam na mesma casa? Se não, por quê? Com quem tinha problemas? |
| Conte-me sobre um acontecimento bom. Conte-me sobre um episódio ruim.                                                 |
| Como você acha que sua mãe/pai o descreveriam na Adolescência?                                                        |
| Que lembranças você tem de sua Adolescência na sua família?                                                           |
| Conte-me sobre um episódio bom. Conte-me sobre um episódio ruim.                                                      |
| Fale-me de sua escola. (Explorar relações com colegas, professores, atividades no recreio, desempenho escolar)        |
| Você tinha amigos(as) na escola? Fale-me sobre eles...                                                                |
| Como você acha que sua professora o descreveria?                                                                      |
| Que lembranças você tem de sua Adolescência na sua escola? Conte-me um episódio bom. Conte-me um episódio ruim        |
| Tinha amigos fora da escola? Como os conheceu?                                                                        |
| Quem eram estes amigos (as)? Fale-me sobre eles...                                                                    |
| Que lembranças você tem de sua Adolescência no seu bairro? Conte-me um episódio bom. Conte-me um episódio ruim        |
| Do que você mais gostava de brincar? Por quê? Como ocupava seu tempo?                                                 |
| Fale-me dos seus relacionamentos amorosos na sua adolescência                                                         |

## VII - VIDA ADULTA: RELAÇÕES (EXPLORAR ESTA FASE DO CICLO VITAL)

|                                                       |                                                            |
|-------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|
| Como foi sua vida afetiva na fase adulta?             | Como são suas relações hoje?                               |
| Fale-me de acontecimentos bons e ruins na vida adulta | Fale-me de você hoje, como um adulto. Como se descreveria? |
| Fale-se do seu trabalho na vida adulta                | Como é ser mãe nesse momento de encarceramento?            |
| Fale-me do nascimento dos seus filhos                 | Como está sua relação com sua família hoje?                |

### Anexo C: Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância

| <b>Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância (EAI-QI)</b><br><b>Adverse Childhood Experiences – International Questionnaire (ACE-IQ)</b><br><b>Organização Mundial da Saúde (OMS)</b><br><br><b>Adaptação para o uso no Brasil: Flávia Garcia Pereira e Maria Carmen Viana</b> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>0</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                             | <b>INFORMAÇÕES DEMOGRÁFICAS</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 0.1<br>[C1]                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Sexo (Marque de acordo com o observado)<br><input type="checkbox"/> Masculino<br><input type="checkbox"/> Feminino                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 0.2<br>[C2]                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Qual a data do seu nascimento?<br>Dia <input type="checkbox"/> mês <input type="checkbox"/> ano <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/><br>Não sabe (não sei) / não informou (não quero informar) <input type="checkbox"/> ( <i>Vá para Q.C3</i> )                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 0.3<br>[C3]                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Qual é a sua idade?<br><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 0.4<br>[C.4]                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Qual das seguintes alternativas você considera como a sua raça/cor da pele?<br><input type="checkbox"/> Branca<br><input type="checkbox"/> Preta<br><input type="checkbox"/> Parda<br><input type="checkbox"/> Amarela<br><input type="checkbox"/> Indígena<br><input type="checkbox"/> Outras: _____<br><input type="checkbox"/> Não declarada/Não quero declarar<br><input type="checkbox"/> Não sabe informar/Não sei informar                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 0.5<br>[C5]                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Qual é o seu nível de escolaridade mais alto?<br><input type="checkbox"/> Não frequentou a escola<br><input type="checkbox"/> Ensino Fundamental I (até 5º ano ou 4ª série)<br><input type="checkbox"/> Ensino Fundamental II incompleto (até 9º ano ou 8ª série)<br><input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo<br><input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto<br><input type="checkbox"/> Ensino Médio completo<br><input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto<br><input type="checkbox"/> Ensino Superior completo<br><input type="checkbox"/> Pós-Graduação<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                                                             |
| 0.6<br>[C6]                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Quais das seguintes opções <u>melhor</u> descrevem a sua <u>principal</u> situação de trabalho nos últimos 12 meses? (assinalar todas as alternativas que se aplicam)<br><input type="checkbox"/> Funcionário público/ Vínculo com o setor público<br><input type="checkbox"/> Empregado do setor privado<br><input type="checkbox"/> Trabalhador autônomo/trabalha por conta própria/Empregador<br><input type="checkbox"/> Trabalho não remunerado/trabalho voluntário<br><input type="checkbox"/> Estudante<br><input type="checkbox"/> Dona de casa/Trabalho doméstico não remunerado<br><input type="checkbox"/> Aposentado(a)<br><input type="checkbox"/> Desempregado(a) – com capacidade de trabalhar<br><input type="checkbox"/> Desempregado(a) – sem capacidade de trabalhar<br><input type="checkbox"/> Outros: _____<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder |
| 0.7<br>[C7]                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Qual o seu estado civil?<br><input type="checkbox"/> Casado(a) ( <i>Vá para Q.M2</i> )<br><input type="checkbox"/> Vive com companheiro(a)<br><input type="checkbox"/> Divorciado(a) / separado(a)<br><input type="checkbox"/> Solteiro(a)<br><input type="checkbox"/> Viúvo(a) ( <i>Vá para Q.M2</i> )<br><input type="checkbox"/> Outro: _____<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

|             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1</b>    | <b>CASAMENTO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 1.1<br>[M1] | Você já foi casado(a)?<br><input type="checkbox"/> Sim<br><input type="checkbox"/> Não ( <i>Vá para Q.M5</i> )<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                                            |
| 1.2<br>[M2] | Com que idade você se casou pela primeira vez?<br>Idade [ ] [ ]<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 1.3<br>[M3] | Quando você se casou pela primeira vez, foi você mesmo(a) quem escolheu seu marido/esposa?<br><input type="checkbox"/> Sim ( <i>Vá para Q.M5</i> )<br><input type="checkbox"/> Não<br><input type="checkbox"/> Não sabe (Não sei)/ Não tem certeza (Não tenho certeza)<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                    |
| 1.4<br>[M4] | Quando você se casou pela primeira vez, se não foi você quem escolheu seu marido/esposa, você concordou com a escolha?<br><input type="checkbox"/> Sim<br><input type="checkbox"/> Não<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                    |
| 1.5<br>[M5] | Se você já teve filhos, qual era sua idade quando nasceu seu(sua) primeiro(a) filho(a)?<br>Idade [ ] [ ]<br>Não se aplica [ ]<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                             |
| <b>2</b>    | <b>RELACIONAMENTO COM OS PAIS OU RESPONSÁVEIS</b><br>A partir de agora, todas as perguntas estão relacionadas ao período de sua infância e adolescência, até os seus 18 anos.                                                                                                                                                                                                                                 |
| 2.1<br>[P1] | Seus pais/responsáveis compreendiam seus problemas e preocupações?<br><input type="checkbox"/> Sempre<br><input type="checkbox"/> Na maioria das vezes<br><input type="checkbox"/> Às vezes<br><input type="checkbox"/> Raramente<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                       |
| 2.2<br>[P2] | Seus pais/responsáveis <b>realmente</b> sabiam o que você estava fazendo no seu tempo livre, quando não estava na escola ou no trabalho?<br><input type="checkbox"/> Sempre<br><input type="checkbox"/> Na maioria das vezes<br><input type="checkbox"/> Às vezes<br><input type="checkbox"/> Raramente<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder |
| <b>3</b>    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 3.1<br>[P3] | Com que frequência seus pais/responsáveis <b>não</b> lhe davam comida suficiente, mesmo que pudessem facilmente oferecer um alimento para você?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                   |
| 3.2<br>[P4] | Seus pais/responsáveis ficavam muito embriagados ou sob o efeito de drogas quando cuidavam de você?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                               |

|             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 3.3<br>[P5] | Com que frequência seus pais/responsáveis <u>não</u> lhe mandavam para a escola, mesmo que tivessem a obrigação de fazer isso?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                |
| 4           | <b>AMBIENTE FAMILIAR</b><br>Nos primeiros 18 anos da sua vida...                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 4.1<br>[F1] | Você morou com alguém que tinha problemas com álcool ou era alcoólatra, ou que abusava de drogas ilícitas ou de medicamentos controlados?<br><input type="checkbox"/> Sim<br><input type="checkbox"/> Não<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                             |
| 4.2<br>[F2] | Você morou com alguém que estava deprimido, ou tinha alguma doença mental ou intenção suicida?<br><input type="checkbox"/> Sim<br><input type="checkbox"/> Não<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                        |
| 4.3<br>[F3] | Você morou com alguém que alguma vez tenha sido levado pra cadeia ou mandado pra prisão?<br><input type="checkbox"/> Sim<br><input type="checkbox"/> Não<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                              |
| 4.4<br>[F4] | Nesse período (até os seus 18 anos) seus pais alguma vez se separaram ou se divorciaram?<br><input type="checkbox"/> Sim<br><input type="checkbox"/> Não<br><input type="checkbox"/> Não se aplica<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                    |
| 4.5<br>[F5] | Sua mãe, pai ou responsável faleceram (nesse período)?<br><input type="checkbox"/> Sim<br><input type="checkbox"/> Não<br><input type="checkbox"/> Não sabe/Não tem certeza<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                           |
|             | As próximas perguntas estão relacionadas a algumas situações que você pode ter ouvido ou visto <b><u>EM SUA CASA</u></b> . São situações que podem ter acontecido <b><u>COM OS OUTROS MORADORES DA SUA CASA, NÃO COM VOCÊ</u></b> . Nos primeiros 18 anos da sua vida...                                                                                                                                  |
| 4.6<br>[F6] | Você viu ou ouviu alguém que morava na sua casa recebendo gritos ou berros, ou sendo xingado, insultado ou humilhado?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                         |
| 4.7<br>[F7] | Você viu ou ouviu alguém que morava na sua casa sendo estapeado, chutado, socado ou surrado?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                  |
| 4.8<br>[F8] | Você viu ou ouviu alguém que morava na sua casa ser agredido ou cortado com algum objeto, como uma vara (ou bengala), garrafa, porrete, faca, chicote, ou algum outro objeto?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder |

|             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>5</b>    | As próximas perguntas estão relacionadas a algumas situações que <b>VOCÊ</b> pode ter vivenciado. Nos primeiros 18 anos da sua vida...                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 5.1<br>[A1] | Algun de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa gritou, berrou, xingou, insultou ou humilhou você?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                           |
| 5.2<br>[A2] | Algun de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa <b>ameaçou</b> abandonar ou expulsar você de casa, <b>ou de fato fez isso</b> ?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                              |
| 5.3<br>[A3] | Algun de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa bateu, chutou, socou ou surrou você?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                         |
|             | Qual a <b>intensidade</b> dessas agressões?<br><input type="checkbox"/> Leve<br><input type="checkbox"/> Moderada<br><input type="checkbox"/> Intensa<br><input type="checkbox"/> Muito intensa<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                          |
| 5.4<br>[A4] | Algun de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa agrediu ou cortou você com algum objeto, como uma vara (ou bengala), garrafa, porrete, faca, chicote, ou algum outro objeto?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder |
|             | As próximas perguntas são sobre situações de assédio ou abuso sexual que <b>VOCÊ</b> pode ter vivenciado antes dos 18 anos, e que podem ter sido cometidas por qualquer pessoa. Antes dos 18 anos...                                                                                                                                                                                                                         |
| 5.5<br>[A5] | Alguém <b>tocou ou acariciou</b> você de uma forma sexual, sem que você quisesse?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                |
|             | Foi alguém que morava na sua casa? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 5.6<br>[A6] | Alguém <b>fez com que você tocasse</b> o corpo dele(a) de uma forma sexual, sem que você quisesse fazer isso?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                    |
|             | Foi alguém que morava na sua casa? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 5.7<br>[A7] | Alguém <b>tentou fazer</b> sexo oral, anal ou vaginal com você, sem que você quisesse?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                           |

|             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|             | Foi alguém que morava na sua casa? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 5.8<br>[A8] | Alguém <b>já fez</b> sexo oral, anal ou vaginal com você, sem que você quisesse?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|             | Foi alguém que morava na sua casa? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>6</b>    | <b>VIOLÊNCIA DE PARES</b><br>As próximas perguntas estão relacionadas ao <b>BULLYING</b> . O bullying ocorre quando um jovem ou um grupo de jovens fala ou faz coisas ruins ou desagradáveis para outro jovem.<br>Também é <b>bullying</b> quando uma pessoa jovem é provocada de forma desagradável ou quando é deixada de fora das atividades de propósito. Não é <b>bullying</b> quando dois jovens com a mesma força ou poder discutem ou brigam, ou, ainda, quando a provocação ocorre de forma amistosa e divertida. Nos primeiros 18 anos da sua vida...                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 6.1<br>[V1] | Com que frequência você sofria bullying?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca ( <i>Vá para Q.V3</i> )<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 6.2<br>[V2] | Qual era a forma <b>mais frequente</b> de bullying que você sofria?<br><b>(Assinalar apenas uma opção)</b><br><input type="checkbox"/> Me batiam, esbarravam em mim, era chutado(a), empurrado(a), ou trancado(a) em lugares fechados<br><input type="checkbox"/> Era zoado(a) (debochavam de mim) por causa da minha raça, nacionalidade ou cor da pele<br><input type="checkbox"/> Era zoado(a) (debochavam de mim) por causa da minha religião<br><input type="checkbox"/> Era zoado(a) (debochavam de mim) por meio de brincadeiras ou comentários de cunho sexual, ou gestos obscenos<br><input type="checkbox"/> Era excluído(a) de atividades de propósito ou completamente ignorado(a)<br><input type="checkbox"/> Era zoado(a) (debochavam de mim) por causa da aparência do meu corpo ou do meu rosto<br><input type="checkbox"/> Eu sofria alguma outra forma de bullying<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder |
|             | A próxima pergunta é sobre <b>BRIGAS FÍSICAS</b> . Uma briga física ocorre quando dois jovens com aproximadamente a mesma força ou poder escolhem brigar um contra o outro.<br>Durante o período de crescimento, nos primeiros 18 anos da sua vida...                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 6.3<br>[V3] | Com que frequência você se envolvia em uma briga física?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>7</b>    | <b>VIOLÊNCIA NA COMUNIDADE</b><br>As próximas perguntas são sobre a frequência com que <b>VOCE</b> viu ou ouviu certas coisas na sua <b>VIZINHANÇA OU COMUNIDADE</b> (não na sua casa ou na TV, rádio ou em filmes).<br>Nos primeiros 18 anos da sua vida...                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 7.1<br>[V4] | Você viu ou ouviu alguém sendo espancado (não na sua casa ou na TV, rádio ou em filmes)?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 7.2<br>[V5] | Você viu ou ouviu alguém sendo esfaqueado ou levando um tiro (não na sua casa ou na TV, rádio ou em filmes)?<br><input type="checkbox"/> Muitas vezes<br><input type="checkbox"/> Poucas vezes<br><input type="checkbox"/> Uma vez<br><input type="checkbox"/> Nunca<br><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

|              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|--------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 7.3<br>[V6]  | <p>Você viu ou ouviu alguém ser ameaçado(a) com uma faca ou arma de fogo (não na sua casa ou na TV, rádio ou em filmes)?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Uma vez</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>                                                                                               |
| <b>8</b>     | <b>VIOLÊNCIA COLETIVA</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|              | <p>As próximas perguntas são sobre se <b>VOCÊ</b> vivenciou ou não algum dos seguintes acontecimentos quando você era criança. Todos eles estão relacionados com violência coletiva, incluindo guerras ou tiroteios, terrorismo, conflitos políticos ou étnicos, genocídio, repressão ou toque de recolher, desaparecimentos, tortura e crime organizado violento, como bandidagem, tráfico de drogas e guerra de gangues.</p> <p>Nos primeiros 18 anos da sua vida...</p> |
| 8.1<br>[V7]  | <p>Você foi forçado a ir viver em outro lugar devido a algum desses acontecimentos?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Uma vez</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>                                                                                                                                    |
| 8.2<br>[V8]  | <p>Você vivenciou a destruição proposital da sua casa devido a algum desses eventos?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Uma vez</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>                                                                                                                                   |
| 8.3<br>[V9]  | <p>Você foi espancado por soldados, policiais, milicianos, gangues ou traficantes de drogas?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Uma vez</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>                                                                                                                           |
| 8.4<br>[V10] | <p>Algum familiar ou amigo(a) foi morto ou espancado por soldados, policiais, milicianos, gangues ou traficantes de drogas?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Uma vez</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>                                                                                            |
|              | <p>Para terminar, gostaríamos de saber se até os seus 18 anos, você vivenciou algum outro evento traumático que não foi mencionado durante esta entrevista?</p> <p><input type="checkbox"/> Não</p> <p><input type="checkbox"/> Sim</p> <p>Qual(is)?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>                                                                                                                                                                            |

### Anexo D: Escala de Forças de Caráter

| Instruções                                                           | Nada<br>a ver comigo | Um pouco<br>a ver comigo | Mais ou menos<br>a ver comigo | Muito<br>a ver comigo | Tudo<br>a ver comigo |
|----------------------------------------------------------------------|----------------------|--------------------------|-------------------------------|-----------------------|----------------------|
| 1. Sei o que fazer para que as pessoas se sintam bem.                | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 2. Trato todas as pessoas com igualdade.                             | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 3. Faço as coisas de jeitos diferentes.                              | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 4. Sou competente para dar conselhos.                                | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 5. Ter que aprender coisas novas me motiva.                          | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 6. Faço bons julgamentos, mesmo em situações difíceis.               | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 7. Penso em diferentes possibilidades quando tomo uma decisão.       | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 8. Sinto que a minha vida tem um sentido maior.                      | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 9. Sou competente para analisar problemas por diferentes "ângulos".  | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 10. Não minto para agradar as pessoas.                               | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 11. Reconheço meus defeitos.                                         | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 12. Sou paciente.                                                    | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 13. Viver é empolgante.                                              | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 14. Levo a vida com bom humor.                                       | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 15. Coisas boas me aguardam no futuro.                               | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 16. Eu me sinto amado(a).                                            | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 17. Não vejo o tempo passar quando estou aprendendo algo novo.       | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 18. Sempre tenho muita energia.                                      | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 19. As pessoas confiam na minha capacidade de liderança.             | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 20. Expresso meus afetos com clareza.                                | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 21. Gosto de fazer gentilezas para os outros.                        | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 22. Tenho que agradecer pelas pessoas que fazem parte da minha vida. | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 23. Sinto uma forte atração por novidades.                           | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 24. Consigo encontrar em minha vida motivos para ser grato(a).       | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 25. Gosto de descobrir coisas novas.                                 | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 26. Não guardo mágoas se alguém me maltrata.                         | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 27. Creio que amanhã será melhor que hoje.                           | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 28. Acredito em uma força sagrada que nos liga um ao outro.          | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 29. Penso muito antes de tomar uma decisão.                          | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |

**Instruções**

Abaixo há uma lista de afirmações. Por favor, leia cada uma e decida o quanto cada item se assemelha a você e assinale um dos valores, de zero a quatro. Seja sincero(a) e **responda como "você é"** e não como "gostaria de ser" ou como "as pessoas acham que você é". Não há respostas certas ou erradas. Não deixe nenhum item sem preencher.

|                                                                                             | Nada<br>a ver comigo | Um pouco<br>a ver comigo | Mais ou menos<br>a ver comigo | Muito<br>a ver comigo | Tudo<br>a ver comigo |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|--------------------------|-------------------------------|-----------------------|----------------------|
| 30. Crio coisas úteis.                                                                      | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 31. Penso que todo mundo deve dedicar parte de seu tempo para melhorar o local que habita.  | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 32. Perdoo as pessoas facilmente.                                                           | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 33. Sou uma pessoa verdadeira.                                                              | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 34. Consigo criar um bom ambiente nos grupos que trabalho.                                  | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 35. Enfrento perigos para fazer o bem.                                                      | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 36. Analiso o que as pessoas dizem antes de dar minha opinião.                              | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 37. Sou uma pessoa amorosa.                                                                 | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 38. Mantenho a calma mesmo em situações difíceis.                                           | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 39. Sei admirar a beleza que existe no mundo.                                               | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 40. Não desisto antes de atingir as minhas metas.                                           | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 41. Ajo de acordo com meus sentimentos.                                                     | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 42. Consigo fazer as pessoas sorrirem com facilidade.                                       | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 43. Sinto um encantamento por pessoas talentosas.                                           | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 44. Agradeço a cada dia pela vida.                                                          | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 45. Não perco as oportunidades que tenho para aprender coisas novas.                        | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 46. Sou uma pessoa que tem humildade.                                                       | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 47. Eu me esforço em tudo que faço.                                                         | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 48. Tenho ideias originais.                                                                 | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 49. Sei que as coisas darão certo                                                           | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 50. Acho que é importante ajudar os outros.                                                 | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 51. Acreditar em um ser superior dá sentido à minha vida.                                   | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 52. Persisto para conquistar o que desejo.                                                  | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 53. Eu me sinto cheio(a) devida.                                                            | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 54. Penso que a vingança não vale a pena.                                                   | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 55. Sou uma pessoa bastante disciplinada.                                                   | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 56. Não ajo como se eu fosse melhor do que os outros.                                       | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 57. Corro riscos para fazer o que tem que ser feito.                                        | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 58. As regras devem ser cumpridas por todos.                                                | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 59. Tenho muita facilidade para perceber os sentimentos das pessoas mesmo sem elas dizerem. | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 60. Sou uma pessoa cuidadosa.                                                               | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |

**Instruções**

Abaixo há uma lista de afirmações. Por favor, leia cada uma e decida o quanto cada item se assemelha a você e assinale um dos valores, de zero a quatro. Seja sincero(a) e **responda como “você é”** e não como “gostaria de ser” ou como “as pessoas acham que você é”. Não há respostas certas ou erradas. Não deixe nenhum item sem preencher.

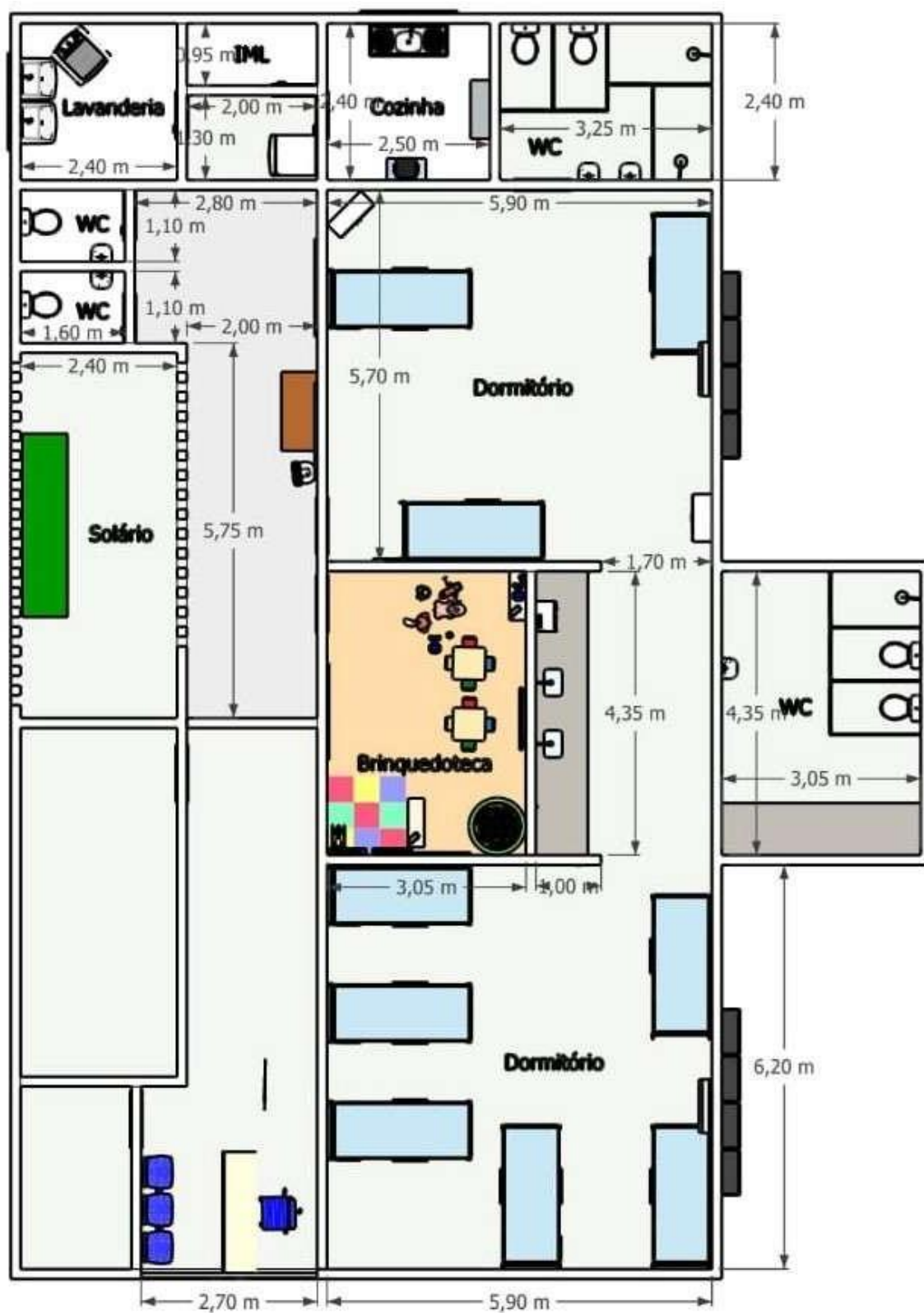
|                                                                                 | Nada<br>a ver comigo | Um pouco<br>a ver comigo | Mais ou menos<br>a ver comigo | Muito<br>a ver comigo | Tudo<br>a ver comigo |
|---------------------------------------------------------------------------------|----------------------|--------------------------|-------------------------------|-----------------------|----------------------|
| 61. Faço coisas concretas para tornar o mundo um lugar melhor para se viver.    | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 62. Tenho facilidade para organizar trabalhos em grupos.                        | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 63. Consigo ajudar pessoas a se entenderem quando há uma discussão.             | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 64. Tenho facilidade para fazer uma situação chata se tornar divertida.         | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 65. Costumo tomar decisões quando estou ciente das consequências dos meus atos. | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 66. Dar é mais importante que receber.                                          | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 67. Eu me sinto bem ao fazer a coisa certa mesmo que isso possa me prejudicar.  | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 68. Sou uma pessoa justa.                                                       | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 69. Sempre quero descobrir como as coisas funcionam.                            | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 70. Tenho muitos amores.                                                        | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |
| 71. Mantenho minha mente aberta.                                                | ①                    | ②                        | ③                             | ④                     | ⑤                    |

### Anexo E: Inventário de Crescimento Pós-Traumático

| <p>Antes de responder as seguintes perguntas, concentre-se em um evento que você considera traumático ou que alterou a sua vida.</p> <p><b>Evento:</b> _____</p> <p>Considerando o impacto que esse evento proporcionou, indique, para cada afirmativa abaixo, o <u>grau de mudanças experienciado</u>, utilizando a seguinte escala:</p> <p>0 = <b>Não experimentei</b> essa mudança como resultado do evento.<br/>         1 = Eu experimentei essa mudança em um <b>grau muito pequeno</b><br/>         2 = Eu experimentei essa mudança em um <b>grau pequeno</b> .<br/>         3 = Eu experimentei essa mudança em um <b>grau moderado</b> .<br/>         4 = Eu experimentei essa mudança <b>em grande parte</b>.<br/>         5 = Eu experimentei <b>muito</b> essa mudança.</p> |                                                            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|
| <b>Grau</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | <b>Afirmativa</b>                                          |
| ___                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 1. Dou mais valor à minha vida                             |
| ___                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 2. Tenho novos interesses                                  |
| ___                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 3. Compreendo melhor a espiritualidade                     |
| ___                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 4. Estabeleci um novo rumo para a minha vida               |
| ___                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 5. Sinto-me mais próximo das outras pessoas                |
| ___                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 6. Consigo transmitir mais as minhas emoções               |
| ___                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 7. Agora sei que sou capaz de lidar com situações difíceis |
| ___                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 8. Eu sou capaz de fazer melhores coisas com a minha vida  |
| ___                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 9. Aceito melhor a forma como as coisas são                |
| ___                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 10. Aprecio mais cada dia da minha vida                    |

|     |                                                                           |
|-----|---------------------------------------------------------------------------|
| ___ | 11. Surgiram oportunidades que não teriam surgido de outra forma          |
| ___ | 12. Sinto mais compaixão pelas outras pessoas                             |
| ___ | 13. Esforço-me mais nos meus relacionamentos                              |
| ___ | 14. É mais provável que eu tente mudar as coisas que precisam ser mudadas |
| ___ | 15. Tenho uma fé religiosa mais forte                                     |
| ___ | 16. Descobri que sou mais forte do que pensava                            |
| ___ | 17. Aprendi que as pessoas podem ser maravilhosas                         |
| ___ | 18. Aceito melhor o fato de precisar dos outros                           |

## Anexo F: Planta da UMI



## Anexo G: Parecer Consubstanciado - Aprovação do Comitê de Ética

NÚCLEO DE MEDICINA  
TROPICAL DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PARÁ -  
NMT/UFPA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Mães e crianças em contexto de cárcere: trajetórias de vida, práticas de cuidado e rede de apoio

**Pesquisador:** Celina Maria Colino Magalhães

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 83034424.0.0000.5172

**Instituição Proponente:** Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

**Patrocinador Principal:** CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTIFICO E TECNOLÓGICO-CNPQ

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 7.264.454

#### Apresentação do Projeto:

O projeto “Mães e crianças em contexto de cárcere: trajetórias de vida, práticas de cuidado e rede de apoio” constitui um projeto de pesquisa coordenado pela professora doutora Celina Maria Colino Magalhães, e que tem na equipe as pesquisadoras Profa. Daniela Castro dos Reis (vice coordenadora da equipe), Lília Iêda Chaves Cavalcante, e Milene Maria Xavier Veloso, todas vinculadas ao Programa de Pós Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento do Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento (NTPC), da UFPA, além da pesquisadora Dalízia Amaral Cruz. O projeto objetiva analisar o contexto de cárcere como microssistema de desenvolvimento de bebês, envolvendo as díades mães/bebês. Será desenvolvido em três estudos, a saber: Estudo 1 objetiva analisar as trajetórias de vida das mães, identificando fatores de risco e proteção; o Estudo 2 objetiva analisar as crenças e práticas parentais das mães com seus filhos, em contextos de privação de liberdade, e o Estudo 3 visa descrever os espaços, em contexto de cárcere, onde as mães vivem com os seus filhos, mas também identificar e caracterizar as rotinas das crianças dentro da prisão, bem como a rede de apoio de mães e filhos. Participarão 30 mulheres custodiadas grávidas ou puérperas de uma instituição prisional do Estado do Pará. Para a coleta de dados será utilizado um questionário para caracterização das mães em contexto de cárcere e um Roteiro da entrevista semiestruturada (Estudo 1); o Inventário do Conhecimento do Desenvolvimento Infantil (KIDI)

**Endereço:** Av. Generalíssimo Deodoro, n° 92

**Bairro:** Umarizal

**CEP:** 66.055-240

**UF:** PA

**Município:** BELEM

**Telefone:** (91)3201-0961

**E-mail:** cepnmt@ufpa.br

**NÚCLEO DE MEDICINA  
TROPICAL DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PARÁ -  
NMT/UFPA**



Continuação do Parecer: 7.264.454

(Estudo 2) e no Estudo 3 serão realizadas sessões de observação participante do espaço prisional onde as crianças vivem com as suas mães, apreendendo-se os comportamentos e os acontecimentos (rotinas das crianças).

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Geral: (p. 4 do Projeto da Plataforma)

Analisar o contexto de cárcere como microssistema, envolvendo as díades mães-bebês e sua rede de apoio.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos: Os riscos em participar do estudo, são praticamente nulos, do ponto de vista de integridade física, psicológica e moral do participante, ainda assim será garantido o respaldo por parte do pesquisador responsável a qualquer tipo de incômodo manifestado após o responder ao questionário e entrevista.

Benefícios: Os ganhos advindos da participação do estudo estão ligados ao aprimoramento e ajustes de conduta na condução de seu trabalho profissional dos agentes penitenciários e/ou na melhoria nas condições de atendimento as mães e crianças no contexto de cárcere.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto atende ao critério de relevância científica e social, apresenta de maneira clara a metodologia do estudo, atende ao que é preconizado na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que estabelece as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas com seres humanos (sigilo, autonomia e voluntariedade dos participantes, autorização de participação no estudo por parte dos participantes).

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

1. FOLHA DE ROSTO CONEP - Apresentado e adequado.
2. PROJETO DE PESQUISA ORIGINAL NA ÍNTEGRA - Apresentado e adequado.
3. TAI o Termo de Anuência Institucional o Apresentado e adequado. (Declaração de Anuência da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária, Sr. MARCO ANTONIO SIROTHEAU CORRÊA RODRIGUES.
4. CRONOGRAMA o Apresentado e adequado. Prevê o início da coleta de dados para 10/12/2024.
5. ORÇAMENTO: É apresentado um o Termo de outorga do CNPq, comprovando o

**Endereço:** Av. Generalíssimo Deodoro, nº 92

**Bairro:** Umarizal

**UF:** PA **Município:** BELEM

**Telefone:** (91)3201-0961

**CEP:** 66.055-240

**E-mail:** cepnmt@ufpa.br

**NÚCLEO DE MEDICINA  
TROPICAL DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PARÁ -  
NMT/UFPA**



Continuação do Parecer: 7.264.454

financiamento do projeto.

6. TALE ☒ Termo de Assentimento Livre e Esclarecido ☒ Não se aplica.

7. TCUD ☒ Termo de Compromisso de Utilização de Dados ☒ Apresentado, e assinado pelas pesquisadoras.

8. TCLE ☒ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ☒ Apresentado e adequado.

**Recomendações:**

Não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

As pendências dos pareceres anteriores foram atendidas.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Diante do exposto, este Colegiado manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa por estar de acordo com a Resolução CNS nº510/2016 e Norma Operacional 001/2013. Cabe ainda ao pesquisador:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final para este CEP;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- d) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- e) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- f) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, alteração ou interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.
- g) comunicar antecipadamente alterações no cronograma por meio da Plataforma Brasil via Emenda.

Esclarecemos que a responsabilidade do pesquisador é indelegável, indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais.

**Endereço:** Av. Generalíssimo Deodoro, nº 92

**Bairro:** Umarizal

**UF:** PA

**Município:** BELEM

**CEP:** 66.055-240

**Telefone:** (91)3201-0961

**E-mail:** cepnmt@ufpa.br

**NÚCLEO DE MEDICINA  
TROPICAL DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PARÁ -  
NMT/UFPA**



Continuação do Parecer: 7.264.454

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento                                            | Arquivo                                       | Postagem            | Autor                         | Situação |
|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|---------------------|-------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2281431.pdf | 06/11/2024 12:31:01 |                               | Aceito   |
| Outros                                                    | TCUD.pdf                                      | 06/11/2024 12:30:17 | Celina Maria Colino Magalhães | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | ProjetoCompleto.docx                          | 07/10/2024 13:30:47 | Celina Maria Colino Magalhães | Aceito   |
| Outros                                                    | Respostadoparecer.pdf                         | 07/10/2024 13:29:50 | Celina Maria Colino Magalhães | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.docx                                     | 07/10/2024 13:16:44 | Celina Maria Colino Magalhães | Aceito   |
| Folha de Rosto                                            | folhaRosto.pdf                                | 05/09/2024 11:07:37 | Celina Maria Colino Magalhães | Aceito   |
| Declaração de concordância                                | Autoriz.pdf                                   | 27/08/2024 13:36:25 | Celina Maria Colino Magalhães | Aceito   |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BELEM, 03 de Dezembro de 2024

Assinado por:  
Esther Iris Christina Freifrau von Ledebur  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Av. Generalíssimo Deodoro, n° 92

**Bairro:** Umarizal

**UF:** PA

**Telefone:** (91)3201-0961

**Município:** BELEM

**CEP:** 66.055-240

**E-mail:** cepnmt@ufpa.br